

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS SOBRE CORPO E GÊNERO
CONTIDOS NAS ENCICLOPÉDIAS SEXUAIS
PUBLICADAS NO BRASIL NAS DÉCADAS DE 80 E 90

Tito Sena

Florianópolis

2001

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS SOBRE CORPO E GÊNERO
CONTIDOS NAS ENCICLOPÉDIAS SEXUAIS
PUBLICADAS NO BRASIL NAS DÉCADAS DE 80 E 90

Tito Sena

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Psicologia como
requisito parcial para obtenção do título
de Mestre em Psicologia

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mara Coelho de Souza Lago

Co-orientador: Prof.^o Dr.^o Kleber Prado Filho

Florianópolis

2001

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

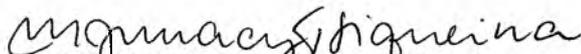
Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado

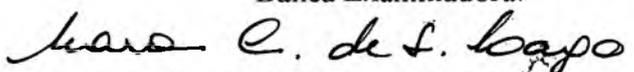
***UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS SOBRE CORPO E GÊNERO
CONTIDOS NAS ENCICLOPÉDIAS SEXUAIS PUBLICADAS NO BRASIL
NAS DÉCADAS DE 80 E 90***

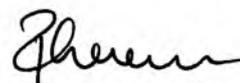
Tito Sena

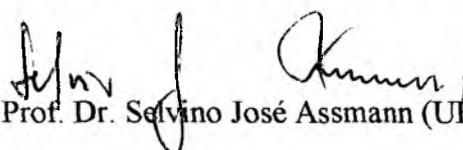
Dissertação defendida como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, Linha de Pesquisa Práticas Sociais e Constituição do Sujeito, da Universidade Federal de Santa Catarina e aprovada pela Banca Examinadora composta pelos seguintes professores:


Prof^ª Dr^ª Maria Juracy Toneli Siqueira
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:


Prof^ª Dr^ª Mara Coelho de Souza Lago (UFSC)
Orientadora


Prof^ª Dr^ª Rosângela Miranda Cherem (UDESC)


Prof. Dr. Selvino José Assmann (UFSC)

APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA EM, 21/12/2001.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que de forma direta e indireta me auxiliaram na realização deste trabalho de pesquisa.

Aos colegas da pós-graduação, participantes de debates enriquecedores;

Aos professores, professoras, mestres e doutores que mediaram reflexões;

Aos amigos e amigas que opinaram nas situações solicitadas;

Às pessoas queridas e adoradas que compreenderam minhas ausências e afastamentos;

Às pessoas que toleraram as minhas eventuais intolerâncias;

Aos incentivadores do projeto original;

Aos colaboradores técnicos;

A todos estes, não identificados nominalmente, para evitar esquecimentos injustos;

Em especial, agradeço ao Professor Doutor Kleber Prado Filho, meu co-orientador, cujas intervenções, críticas, sugestões e recomendações, foram fundamentais na trajetória percorrida para a elaboração desta dissertação. Agradeço sua preocupação em repassar-me seu conhecimento da obra de Michel Foucault.

De maneira super-especial, agradeço imensamente minha orientadora, Professora Doutora Mara Coelho de Souza Lago, por sua enorme capacidade de promover reflexões, sua meticulosa revisão textual, sua solicitude, paciência, postura ética, sempre conduzindo a orientação num nível intelectual incrivelmente compartilhador, estimulante e inigualável. Uma mulher que, apesar das contrariedades pessoais, não mediu esforços para superar-se. Sou eternamente grato.

SUMÁRIO

RESUMO	iv
ABSTRACT	v
INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I - Reflexões teóricas	06
1.1 - O corpo na perspectiva de Michel Foucault	06
1.2 - Os estudos de gênero e Foucault	19
1.3 - Foucault e a repressão do sexo.....	29
1.4 - A constituição do sujeito em Foucault	35
CAPÍTULO II - Método: A análise de discurso de Michel Foucault.....	38
2.1 - As análises de discurso.....	38
2.2 - A arqueologia.....	41
2.3 - A genealogia.....	45
2.4 - A arqueologia/genealogia.....	47
CAPÍTULO III - Análise das enciclopédias sexuais	50
3.1 - Apresentação das enciclopédias	50
3.2 - Análise preliminar: características gerais.....	57
3.3 - Análise dos discursos sobre corpo.....	70
3.4 - Análise dos discursos sobre gênero.....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
CONSULTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	103
Consultas e referências bibliográficas.....	103
Consultas - obras e textos de Michel Foucault.....	114
Consultas - obras de comentadores de Michel Foucault.....	116
Consultas - obras e artigos sobre corpo.....	118
Consultas - obras e artigos sobre gênero.....	120
ANEXO I	122

RESUMO

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa documental que, utilizando-se da matriz teórica e metodológica de Michel Foucault, elaborou uma análise de discurso das enciclopédias e guias sexuais editados no Brasil nas décadas de 80 e 90. Foram privilegiadas as categorias analíticas de Corpo e Gênero para a realização do mapeamento correlacional dos enunciados, detectando-se as rupturas(descontinuidades) e permanências(continuidades) nos discursos dos documentos.

Confirmando as teses foucauldianas, o corpo continua sendo objeto de investigações e intervenções através de macro e microfísicas de poderes e alvo de controles disciplinadores e reguladores que o submetem a normalizações e normatizações. Vários dispositivos institucionais, jurídicos, psicológicos, sociológicos e outros, agindo visivelmente e anonimamente numa complicada engrenagem que envolve relações de forças(poder) e relações de formas discursivas(saber), vão inscrevendo marcas textuais, escritas sobre a pele e penetrando na profundidade corpórea. Esta incorporação, parte do processo de constituição da subjetividade, é agenciada pelos meios e veículos de comunicação de massa, de maneira a atuar tanto nos corpos individuais como no grande corpo social.

Nesta mesma linha de raciocínio, no tocante aos discursos de gênero (mais ausentes do que presentes) nas enciclopédias, os corpos masculinos e femininos continuam a serem tratados, extrapoladamente, de maneira biológica diferencial, o que desencadeia naturalizações de experiências construídas em campos históricos e culturais. As pulverizadas e dispersas relações poder/saber, apesar dos visíveis esforços dos movimentos feministas, ainda sustentam práticas sociais que hierarquizam as relações entre os homens e as mulheres, sujeitando-os a uma "fixa" ordem do discurso.

~~O constatado domínio do(s) discurso(s) médico(s)(de-base-biológica), e a sua estreita ligação com o(s) discurso(s) sobre sexualidade, praticamente ignoram os avanços dos discursos sobre gênero e sua perspectiva de superação de desigualdades políticas ancoradas na diferença sexual. Os discursos da psicologia e da sociologia, por exemplo, nos tipos de publicações pesquisados, são meros coadjuvantes, auxiliares técnicos para sustentação de uma lógica assimétrica de dominação masculina.~~

Como ruptura principal, a emergência da Aids, no início da década de 80 se, por um lado, pôde ser apontada como promotora de alterações discursivas e indutora de novos intercâmbios corporais (menos físicos e mais virtuais) veio, num outro vetor, fortalecer o discurso médico higienista, na esfera sexual.

ABSTRACT

This study is the result of a document research which, based on the theoretical and methodological approach by Michel Foucault, elaborated an analysis of the encyclopedia discourse and sexual guideline books published in Brazil in the 80s and 90s. The analytic categories of Body and Gender were used for the utterance correlation mapping, identifying the ruptures (discontinuity) and permanence (continuity) in the document discourses.

Confirming Foucault's assertions, the body is still being the object of investigation and intervention through the macro- and micro- physics of power and is the target of disciplinary and regulatory control, being subjected to normalization and patterning. Many institutional devices - judicial, psychological, sociological and others - acting visibly and anonymously in an intricate mechanism which involves power relations and discursive relations (knowledge) inscribe textual features, written on the skin and penetrating in the bodily depth. This incorporation, which is part of the whole process of the constitution of the subjectivity, is handled by the means of mass communication, in a way to act both upon the individual bodies and the social body.

In the same line of reasoning, with respect to the gender discourses (more absent than present) in the encyclopedia, the male and female bodies are still being treated, excessively, in a differential biological manner, which triggers naturalization of experiences built in the historical and cultural fields. The dispersed power/knowledge relations, despite the clear struggles by the feminist movement, still sustain social practices which ranks in different levels the relations between men and women, subjecting them to a "fixed" discourse order.

The verified prevalence of the medical discourses (biologically based), and its strict relation to the discourses on sexuality, virtually ignore the advances of the discourse on gender and its perspective to overcome the political inequalities based on the sexual difference. The discourses of psychology and sociology, for instance, in the bibliography reviewed, play only the supporting role, and are mere technical aids for the permanence of an asymmetrical and male-dominated logic.

As a main rupture, the surge of AIDS, in the early 80s that, on the one hand, could be seen as a trigger of discursive changes and of new body interchange (less physical and more virtual), came, on the other hand, to strengthen the hygienist medical discourse in the sexual field.

*"Como o poder seria sem dúvida agradável e fácil de dismantelar,
se se limitasse a vigiar, espiar, surpreender, proibir e punir,
mas incita, suscita, produz; não é apenas olho e ouvido; faz agir e falar."*
Michel Foucault

"No gênero, a prática social se dirige aos corpos"
Robert Connell

INTRODUÇÃO

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa documental realizada segundo a perspectiva teórica e metodológica de Michel^h Foucault, tomando como categorias analíticas corpo e gênero, apresentados nos discursos presentes em guias e enciclopédias sexuais publicadas no Brasil, nas décadas de 80 e 90. Estas publicações, comercializadas em bancas de jornais e revistas sob a forma de fascículos semanais ou quinzenais, recebiam encadernações após o término da coleção, formando volumes.

Para fundamentar este trabalho, apresentar, nesta introdução, "o" tema único, é cometer infidelidade à matriz teórica escolhida, pois Foucault, em toda a sua obra posicionou-se frontalmente contrário, tanto aos monismos caracterizados pelas unicidades e polaridades fixas, quanto aos dualismos, com suas alternativas diádicas excludentes. Foucault é adepto do pluralismo e assim sendo, optou-se por descrever temas axiais norteadores desta pesquisa: o corpo marcado pelo poder-saber, a trama discursiva histórica e cultural, a constituição do sujeito a partir de práticas sociais e posições espacializadas.

A analítica pluridimensional de Foucault utiliza documentos representantes de uma forma de pensar sobre sexualidade dentro de uma época histórica e questiona o estabelecimento de verdades absolutas, indubitáveis, cuja função teleológica, finalista, nas ciências humanas inclusive, é ser taxionômica, classificatória. Indaga também o caráter universalista destas verdades, situando suas validades segundo contextos localizados, espaciais, culturais. Neste sentido, a inspiração deste trabalho em Foucault, deverá resultar em apontar o quanto verdades do passado se tornaram inverdades no presente, e como corolário, verdades do presente talvez se tornem inverdades no futuro, em outras palavras, não existe "verdade" intemporal. Os discursos, enquanto

instrumentos de divulgação de verdades, serão tratados como provisórios (por deslocamento temporal) e parciais (por deslocamento cultural). As editoras das enciclopédias sexuais, entretanto, insistem, sem exceção, que mostram e descrevem **tudo** o que se relaciona com a sexualidade, ao mesmo tempo em que se pretendem "portadoras de verdades científicas", como afirmam nos editoriais.

A edição destas enciclopédias no Brasil não ocorreu por mero e único interesse mercadológico, pois se iniciou no período derradeiro da ditadura militar, ou seja, em finais da década de 70 e início de 80, com o processo de abertura política e democratização. Isto não significa que, em períodos precedentes, publicações ou reportagens sobre sexualidade tenham sido inéditas, mas sim, que fatores aglutinadores e suportes instrumentais possibilitaram uma divulgação mais explícita e insistente da temática. Primeiramente, fatores como o movimento de liberação sexual da década de 60 (e sua chegada defasada no Brasil), a eclosão dos movimentos feministas, a inclusão acentuada das mulheres nos meios profissional e acadêmico, a produção literária, cinematográfica e teatral explorando sexualidades, etc. Em segundo, fatores como o retorno dos anistiados e as falas de suas experiências no exterior, a americanização do Brasil a partir dos anos 70, através de invasão de produtos e slogans da moda, a intensificação de estudos sexológicos e sua divulgação mundial, dentre outros. Por último, fatores como a flexibilização de setores conservadores institucionais (sustentadores da censura prévia oficial ou religiosa), a maior industrialização do parque editorial e a melhoria do sistema de transportes, divulgação e distribuição de bens materiais e culturais que podem ser destacados paralelamente ao acirramento da utilização do sexo ou do corpo como apelo para o consumo.

Ao longo dos últimos anos, o estudo sobre o corpo, além de ter sido prioritariamente focalizado pelas ciências biológicas e médicas, passou a ser também objeto de pesquisa das ciências humanas. Os corpos, de inúmeras maneiras, recebem múltiplas intervenções e inscrições, podendo sofrer desde leituras mais materiais, orgânicas, viscerais, até articulações sociais e virtuais, extra-corpóreas. O corpo tem materialidade, contornos e superfícies, e sua configuração anátomo-morfológica atual é o resultado(?) de uma formatação histórica. O corpo tem também beleza, fascínio, sedução, atitudes e gestos, posturas, modulações e modelações, normatizações e enquadramentos, diferenciados conforme a época e a sociedade. O corpo foi, é, e pode ser "negociado" em todo, em partes e até em grupos.

Este "corpo" está representado, descrito, demonstrado, enunciado em discursos dos saberes (as ciências, pseudo-ciências e não ciências) e nestes horizontes de difícil mensuração, os cruzamentos, conexões, e sobreposições exigem uma escolha de angulação e focalização ótica: as enciclopédias sexuais editadas no Brasil, nas décadas de 80 e 90, foram nossa fonte de pesquisa documental. No universo de publicações da época, estas enciclopédias ocuparam um espaço no mercado para o leitor, o colecionador ou o comprador eventual, encontrarem possíveis respostas às suas "dúvidas" sobre sexualidade. Sexualidade explorada de forma mais intensificada não somente pelo mercado editorial e pela mídia escrita, que vislumbrou o caráter mercantil e rentável do "sexo", como também pelos meios de (tele)comunicação de massa e mídia áudio-visual, com filmes, vídeos, programas televisivos, e mais recentemente a internet.

Estes fenômenos, obviamente típicos da sociedade capitalista e consumista, tiveram destaque a partir dos últimos 40 anos do século XX, com a multiplicação dos canais informativos e a popularização dos meios de comunicação de massa, produtores de mudanças incontestáveis no cotidiano das pessoas: divulgação instantânea de

acontecimentos, facilidade de contatos a longa distância e comercialização rápida de novas tecnologias, são alguns exemplos. Acrescente-se o fato de que com isso o próprio saber passou a ser exaustivamente comercializado, o saber sobre sexo, em especial, e de forma especializada.

A prolixidade e efervescência sexuais, seja de forma verbalizada ou escrita, a curiosidade, a boataria, verborragia e bisbilhotice sobre sexualidade, de forma pública ou privativa, promovem reflexões sobre as posições de Freud e Foucault quanto ao conceito de repressão sexual.

A análise histórico-política na perspectiva foucauldiana, aponta para um dispositivo da sexualidade que agrupa e acumula toda uma trama de variadas transformações do sexo em discurso, incitado polimorficamente e não reprimido. Na obra *História da sexualidade - a vontade de saber*, Foucault afirma que a sociedade "burguesa, capitalista, industrial", emergindo no Ocidente a partir do século XVIII, caracterizou-se por colocar **o sexo em discurso** e esse discurso acerca do sexo é produzido num regime de poder-saber-prazer. Tal regime é chamado de **dispositivo da sexualidade**¹ e busca instaurar a *verdade sobre o sexo*, verdade entendida como "construtora" da norma.

Para Foucault existem diferenças entre sexo e sexualidade: o sexo (humano), apesar de sua base biológica, recebe construções políticas; a sexualidade é uma construção do saber, com valor de normatização (heterossexualidade, sexualidade infantil, sexualidade juvenil, sexualidade do idoso, etc.).

¹ Dispositivo: "*conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos*" (Foucault, 1998:244) "*É isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles*"(op.cit., p.246). Consultar artigo "¿ Qué es un dispositivo?" de Gilles Deleuze em Balbier at alli.

O dispositivo da sexualidade possui a função de "*proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global*" (Foucault, 1988a:101). Os agentes "complementadores" do dispositivo da sexualidade não estão localizados em sujeitos específicos, mas estão difusos na sociedade (o Estado moderno, suas instituições, os médicos, os psiquiatras, os sanitaristas, a escola, etc.)

Dentro deste enfoque, emergem indagações e a pergunta de pesquisa - **Como** os guias, as enciclopédias, as publicações sexuais de modo geral, estariam, objetivamente, estabelecendo condutas e padronizações, funcionando como instrumentos de **normatização e normalização**²?

Tendo como marco embrionário deste trabalho, as leituras das obras *Vigiar e Punir*, editado originalmente em 1975 e *História da sexualidade - a vontade de saber*, publicado em 1976, efetua-se, nesta dissertação, primeiramente uma explanação das elaborações foucauldianas sobre o corpo e, em extensão, as apropriações feministas de sua teoria sobre as relações de poder/saber e gênero. Em seguida, discute-se a problematização da repressão do sexo e as interlocuções teóricas diretas de Michel Foucault com a psicanálise. O fechamento do capítulo I (Reflexões Teóricas) é realizado com a questão da constituição do sujeito.

O capítulo II contém a descrição e a fundamentação teórica-metodológica do método arqueológico/genealógico desenvolvido por Foucault.

A parte analítica da pesquisa forma o capítulo III, onde está elaborada a análise de discursos sobre corpo e gênero contidos nas enciclopédias e guias sexuais publicados no Brasil nas décadas de 80 e 90.

² **Normatização** como fixação de normas, preceitos e condutas; **normalização** como fixação classificatória de normal/anormal. Estes termos serão melhor explicados no corpo do trabalho.

CAPÍTULO I - REFLEXÕES TEÓRICAS

1.1 - O corpo na perspectiva de Michel Foucault

A preocupação com o corpo tem uma história. O corpo tem uma história multi-milénar dispersa e fragmentada em rituais e mitos que antecedem a escrita, mas está representado e registrado em estatuetas, desenhos e gravuras elaboradas em tempos que remontam ao aparecimento da espécie humana.

Há 2.400 anos atrás, nos séculos IV e III a.c., a filosofia grega já formulava teorias sobre corpo e alma, dicotomizadas, através das concepções platónicas e aristotélicas. A religião cristã sacralizou o corpo através de Santo Agostinho (V d.c.) e São Tomás de Aquino (XIII d.c.). No Renascimento, Descartes (XVII d.c.), ao postular o dualismo mente/corpo, possibilitou a dessacralização do corpo e o surgimento do mecanicismo (comparação corpo-máquina). Neste período intensificara-se o exame, a abertura e as disseções de cadáveres através da anatomia e fisiologia, alterando conceitos da medicina patológica. No século XVIII, surgem oposições à visão de corpo como máquina orgânica, considerando-o como dotado de sensibilidade e emoções.

Embora se observe que as reflexões sobre o corpo foram filosóficas, religiosas e fisiológicas (apresentadas nesta sucessão), em termos históricos da civilização ocidental, nos últimos anos o corpo passou a ser pesquisado em campos diversos³, sejam eles mitológicos, fenomenológicos, antropológicos, sociológicos, esportivos, artísticos, educacionais, etc.

³ Podemos destacar os trabalhos de Merleau Ponty (1999), Courtine (1995), Vigarello (1995), Boltanski (1989), Highwater (1992), Jaggar & Bordo (1997), Butler (1999), Weeks (1999), Grosz (2000) e Laqueur (1994e2001). Entre os nacionais, Louro (1999), Parker (1991), Romero (1995), Sant'Anna (1995), Soares (2001), Villaça & Góes (1998), Rodrigues (1999) e Queiroz (2000) são alguns exemplos.

Os múltiplos discursos sobre o corpo, no olhar de Michel Foucault, são agenciados pelas malhas dos saberes e pelas teias dos poderes. As "costuras" destes agenciamentos são elaboradas por diversos dispositivos institucionais (religiosos, jurídicos, psicológicos, sociológicos, dentre outros).

Conforme já foi mencionado, o corpo está tematizado de forma central em duas obras de Foucault: *Vigiar e Punir*, e *História da sexualidade – a vontade de saber*. Nos dois escritos são realizados, respectivamente, uma genealogia⁴ da sociedade disciplinar e uma genealogia do biopoder, em articulações que procuram diagnosticar e desconstruir as relações de poder/saber incidindo sobre os corpos na sociedade moderna. É importante destacar esta delimitação metodológica do corpo, a genealógica, em sua abordagem:

"Os historiadores vêm abordando a história do corpo há muito tempo. Estudaram-no no campo de uma demografia ou de uma patologia históricas; encararam-no como sede de necessidades e de apetites, como lugar de processos fisiológicos e de metabolismos (...). Mas o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais." (Foucault, 1999b:25) (grifos meus)

A historicidade do corpo, portanto, deve ser analisada numa perspectiva política, em teias discursivas que, utilizando e formando dispositivos estratégicos, atravessam os corpos em seu cotidiano singular e em sua abrangência coletiva, em relações complexas intimamente conectadas ao exercício de poder. O corpo, portanto, é o "lugar" maleável⁵ onde práticas sociais micro-pontuais e localizadas se relacionam com a organização do poder, inclusive e notadamente com o sistema econômico.

⁴ Genealogia, em Foucault, é uma análise histórica da proveniência dos discursos, de como eles se relacionam com as práticas sociais e de como emergiram como fonte de verdade.

⁵ Para Dreyfus & Rabinow (1995), neste ponto Foucault é influenciado pela noção nietzschiana de corpo: a maleabilidade do corpo quer dizer não apenas que o "corpo pode ser usado e vivenciado de diferentes maneiras e que os desejos são mudados pelas interpretações culturais, mas também que cada aspecto do corpo pode ser totalmente modificado de acordo com técnicas apropriadas" (p. 123).

"Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está **preso num sistema de sujeição**".(Foucault, 1999b:25-6) (grifos meu).

Esta "sujeição" não é apenas e unicamente obtida de forma violenta ou ideológica e, muito embora estes mecanismos até possam ser utilizados de forma direta, física, opressora, coatora, outros instrumentos multiformes, calculados, organizados, sutis, tecnicamente pensados, podem agir sobre os corpos, tornando-os alvo de um investimento tecnológico, político e discursivo. "Tecnologia", considerada por Foucault como tecnologia humana, social, antes de ser tecnologia material, técnica pura.

" Quer dizer que pode haver "um saber" do corpo que não é exatamente a ciência de seu funcionamento, e um controle de suas forças que é mais que a capacidade de vencê-las; esse saber e esse controle constituem o que se poderia chamar a **tecnologia política do corpo**. Essa tecnologia é difusa, claro, raramente formulada em discursos contínuos e sistemáticos; (...) Trata-se de alguma maneira de uma microfísica do poder posta em jogo pelos aparelhos e instituições, mas cujo campo de validade se coloca de algum modo entre esses grandes funcionamentos e os próprios corpos com sua materialidade e suas forças".(Foucault, 1999b:26) (grifo meu)

O saber ou os saberes, em Foucault, articulam-se com os múltiplos poderes, incidindo nos corpos, seja no corpo dos indivíduos, seja no corpo da população, marcando-os historicamente. Assim, na gênese humana, existem relações de vigilância, de controle e de registro. E os micropoderes⁶, em níveis capilar e tissular, agregando-se a macropoderes, institucionais, hierárquicos, organizacionais, administram ritmos e desejos, segundo coordenadas espaço-temporais, forjando um sujeito disciplinado, dócil.

⁶ "Com a condição de não entendermos 'micro' como uma simples miniaturização das formas visíveis ou enunciáveis, mas como um outro domínio, um novo tipo de relações, uma dimensão de pensamento irreduzível ao saber: ligações móveis e não-localizáveis" (Deleuze, 1988:82)

Desta forma, múltiplas relações, desde práticas disciplinares dos corpos, sustentadas através de discursos como os da medicina, da psicologia e da pedagogia, até práticas institucionais como as existentes em hospitais, famílias, penitenciárias e escolas e outros dispositivos da sociedade contemporânea, são ativadas e intensificam-se por uma maquinaria e mecânica de poder.

"Esses métodos que permitem o **controle minucioso das operações do corpo**, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as "**disciplinas**". (...) O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano. (...) A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)" (Foucault, 1999b:118-9) (grifos meus)

Deste pólo, de **corpo-máquina**, adestrado na ampliação de suas forças e assegurado por poderes disciplinares, ou seja, de uma *anatomo-política do corpo* humano desenvolvida a partir do século XVII, Foucault aponta para outro alvo, como pólo de organização do poder sobre a vida, a partir do século XVIII, não tão simples de focar: o **corpo-espécie**, a população. Não mais apenas o corpo concreto e singular do indivíduo, mas o "corpo molar" da sociedade, alvo de empreendimentos de controle, iniciando a era do "biopoder"⁷, a *bio-política da população*, caracterizada por técnicas diversas e numerosas para obterem a **sujeição**⁸ dos corpos e o controle da população.

E, admitindo como uma das formas primordiais da consciência de classe a afirmação do corpo, Foucault situa principalmente os meados do século XIX como locus de emergência deste centramento no **corpo-espécie** da burguesia, descrevendo:

⁷ Biopoder é, de acordo com Foucault, uma grande tecnologia desenvolvida a partir do século XVIII, centrada na administração dos corpos e na gestão calculista da vida ou, em outras palavras, na sujeição dos corpos e controle das populações. (Consultar cap. V - *História da sexualidade - a vontade de saber*).

⁸ No olhar foucauldiano, o sujeito é um sujeito submetido a processos de assujeitamento (em que é determinado) e processos de subjetivação (em que se determina) a partir de práticas sociais historicamente estabelecidas.

"Para que o proletariado fosse dotado de um corpo e de uma sexualidade, para que sua saúde e sua reprodução constituíssem problema, foram necessários conflitos (especialmente com respeito ao espaço urbano: coabitação, proximidade, contaminação, epidemias, como a cólera em 1832 ou, ainda, a prostituição e as doenças venéreas); foram necessárias urgências, de natureza econômica (desenvolvimento da indústria pesada, com a necessidade de uma mão-de-obra estável e competente, obrigação de controlar o fluxo da população e de obter regulações demográficas); foi necessária, enfim, a instauração de toda uma **tecnologia de controle** que permitia manter sob vigilância esse corpo e essa sexualidade que finalmente se reconhecia neles ..." (Foucault, 1988a:119). (grifos meus)

A sexualização do corpo do proletariado esteve assim atrelada às necessidades sócio-econômicas e a políticas higienistas de controle de riscos. A proximidade dos corpos, fruto do crescimento demográfico⁹ nos séculos XVIII e XIX, especialmente a concentração de pessoas em grandes cidades e a preocupação com o contágio de doenças, epidemias e pandemias, exigiram uma arquitetura urbana e um quadriculamento do corpo doméstico (o público e o privado, portanto).

"... a classe que se tornava hegemônica no século XVIII se atribuiu um corpo para ser cuidado, protegido, cultivado, preservado de todos os perigos e de todos os contatos, isolado dos outros para que mantivesse seu valor diferencial e isso outorgando-se, entre outros meios, uma **tecnologia do sexo**." (Foucault, 1988a:116-7). (grifos meus)

Para evitar a contaminação dos corpos higienizados, separam-se os corpos, e através de múltiplas e difusas técnicas institucionais, disciplina-se e administra-se o corpo em termos de tempo e espaço. O sexo e a sexualidade são, neste pensar, figuras históricas investidas por dispositivos de poder que marcam os corpos e gerenciam a população em seu detalhe corpóreo.

⁹ Desde os primórdios da história até cerca de 1800 dc, a **população do mundo** cresce vagarosamente, atingindo nesta época, 1 bilhão de pessoas. Entre 1800 e 1900, a população mundial praticamente dobrou, alcançando a cifra de 2 bilhões em 1925. Se por um lado, entre 1300 e 1600 a **população da Europa** era praticamente a mesma, entre 1500 e 1800 desencadeou-se um período de **expansão populacional urbana por migração**. (fonte: Almanaque Abril, Enciclopédia Compacta IstoÉ/Guinness e Atlas da História do mundo Folha de S.Paulo/The Times).

"O sexo não se julga apenas, administra-se. Sobreleva-se ao poder público; exige-se procedimentos de gestão; deve ser assumido por discursos analíticos. No século XVIII, o sexo se torna questão de "polícia". (...) **Polícia do sexo**: isto é, necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e não pelo rigor de uma proibição"(Foucault, 1988a:27-8)(grifos meus).

Para Foucault, a partir da metade do século XVIII, surgiu uma sexualidade de classes, sexualidade do proletariado distinta da sexualidade da burguesia, "inventada" por esta última, com o intuito de marcar uma distinção, numa espécie de "racismo" (ou "classismo"?) dinâmico, um racismo de expansão que consolidou-se na segunda metade do século XIX. Entretanto, o próprio Foucault afirma não ser esta uma invenção, mas uma transposição, sob outras formas, dos procedimentos utilizados pela nobreza para marcar a especificidade do seu próprio corpo. Enquanto a aristocracia olhava para trás, sua ascendência sangüínea, a burguesia olhava para frente, para sua descendência sadia.

"Deve-se vê-la (a burguesia), a partir da metade do século XVIII, empenhada em se atribuir uma sexualidade e constituir-se para si, a partir dela, um corpo específico, **um corpo "de classe"** com uma saúde, uma higiene, uma descendência, uma raça: **autossexualização do seu próprio corpo, encarnação do sexo em seu corpo próprio, endogamia do sexo e do corpo**" (Foucault, 1988a:117).(grifos meus)

E prossegue, nesta reflexão contida no volume *A vontade de saber*, de sua *História da Sexualidade*, afirmando que o crescimento e o estabelecimento da hegemonia burguesa devem ser ligados à **valorização do corpo**, não apenas ao seu valor mercantil e laborial, mas a uma **"cultura" do corpo burguês** fundamentada na higiene deste corpo e na higiene dos ambientes por onde estes corpos circulam, preocupada com o seu futuro (em especial a saúde) e com a manutenção de sua dominação.

"A "filosofia espontânea" da burguesia talvez não seja tão idealista e castradora, como se diz; uma de suas preocupações, em todo o caso, foi **assumir um corpo e uma sexualidade** - de garantir para si a força, a perenidade, a proliferação secular deste corpo, através de um dispositivo de sexualidade. É esse processo estava ligado ao movimento pelo qual ela afirmava sua diferença e sua hegemonia. É, sem dúvida, preciso admitir que **uma das formas primordiais da consciência de classe, é a afirmação do corpo**". (Foucault, 1988a: 118-9) (grifos meus)

Do ponto de vista foucauldiano, o corpo desta sociedade (a burguesa) passou, desde então, a ser investido por múltiplos discursos, principalmente sexuais ou sexualizados, ativados em macro e microesferas, em instituições e em lares. Os corpos vão adquirindo inscrições, inscrições textuais, revestimentos de saber. Estes textos são impressos, colados, escritos, sobre os contornos e superfícies corporais e com tamanha intensidade que penetram suas "entranhas", **incorporando-se**¹⁰ **ao sujeito**.

Nos últimos 200 anos, a "tecnologia política do corpo", a "valorização do corpo", a "polícia do sexo" continuam a agir sob outras formas, dispersas, difusas, institucionalizadas ou não. Realizando recortes históricos, principalmente a partir da década de 70, podemos perceber investimentos discursivos massificadores no corpo individual, através de uma corpolatria midiática que confirma uma tese foucauldiana: o corpo foi fragmentado e tem suas partes negociadas como produtos para serem melhorados ou aperfeiçoados. Através da exploração econômica e ideológica da erotização, desde os produtos de bronzear até os filmes pornográficos, criou-se uma forma de controle-estimulação, (con)versão reativa e reformatada do controle-repressão: **"Fique nu...mas seja magro, bonito e bronzeado!"** (Foucault, 1998: 147). Neste imperativo (subsumidamente, de produção econômica), a exaltação do corpo belo tem caráter intencionalmente pseudoproibitivo, estimulado cotidianamente, numa forma estratégica de imposição normatizadora. Exemplificando, no verão muitas

¹⁰ O prefixo "in" de incorporação pode, inapropriadamente, remeter a internalização. Talvez o termo mais adequado seja o trabalhado pela antropóloga Marilyn Strathern: **encorporação**.

peças querem "pegar uma corzinha". Antes, frequentam academias para "malharem" e obterem um corpo "sarado". Por quê? Por que é bonito? Por que a "moda" dita e a cultura impõe? Respostas simplistas, deterministas e reducionistas ofuscam uma reflexão histórica. Reflexão que Foucault nos convida a realizar em sua abordagem político-histórica.

A sociedade industrial contemporânea, através de múltiplas práticas e processos discursivos seccionou o corpo, tornando-o objeto submetido ao controle e à manipulação científica das tecnologias de biopoder. É notória a proliferação popular, via mídia, de cirurgias estéticas, bronzamento artificial, cremes rejuvenescedores, lentes oculares coloridas, implantes e colorizações capilares, numa espécie de intervenção tecnológica na geografia do corpo, visando, a priori, torná-lo mais erótico. Padronizadamente erótico. Modelado segundo as mais recentes descobertas e procedimentos científicos.

Estas conquistas da ciência, inclusive, estão evoluindo para uma divisão fococorpórea cada vez mais infinitesimal, através de fórmulas de intervenção molecular e de monitoramento das funções orgânicas. As lentes panópticas¹¹ do poder disciplinar estão progressivamente reduzindo o seu foco, fracionando o corpo como peça multissegmentar. População, corpo coletivo, corpo individual, corpo sexual, parte do corpo, superfície corpórea, etc., etc.,...e por fim (?) alterações moleculares e genéticas. O projeto Genoma, que pretende efetuar o mapeamento completo do código bioquímico-genético humano, ilustra este micro-fracionamento, retomando, por

¹¹ O panoptismo é, considerado por Foucault, como uma das maiores utilizações estratégicas, não só de controle visual, estabelecido arquitetonicamente, mas também vigilante e impositivo de uma conduta qualquer a uma multiplicidade humana qualquer. Consultar capítulo III - "O panoptismo" em *Vigiar e Punir* de Michel Foucault e *O panóptico* de Jeremy Bentham (2000).

inferência, os procedimentos eugênicos¹² para "purificação" da raça humana.

Microfísica do poder. Microfísica dos poderes disciplinares. **Biopoder**.

É neste campo "pós-disciplinar", centrado no controle de riscos e numa "biossociabilidade", que convém citar Paul Rabinow, um dos colaboradores de Michel Foucault:

"As investigações científicas que têm sido feitas na direção de um controle genético, as práticas de "mapeamento" das composições do DNA, de isolamento de séries, de genótipos constituídos da propensão de compostos patológicos, são um passo no sentido de uma **recodificação das formas sociais de efetuação de poder** e disposição dos aparatos de controle por meio desta "biossociabilidade" que se ocuparia da intervenção concreta na disposição dos armazenamentos de informação genética alterando o próprio sentido de vida e da espécie." (Rabinow apud Queiroz, 1999:102)(grifo meu)

Reiterando, com a explosão demográfica ocorrida nos fins do século XVIII iniciaram-se, de acordo com Foucault, estas intervenções no corpo-espécie, como efeitos das mudanças nos espaços institucionais¹³ (escolas, quartéis, fábricas, hospitais, prisões, hospícios) e da *medicalização* destes e quaisquer outros espaços aglomerativos:

"o domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do **investimento do corpo pelo poder**; a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao **desejo de seu próprio corpo** através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio"(Foucault, 1998:146).(grifos meus)

Na sociedade ocidental contemporânea, esta idolatria e cuidado com o corpo inserem-se numa dinâmica histórico-cultural intensificada através da influência dos discursos das mídias, principalmente a televisiva e a escrita, que vêm normatizando padrões de beleza estética. Entretanto, paradoxalmente, o mito da beleza vende um modelo erótico-estético que determina exclusão: quem não se enquadra está fora de aceitação. Surgem, desta forma, os rótulos estigmatizadores: os feios, os barrigudos, os

¹² No início do século XX estava em voga a eugenia, a procriação planejada de melhores indivíduos.

¹³ Em Foucault, estes espaços são máquinas sociais: "máquina-prisão", "máquina-escola", e etc.

carecas, os grisalhos, as estriadas, as gordinhas, as flácidas, as branquelas, etc. Como se percebe, a construção dos discursos históricos sobre os corpos (questão de gênero, portanto), não age, apenas “vigiar e modelando” o corpo feminino. O corpo masculino também é alvo direto destes dispositivos estratégicos. Uma indústria, não tão iniciante, está criando serviços e produtos erótico-estéticos para homens e a medicina plástica, via mídia, está divulgando e sendo procurada por camadas masculinas interessadas em cirurgias “corretivas”, além das já disseminadas academias de musculação com seus aparelhos ergométricos dirigidas a esta parte da população. A vaidade estética construída supostamente como prerrogativa feminina, ampliou domínios e valorização nos territórios masculinos.

Mas, voltamos a indagar, quem dita os padrões de beleza? Qual indústria? Qual veículo de comunicação e divulgação? Impossível identificar um agente principal. São várias práticas e discursos entrecruzados e interconectados, que têm em comum normatizar o corpo para obter e maximizar lucros, pois a massificação e uniformização de hábitos sempre favoreceu exponencialmente a produção e comercialização de produtos.

“Só é gordo quem quer! Acabe com sua careca! Flacidez e celulite, jamais!”, são alguns dos convites que a publicidade apresenta insistentemente e com tantos testemunhos. São mentiras? São verdades? São **verdades construídas historicamente**, a partir das contribuições de diversas ciências, com inúmeros **especialistas a legitimarem** as informações, distribuídas e divulgadas através de vários veículos (guias e enciclopédias sexuais são algumas destas formas populares de divulgação), tendo o corpo como alvo de investimentos, como objeto de enquadramentos, como sujeito a normatizações e a normalizações. Corpo atravessado pela história de “verdades”. De acordo com Foucault:

"Vivemos em uma sociedade que em grande parte marcha 'ao compasso da verdade' – ou seja, que produz e faz circular discursos que funcionam como verdade, que passam por tal e que detêm por este motivo poderes específicos. A produção de discursos 'verdadeiros' (e que, além disso, **mudam incessantemente**) é um dos problemas fundamentais do ocidente. A história da 'verdade' – do poder próprio aos discursos aceitos como verdadeiros – está totalmente por ser feita" (Foucault, 1998:231) (grifos meus)

Convém esclarecer, entretanto: Michel Foucault não diz que não há verdade, considera sim que certas verdades são compromissadas, válidas em certos territórios, relativizadas, "qualificadas", principalmente aquelas enunciadas como científicas. Neste ponto, é oportuno apresentar o seu conceito de **epistémê**¹⁴:

"Eu definiria epistémê como o dispositivo estratégico que permite escolher, entre todos os enunciados possíveis, aqueles que poderão ser aceitáveis no interior, não digo de uma teoria científica, mas de um campo de cientificidade, e a respeito de que se poderá dizer: é falso, é verdadeiro. É o **dispositivo que permite separar não o verdadeiro do falso, mas o inqualificável cientificamente do qualificável**" (Foucault, 1998:247) (grifos meus)

Importante acrescentar que "*Numa cultura e num dado momento, nunca há mais que uma epistémê, que define as condições de possibilidade de todo saber*". (Foucault, 1999a:230). Daí a preocupação, nesta pesquisa, para com os discursos presentes nas enciclopédias que fornecem ao leitor "verdades" sobre o corpo, que na realidade são verdades históricas, estabelecidas em uma dada época, estudadas segundo a genealogia de Michel Foucault.

É no escrito *Nietzsche, a genealogia e a história*, que encontramos uma síntese do que é o corpo para Foucault, e a tarefa da genealogia (terminologia nietzscheana) como método para verificação destas inscrições "verdadeiras", produzidas historicamente sobre o corpo:

¹⁴ O domínio da epistémê é representado pelo "triedro dos saberes": as ciências matemáticas e físicas, as ciências empíricas (matematizáveis) e a reflexão filosófica. As ciências humanas, as "quase ciências", estariam nos interstícios deste campo tridimensional, em relação constante. Ler *As palavras e as coisas*, cap. X.

"O corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as idéias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização. A genealogia, como análise da proveniência, está portanto no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve **mostrar o corpo inteiramente marcado de história ...**" (Foucault, 1998:22) (grifo meu)

Estas marcas históricas, apesar de mais evidentes nos espaços de grande aglomeração e confinamento, como presídios, hospitais, hospícios, asilos, quartéis, fábricas, oficinas, conventos, escolas, constituem-se também nos pequenos espaços familiares e profissionais, pois o indivíduo não pára de passar de um espaço fechado a outro, tendo seu tempo controlado e seu corpo monitorado (direta e indiretamente). Estas múltiplas divisões (e coordenadas) espaço-temporais do sujeito, formando diagramas¹⁵, mapas de relações de forças (poder) mutáveis e tendo como suporte o modelo arquitetural e óptico do panoptismo, possibilitam e permitem a imposição de condutas, gestos e comportamentos, disciplinando corpos utilitariamente, de maneira funcional. Esta "arte das distribuições" e "controle da atividade" emergem, segundo Foucault, na metade do século XVIII:

"Define-se uma espécie de esquema anátomo-cronológico do comportamento. O ato é decomposto em seus elementos; é definida a posição do corpo, dos membros, das articulações; para cada movimento é determinada uma direção, uma amplitude, uma duração; é prescrita sua ordem de sucessão. **O tempo penetra o corpo, e com ele todos os controles minuciosos do poder**" (Foucault, 1999b:129). (grifos meus)

Efetuada esta "laçada" histórica, e sobrepondo o diagrama contemporâneo, verificamos o quanto estes acontecimentos e práticas ainda estão presentes em nossa época, imitados, repetidos, depositados, apoiados uns sobre os outros, sob formas de re-

¹⁵ Diagrama é a **exposição das relações de forças**, em sua densidade e intensidade. Nas palavras de Deleuze(1988), "*É que as forças aparecem em 'toda relação de um ponto a outro': um diagrama é um mapa, ou melhor, uma superposição de mapas*" (p.53). E acrescenta o que Foucault se considerava: "*Eu sou um cartógrafo...*"(Foucault apud Deleuze, 1988:53).

encadeamentos e rearranjos. O corpo não deixou de ser vigiado ou controlado, pelo contrário, as novas tecnologias e técnicas continuam lapidando-o, sob interesses múltiplos, principalmente políticos e econômicos, pois cada época, cada cultura tem suas maneiras próprias, peculiares, de impingir suas cicatrizes, chagas e estigmas, que se **in(en)corporam ao sujeito**.

A visibilidade no corpo destas marcas históricas têm suas gradações, algumas imediatamente reconhecíveis, outras totalmente invisíveis, mas estão lá, inscritas pelas relações de saber/poder. Desta maneira, não temos o corpo biológico, "natural" da criança, do idoso, do louco, do preso, do homossexual: temos o corpo- história-criança, o corpo-história-louco, o corpo-história-idoso, o corpo-história-homossexual. Corpos que acabam "**naturalizados**", quando deveriam ser "**historicizados**".

Nesta mesma linha de raciocínio, temos o corpo do homem e o corpo da mulher. Homens e mulheres (e seus corpos) são detentores de uma história, ou melhor, de um mosaico ou caleidoscópio de histórias, protagonizadas por vários "masculinos" e vários "femininos" em culturas diferenciadas e em épocas diferentes.

1.2 - Os estudos de gênero e Foucault

Os estudos contemporâneos de gênero têm uma história, do ponto de vista social, político e conceitual. O feminismo como movimento social, emergiu no Ocidente no século XIX, principalmente a partir de reivindicações das sufragistas. Podemos destacar as lutas pelo direito das mulheres ao voto, na virada do século, como um marco, muito embora as suecas já o tivessem conquistado em 1862. No Reino Unido o voto feminino é conquistado em 1918 (com lutas iniciadas por John Stuart Mill em 1866), nos EUA em 1920, mas em países como a Suíça (1971) e Liechtenstein (1976), este direito foi concedido há menos de 30 anos. No Brasil, o voto feminino em caráter nacional foi aprovado em 1934.

Na década de 30, obteve repercussão o estudo comparativo de culturas, da antropóloga norte-americana Margareth Mead, introduzindo o termo *papéis sexuais* para mostrar que comportamentos masculinos e femininos eram construídos e podiam variar de uma cultura para outra.

Apesar de Simone de Beauvoir publicar *Le deuxième sexe* em 1949, foi na década de 60 (principalmente após o movimento de 1968) que o feminismo, inclusive radical, retomou suas forças contestatórias, sociais e políticas, sendo clássicas as obras *A mística feminina*(1963) de Betty Friedmann, *Políticas sexuais*(1969) de Kate Millet, *A mulher eunuco*(1970) de Germaine Greer, *A dialética do sexo*(1970) de Shulamith Firestone, e *A experiência sexual* (1970) de Juliet Mitchell. No decorrer da década de 70 inicia-se a discussão conceitual sobre gênero, nos campos teóricos e de militância prática.

Embora a categoria de gênero não tenha sido **diretamente** tematizada por Foucault, seus escritos tiveram ressonância, com desencadeamento progressivo de pesquisas e leituras, principalmente a partir do texto, entre outros, da norte americana Joan Scott, *Gênero, uma categoria útil de análise histórica*, publicado originalmente em 1979. Ancorada em Foucault, a historiadora se posiciona contrária a utilização de uma perspectiva de oposição binária universal antitética (masculino/feminino) da diferença sexual:

"Temos necessidade de uma rejeição do caráter fixo e permanente da oposição binária, de uma historicização e de uma desconstrução genuínas dos termos da diferença sexual" (Scott, 1995:84)

Scott, especialista no movimento operário do século XIX e na história do feminismo na França, afirma que a preocupação em considerar gênero uma categoria analítica só emergiu no final do século XX, e a trajetória do conceito de gênero passou por sucessivas reavaliações, rupturas e continuidades, tendo, portanto, como qualquer categoria, sua história.

" Minha definição de gênero tem duas partes e diversos subconjuntos que estão interrelacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de **relações sociais** baseadas nas **diferenças percebidas** entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às **relações de poder**. (Scott, 1995:86) (grifos meus)

Os grifos destacados na citação destacam os nexos com a perspectiva foucauldiana, pois Scott, além de ampliar o conceito, inserindo-o, seja como categoria social (e por isso passível de análise para a história) ou como categoria discursiva no campo das diferenças entre os sexos, refere-se diretamente à questão mais explorada pelas feministas, em Foucault: as **relações de poder**.

No pensamento do filósofo francês, a problematização das diferenças e desigualdades dos sexos é pluri-discursivamente estabelecida, e esta pluralidade

discursiva se opõe à polarização do pensamento e à lógica binária. A polaridade fixa é, pois, impossível dentro do raciocínio de Foucault. A análise se processa dentro de uma dinâmica (histórica) plural de poder, não de uma estática de poder (meramente estruturado). Considerando que os conceitos de hegemonia, sujeição, dominação, assimetria e hierarquia, referem-se a **relações de poder**, a apropriação e aproveitamento de sua teoria aos estudos de gênero, remete, no mínimo, a reconceitualizações e leituras plurais. A concepção de poder no pensamento foucauldiano é instigante, pois este é trabalhado fora das concepções clássicas:

" O poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns são dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada" (Foucault, 1988a: 89).

Scott (1995), ao propor o gênero como uma primeira forma de dar significado às relações de poder, onde ações históricas afirmaram-se e reafirmaram-se, objetivando-se numa política sobre as mulheres onde a diferença sexual foi concebida em termos de dominação e de controle sobre elas. A historiadora aponta para uma possibilidade de mudança iniciada em muitos lugares, para o rompimento da auto-reprodução do essencialismo dual masculino/feminino, posto que estes antagonismos não são características inerentes da espécie humana, mas constructos históricos subjetivos, ou ficcionais.

"Finalmente, é preciso substituir a noção de que o poder social é unificado, coerente e centralizado, por algo como o conceito de poder em Michel Foucault, entendido como constelações dispersas de relações desiguais, discursivamente constituídas em 'campos de forças' sociais" (Scott, 1995: 86)

Nesta linha de raciocínio, efetuar uma leitura foucauldiana da categoria gênero, é destacar a construção dos discursos sobre o masculino e o feminino, as assimetrias e desigualdades nos blocos de correlações de forças, em oscilações de micro e macropoderes nas relações homem/mulher. Nesta concepção, o discurso sobre

gênero é atravessado e conectado por inúmeros discursos, alguns agrupados proximalmente, outros distanciados, mas nenhum deles isolado, unificado.

Partindo da premissa básica de que "*o horizonte ao qual se dirige a arqueologia não é, pois, uma ciência, uma racionalidade, uma mentalidade, uma cultura.*".(Foucault,1995a:183), podemos afirmar, que o discurso sobre gênero articula-se com outros tantos, tais como o discurso feminista, discursos sobre maternidade e paternidade, discursos sobre a sexualidade, sobre a família, além de outros sub-discursos. Não temos portanto , **o** discurso sobre gênero (unitário), mas **os** discursos sobre gênero (múltiplos), açambarcando inclusive contradições, ambigüidades e incertezas, tal como em qualquer outro discurso, já que todos são construídos histórica e culturalmente (estando portanto, em contínua transformação).

Desta forma, considerando que os discursos sobre gênero são carregados de pluralizações desencadeadoras, sua aparente dispersão e pulverização fragmentária leva-nos a apreciá-los convergentemente de forma política, histórica e cultural, principalmente porque seu campo (espaço-temporal) envolve diferenciações, antagonizações, hierarquizações e exclusões.

Os estudos de gênero também privilegiam a concepção foucauldiana de que cada época e cada cultura tem sua versão particular do que é considerado desigual nas relações entre os sexos, opondo-se assim, à universalização trans-histórica da assimetrias de gênero.

"Foucault, em seus vários trabalhos, desmonta as representações fixas sobre a sexualidade demonstrando que cada época, cada cultura e até mesmo cada sub-cultura produz dispositivos específicos no que diz respeito ao exercício das práticas sexuais, às formas institucionais de controle destas práticas e à própria organização social da sexualidade"(Corrêa, 1996:152).(grifos meus)

As teorias feministas, as teorias sobre gênero e as teorias construcionistas sobre sexualidade, passaram justamente a ter em Foucault uma referência teórica importante, pelo seu questionamento do discurso universalizante da história convencional. Este pensar permitiu desfazer noções de identidade única, a-históricas e essencialistas de "mulher" e "homem", para mostrar homens e mulheres, sujeitos e assujeitados em relações de poder/saber histórico-culturais.

No rol de autoras feministas internacionais influenciadas por Foucault, traduzidas no Brasil, podemos destacar além de Joan Scott, Judith Butler (1987,1997,1999), Susan Bordo (1997), Michèle Barret (1999), Chantall Mouffe (1996), Teresa de Lauretis (1994), Donna Haraway (1994); entre as nacionais, citamos Margareth Rago (1998,2000), Tânia Navarro Swain (2000), Guacira Lopes Louro (1997,1999). E podemos acrescentar nomes masculinos, que têm dialogado também com Foucault numa perspectiva de gênero: Thomas Laqueur (1994,2001), Jeffrey Weeks (1999), Isaac Balbus (1987).

O campo interdisciplinar dos estudos de gênero, dota-o de possibilidade de diálogo com outras categorias, potencializando a utilização de variadas abordagens teóricas, mas é significativa a recorrência a Michel Foucault.

E quanto a possíveis objeções acadêmicas sobre esta multiplicidade discursiva interpenetrada em termos teóricos explicativos ou interpretativos, que dificultaria a reivindicação de um território específico para os estudos de gênero e sua ênfase no combate à desigualdade hierárquica homem/mulher, é oportuno citar Mouffe (1996):

"Na verdade, é em relação à **crítica do essencialismo** que podemos estabelecer uma convergência entre as mais diversas correntes de pensamento e encontrar similitudes no trabalho de autores tão diferentes como Derrida, Wittgenstein, Heidegger, Dewey, Gadamer, Lacan, Foucault, Freud e outros. Isto é muito importante, porque significa que uma tal crítica pode assumir muitas formas diferentes e, se quisermos escrutinar a sua relevância para a política feminista, temos de nos envolver em todas as suas modalidades e implicações e não afastá-las rapidamente com fundamento em alguma de suas versões." (p.102) (grifos meus)

A autora, defensora de abordagens anti-essencialistas e de um projeto democrático radical, na qual inclui uma política feminista, argumenta que o essencialismo *"é inelutavelmente deficiente quando se trata da construção de uma alternativa democrática, cujo objectivo é a articulação das lutas a diferentes formas de opressão."* (Mouffe,1996:103).

Butler (1987), em artigo intitulado *"Variações sobre Sexo e Gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault"* apresenta uma comparação sintética entre as elaborações destes autores, que embora divergentes em outros pontos, convergiram em entender gênero como prescrição e tarefa, como norma que as mulheres lutam para encarnar. Após expor que a teoria de Simone de Beauvoir sobre a natureza ambígua da identidade de gênero e sua formulação como um projeto ("não se nasce, mas torna-se mulher") foi modificada por Monique Wittig no artigo "Não se nasce mulher", Butler afirma que as duas autoras têm em comum o argumento que **o gênero torna-se o lugar dos significados culturais sobre as diferenças sexuais biológicas**, estas tidas como naturais. E a noção de sexualidade como constructo, é assim tomada emprestada de Foucault:

"A teoria de Wittig encontra apoio no primeiro volume de *A história da sexualidade* de Foucault, que sustenta improváveis mas significativas conseqüências para a teoria feminista. No que **Foucault procura subverter a configuração binária de força**, o modelo jurídico de opressor e oprimido, ele oferece algumas estratégias para a subversão da hierarquia de gênero. Para Foucault, a organização binária de forças, inclusive aquela baseada estritamente em polaridades de gênero, é efetuada por uma multiplicação de formas de poder produtivas e estratégicas." (Butler,1987:149).

Nesta linha de combate ao esquema binário hierarquizante e à naturalização dos papéis sociais em torno da diferença biológica, Tânia Swain faz referências também à utilização das reflexões de Foucault, sobre o **ordenamento dos corpos** em modelos centrados no sexo. Mas alerta que leituras superficiais, parciais e críticas de Foucault podem restringir sua adoção ao debate feminista.

"Certas reflexões de Foucault cruzaram-se e alimentaram, em muitos casos, as teorias feministas na medida que, justamente, desvelam no histórico-social quadros de disciplinaridade, formas de adensamento político sobre os corpos, que produzem, em suas diversas tecnologias, padrões de funcionamento e utilidade. (...) Entretanto, no caso do feminismo, uma leitura menos atenta pode ater-se apenas aos grandes traços esboçados por Foucault que contemplam episodicamente a **questão do corpo e do sexo da mulher**, e ver, nestas generalizações, um obstáculo para a decodificação das táticas e estratégias que investem os **corpos femininos**" (Swain, 2000:139). (grifos meus)

Percebe-se, em Foucault, os corpos (de homens e mulheres) historicamente alvos de inscrições discursivas, transpassados pela física e microfísica dos poderes, objetos de disciplinarização. Nas palavras de Bordo (1997):

"Através da busca de um ideal de feminilidade evanescente, homogeneizante, sempre em mutação — (...) — **os corpos femininos tornam-se o que Foucault chama de 'corpos dóceis'**: aqueles cujas forças e energias estão habituadas ao controle externo, à sujeição, à transformação e ao 'aperfeiçoamento'. Por meio de disciplinas rigorosas e reguladoras sobre a dieta, a maquiagem, e o vestuário — princípios organizadores centrais do tempo e espaço nos dias de muitas mulheres — somos convertidas em pessoas menos orientadas para o social e mais centradas na automodificação" (Bordo, 1997:20) (grifos meus)

O próprio Foucault em "Sujeito e Poder", um de seus últimos artigos, inclui a questão de gênero num rol de outras relações de lutas que têm em comum atacar, não tanto uma "instituição" de poder, ou grupo, ou elite ou classe, mas antes, atacar uma "forma" de poder:

"Para começar, tomemos uma série de oposições que se desenvolveram nos últimos anos: **oposição ao poder dos homens sobre as mulheres**, dos pais sobre os filhos, do psiquiatra sobre o doente mental, **da medicina sobre a população, da administração sobre os modos de vida das pessoas**. Não basta afirmar que estas são lutas antiautoritárias; devemos tentar definir mais precisamente o que elas têm em comum."(Foucault,1995b:234)(grifos meus)

No mesmo texto, relaciona seis características que aproximam em muito estes embates: 1) são lutas transversais (não são restritas a um país); 2) são lutas contra os efeitos de poder enquanto tal; 3) são lutas imediatas, por criticarem as instâncias de poder mais próximas e não esperarem encontrar soluções num futuro longínquo; 4) são lutas que questionam o governo da individualização; 5) são lutas contra a maneira pela qual o saber circula e funciona através de suas relações com o poder; e 6) estas lutas contemporâneas giram em torno da questão: **quem somos nós?**¹⁶

Outro texto de Michel Foucault bastante utilizado nos estudos de gênero, é o prefácio de *"Herculine Barbin: O Diário de um hermafrodita"*, onde o filósofo-historiador discute o drama e o trágico final suicida do protagonista da história ocorrida nos meados do século XIX, que após uma vivência feminina tem que, por decisão médico-jurídica, trocar legalmente de sexo. O texto é citado por alguns autores como Weeks (1999) e Britzmann (1999), para ilustrar debates sobre a identidade (sexual e de gênero) e discutir o estabelecimento dos padrões de normalidade e anormalidade, através de discursos que emergiam como ciência no século XIX e as novas configurações de poder correlacionadas a estes discursos. A respeito destas construções (discursivas) de sexualidade, Foucault afirma:

"Do ponto de vista médico (...) trata-se, antes, de decifrar **qual o verdadeiro sexo** que se esconde sob aparências confusas. (...) Do ponto de vista do direito, isso implica evidentemente o **desaparecimento da livre escolha**. Não cabe mais ao indivíduo decidir o sexo a que deseja pertencer jurídica ou socialmente; cabe ao perito dizer que sexo a natureza escolheu, e que conseqüentemente a sociedade exigirá que ele mantenha"(Foucault,1982:2-3).(grifos meus)

¹⁶ Ainda no texto "Sujeito e Poder", Foucault(1995b) afirma: "Talvez, o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos" (p.239).

O mesmo texto também é trabalhado por Didier Eribon (autor de uma das biografias de Foucault), no capítulo intitulado "Precisamos de um verdadeiro sexo?" do livro *Michel Foucault e seus contemporâneos*, entendendo que a questão abordada pelo pensador não era somente sobre hermafroditismo e "identidade" sexual" mas também sobre a invenção da categoria "homossexualidade" e o processo de sua reapropriação discursiva ocorrida a partir do século XIX.

"Se o interesse de Foucault pela questão do hermafroditismo se inscreve no âmbito do seu trabalho sobre a história da sexualidade, ele também está ligado a uma **reflexão sobre a identidade sexual**... (...) e pode-se dizer que o projeto teórico de Foucault está, **nesse ponto**, estreitamente ligado a um **projeto político (de política sexual)**, visando desfazer as evidências que organizam os modos de pensar e de agir" (Eribon, 1996:165-6). (grifos meus)

Um autor que une corpo e gênero, apropriando-se de algumas teses de Michel Foucault, é Thomas Laqueur, historiador que, em livro intitulado originalmente na edição americana¹⁷ de 1992, "*Making Sex – Body and gender from the greeks to Freud*", trabalha com as complexidades históricas que atravessam o corpo. Explora as práticas médicas ao longo dos últimos dois mil anos e descreve que até os fins do século XVIII, prevalecia um modelo de isoformismo sexual, o qual a mulher não existia como categoria ontológica distinta, e o homem era a referência única. O modelo de sexo único tomava o corpo feminino como o inverso do masculino e o discurso dominante interpretava os corpos masculinos e femininos de forma hierárquica e vertical. Laqueur propõe em sua livro:

"Eu não tenho interesse em negar a realidade do sexo ou do dimorfismo sexual como um processo evolucionar. Porém desejo mostrar, com base em evidência histórica, que **quase tudo que se queira dizer sobre sexo** - de qualquer forma que o sexo seja compreendido - **já contém em si uma reivindicação sobre o gênero**. O sexo, tanto no mundo de sexo único como no de dois sexos, é situacional; é explicável apenas dentro do contexto da luta sobre gênero e poder." (Laqueur, 2001:23)

¹⁷ O título na edição espanhola de 1994 é "*La construcción del sexo: cuerpo y género desde los griegos hasta Freud*". Na edição brasileira de 2001, o título é "*Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos até Freud*".

Segundo Laqueur, antes do século XVIII o sexo era um categoria sociológica e ontológica, pois o modelo de sexo único "colava" biologia com política de sexo. No final do século XVIII, com os avanços da "ciência" (e do biopoder conforme explorado por Foucault em *A vontade de saber*), surge um novo modelo de dimorfismo sexual, de divergência biológica, cuja anatomia e fisiologia, passaram a substituir e a sustentar outra hierarquia de representação da mulher, em relação ao homem. Esta reinterpretação dos corpos está profundamente marcada pelo poder político de gênero, e esta troca epistemológica é o resultado de desenvolvimentos mais amplos, tais como o crescimento da igreja evangélica, o surgimento de novos espaços públicos, as concepções de matrimônio como contrato, a possibilidade de trocas sociais abertas pela Revolução Francesa, o feminismo subsequente, o conservadorismo pós-revolucionário, a reestruturação da divisão sexual do trabalho, o crescimento de uma economia de livre mercado, o nascimento das classes, dentre outros acontecimentos múltiplos.

Laqueur recorre à perspectiva de Foucault e à sua visão de que a sexualidade não é qualidade inerente à carne: é sim uma maneira de moldar o "eu" através de formas de condutas existentes em relação com sistemas historicamente precisos de conhecimento. Nada há de natural na sexualidade e "*la sexualidade es 'una espécie de obra de arte'*" (Nietzsche apud Laqueur, 1994:37)

1.3 - Foucault e a repressão do sexo

O diálogo que Michel Foucault manteve com a psicanálise, sob forma de confrontação direta, está presente em três obras: "História da Loucura", "As palavras e as coisas" e "História da sexualidade — a vontade de saber". Este último texto, fonte central nesta pesquisa, é tomado por Birman (2000) como uma genealogia da sexualidade do ocidente e por Mezan (1985) como uma arqueologia inacabada da psicanálise. A psicanálise é percebida, de acordo com estes dois autores, tanto como uma *forma de poder*, quanto uma *técnica de saber*, estabelecendo entre si uma relação de circularidade. O próprio Foucault (1988a), entretanto, afirma: "*A história do dispositivo de sexualidade, assim como se desenvolveu a partir da época clássica, pode valer como arqueologia da psicanálise*" (p.122) (grifos meus).

O primeiro volume da *História da Sexualidade* de Michel Foucault, "*A vontade de saber*" é uma análise histórica sobre o dispositivo da sexualidade da sociedade capitalista, que nos últimos 100 anos, dispersou-se em múltiplos discursos, numa teia de poderes, saberes e prazeres, com componentes econômicos, pedagógicos, médicos, judiciários e políticos. A análise de um projeto de "colocação do sexo em discurso", conforme pretendida por Foucault, tem como época de partida, os meados do século XVI, com o advento da confissão religiosa inquisitória; atravessa o século XVII, com o nascimento de uma prática de repressão tipicamente burguesa e prossegue pelo século XVIII, com o início de uma incitação política, econômica e técnica a falar sobre sexo. Explora o século XIX, com o surgimento do discurso científico da medicina patológica e a psiquiatria sobre sexo, até chegar no século XX, com a elaboração do discurso psicanalítico de Freud, e o "afrouxamento" dos mecanismos da repressão.

A partir do dispositivo da sexualidade, construído nestas épocas sucessivas, Foucault levanta três dúvidas a respeito do que ele denomina "hipótese repressiva": 1º) Questão histórica: a repressão do sexo seria mesmo uma evidência histórica, desde o século XVII? 2º) Questão histórico-teórica: a mecânica do poder é essencialmente repressiva? 3º) Questão histórico-política: existiria mesmo uma ruptura entre a idade da repressão e a análise crítica da repressão? E explica que a questão indagada, portanto, **não é porque somos reprimidos**, mas *"por que dizemos com tanta paixão, tanto rancor contra nosso passado mais próximo, contra nosso presente e contra nós mesmos, que somos reprimidos?"* (Foucault, 1988a: 14) (grifos meus)

Foucault questiona como pretensa a liberação sexual e considera a utilização da "experiência" psicanalítica como sucedâneo moderno da confissão. Para ele, o discurso freudiano, supostamente radical e inovador, estaria inscrito no campo das ciências sexuais, constituídas ao longo do século XIX, cujas práticas sexológicas incitaram, proliferaram e produziram um falar sexual permanente e ilimitado. Neste entendimento, a *hipótese repressiva*, onde o desejo estaria aprisionado pelo imperativo da lei, seria uma miragem. A sexualidade do sujeito seria a sexualidade de um tempo (historicizada). De acordo com ele, o desejo estaria sujeito aos traçados dos dispositivos do biopoder e da bio-história¹⁸, exercido microfisicamente nos corpos, de maneira disciplinar.

"(...) a disciplina se realizaria sempre sobre a materialidade do corpo. Pode-se afirmar que, nesta concepção enunciada, o corpo seria efetivamente produzido pelas disciplinas, sendo este o lugar e o espaço sobre o qual incide a gramática do olhar panóptico. O que estaria em questão, pois, seria o corpo como superfície e espacialidade, num posicionamento constante de confronto com os outros corpos, em permanente enfrentamento regulado pela assimetria das forças em presença." (Foucault apud Birman, 2000: 63) (grifos meus).

¹⁸ Nas palavras de Foucault: *"Se pudessemos chamar 'bio-história' as pressões por meio das quais os movimentos da vida e os processos da história interferem entre si, deveríamos falar de 'bio-política' para designar o que faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana"* (Foucault, 1988a: 134).

Portanto, quando surgiu, no século XIX, a sexologia, sustentando um discurso "libertário" do sujeito de suas amarras e repressões sexuais, esta não passava de uma versão atualizada de um dos dispositivos do biopoder e da bio-história. As práticas e os discursos sexológicos e a incitação permanente para falar sobre o sexo, exerciam (e continuam exercendo), de forma não tão paradoxal quanto se imagina, um controle social sobre a sexualidade, ao promover enquadramentos e classificações.

Como pano de fundo desta analítica, segundo Birmam(2000), "*Foucault colocou radicalmente em questão a suposta constituição originária do complexo de Édipo e da estrutura edipiana, enquanto engendrados do sujeito*" (p.68), pois a figura básica fundante da "hipótese repressiva", a interdição do incesto sob forma de categoria de *lei*, e a liberação do desejo aprisionado, não teriam qualquer razão de ser, simplesmente porque não existiria a repressão nesta sociedade moderna discursivamente prolixa. Neste sentido, Marilena Chauí, no livro *Repressão Sexual: essa nossa desconhecida*, ao apresentar algumas idéias de Foucault, destaca que as estratégias consolidadas no século XIX através da pedagogia, da medicina, da economia-demografia e do Estado,

"(...) fizeram da família não o lugar da repressão, mas o espaço fundamental da sexualização dos corpos e todas as práticas que, aparentemente, ferem a vida familiar. Está preparado o campo para a psicanálise. Lembra Foucault que o surgimento do conceito freudiano de complexo de Édipo coincide com o momento em que o Código Civil eliminou a figura jurídica do Pátrio Poder (o poder do pai, a lei do pai)" (Chauí, 1991:185) (grifos meus).

Complementando este afrontamento (em lugar de *repressão sexual - produção da sexualidade, a verdade no sexo*), Foucault destaca a confissão, nos moldes cristãos, como instrumento resgatado pela psicanálise para inscrever a sexualidade como norma no corpo do sujeito. A experiência psicanalítica seria, para ele, um desdobramento das *técnicas de exame* utilizadas na clínica psiquiátrica. Ao confessar-se (para o padre, para

o analista, para o médico, para o delegado, para qualquer outro e para si), o indivíduo estaria descobrindo uma *verdade*, fazendo com que o *exame de consciência* fizesse parte da constituição de sua subjetividade. E nestes jogos de verdade¹⁹, permeados de valores da culpa e valores de pecado e penitência, o corpo sexual, o corpo do sujeito, tornou-se o campo de forças fértil de confrontação e de registro de micropoderes.

O discurso unitário da Idade Média, organizado sobre o tema da carne na prática da confissão, foi decomposto nos últimos anos a uma diluição explosiva de discursividades distintas (demografia, biologia, medicina, psiquiatria, psicologia, moral, crítica moral, etc.). Entretanto, não só os discursos foram divulgados, a obrigação da confissão também o foi e hoje, no Ocidente moderno, há a exigência de dizer a si mesmo ou a outrem, tudo o que se relaciona com o jogo dos prazeres, confessando-se todos os segredos, a não apenas as infrações referentes às leis do sexo.

Foucault, lança a seguinte objeção: "*(...) falar tanto de sexo, organizar tantos dispositivos insistentes para falar dele, mas sob estritas condições, não é a prova de que ele permanece secreto e que se procura, sobretudo, mantê-lo assim?*" (Foucault, 1988a:36). Responde: "*O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo*" (Foucault, 1988a:36).

Esta explosão discursiva sobre sexo, desde o século XIX, é colocada por Foucault como um argumento fortíssimo para o questionamento da "**hipótese repressiva**", permitindo elaborar a genealogia demonstrativa de **como** ocorreu o surgimento dessa hipótese, **como** suas funções foram estabelecidas em nossa sociedade,

¹⁹ "A palavra 'jogo' pode induzir a erro: quando digo 'jogo' quero dizer um conjunto de regras para a produção da verdade. Não é um jogo no sentido de imitação ou entretenimento...é um conjunto de procedimentos que conduzem a um certo resultado, que podem ser considerados em função de seus princípios e regras de procedimento, como válidos ou não, vitoriosos ou perdedores." (Foucault apud Prado, 1998: 255)

como os discursos a sustentam, como os conceitos a ancoram e como se inter-relacionam, neste discurso, vontade e poder. Esta reformulação (genealógica) da hipótese repressiva, situando-a historicamente como componente inovador de forças de poder microcapilares, proclamadas em multidiscursos, alinhavadas por nexos entre poder-saber ou poder-verdade, opõem-se a aspectos que consideram o poder como apenas coercitivo, negativo e supraestruturado.

Mas nem sempre Foucault critica a psicanálise, e no tocante ao seu surgimento no final do século XIX, principalmente o que ela representou para a medicina, especialmente a psiquiatria, chega a tecer o seguinte comentário:

"O caso da psicanálise é realmente interessante. Ela se estabeleceu contra um certo tipo de psiquiatria (a da degenerescência, da eugenia, da hereditariedade). Foi em oposição a esta prática e a esta teoria - (...) - que ela se constituiu e, efetivamente, **em relação a esta psiquiatria (...), a psicanálise desempenhou um papel liberador**" (Foucault, 1998:150). (grifos meus)

Para ele, o discurso da sexualidade não era inicialmente aplicado ao sexo, mas ao corpo e seus órgãos sexuais, aos prazeres e às relações inter-individuais. E afirma: "*Existe uma sexualidade depois do século XVIII, um sexo depois do século XIX*". *Antes, sem dúvida existia a carne. A figura fundamental é Tertuliano*" (Foucault, 1998:259) (grifos meus). Foucault cita o padre do século III como responsável por ter reunido os princípios e imperativos católicos em um discurso teórico coerente, o que representou um corte radical discursivo. Ao descartar Freud como um outro corte discursivo, ressalta a seguinte contribuição da psicanálise:

"O forte da psicanálise é ter desembocado em algo totalmente diferente, que é a lógica do inconsciente. E aí, a sexualidade não é mais o que ela era no início" (Foucault, 1998:261) (grifos meus).

Além disto, convém clarificar a perspectiva que Foucault atribui ao "conceito" de repressão, pois em *A Vontade de Saber*, a repressão sexual está apresentada como fenômeno operativo, ou seja, um agenciamento, um "dispositivo". Como muito bem aponta Deleuze (1988), *"Foucault não ignora de modo algum a repressão e a ideologia, mas, como Nietzsche já havia visto, elas não constituem o combate de forças, são apenas a poeira levantada pelo combate"* (p.38-9).

Foucault pratica um outro olhar sobre as interdições e os recalques, indo mais além, ultrapassando os modelos explicativos binários que se centralizam em "autoridade" e "coerção". Queiroz (1999) assim opina sobre esta outra perspectiva:

"A crítica a esta temática por Foucault passaria, sem dúvida, por sua descrença para com as análises do poder calcadas no modelo repressão-emancipação (silenciamento-loquacidade)" (p.91).

Em suma, para Michel Foucault, a repressão é um fenômeno operativo, não é relação de forças; o poder, este sim, é um fenômeno mobilizador, é relação de forças (não é determinador de limites).

1.4 - A constituição do sujeito em Foucault

Michel Foucault em "O Sujeito e o Poder", num texto escrito pouco antes de sua morte e publicado no livro *Michel Foucault, uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*, de Hubert Dreyfus e Paul Rabinow, afirma:

"Eu gostaria de dizer, antes de mais nada, qual foi o objetivo do meu trabalho nos últimos vinte anos. Não foi analisar o fenômeno do poder nem elaborar os fundamentos de tal análise. Meu objetivo, ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos. (...) Assim, **não é o poder, mas o sujeito, que constitui o tema geral de minha pesquisa**"(Foucault,1995b:231-2).(grifos meus)

Para ele existem *práticas objetivadoras* e *práticas subjetivadoras* do sujeito: enquanto as primeiras atuam no sentido de tornar o indivíduo normalizável enquanto objeto, as segundas agem no sentido de tornar o indivíduo sujeito. Se na filosofia moderna o sujeito produz saber/poder, em Foucault ocorre uma inversão, o saber /poder produz o sujeito através de *práticas discursivas*. Neste movimento de constituição, não há nem liberdade total e nem prisão absoluta, e em seu **assujeitamento**, o sujeito tem a "impressão" (ou ilusão) de que é senhor de sua própria vontade, sendo o porta-voz de um discurso social. Prado Filho faz o seguinte comentário em relação à problemática da subjetividade e à problemática da objetivação (descritas pelas genealogias):

"E do que tratam estas genealogias? Certamente, da problemática da subjetividade, ou da constituição dos sujeitos em práticas solidárias de saber-poder - **práticas de normalização** - que produzem efeitos de individualização. Está portanto, colocada a questão ontológica - não referida à liberdade e autonomia do ser, mas ao contrário, relativa a **modos de sujeição e objetivação dos sujeitos** em práticas sociais de individualização. E são "ontologias do presente" - mais uma vez - porque **ligam-se criticamente a questões que se apresentam hoje**, resolvidas a nível de conhecimento e também da prática, indissociavelmente, exigindo a definição de uma postura e de um 'ethos'" (Prado Filho,1998: 143)(grifos meus).

As marcas inscritas cotidianamente "**na**" individualidade e "**através**" da individualidade, pelas técnicas de poder, vão categorizando o indivíduo.

"Há dois significados para a palavra *sujeito*: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. **Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a** " (Foucault,1995b:235). (grifos meus)

A subjetividade, assim, é o efeito (inacabado) da produção política de verdades, de sua relação com o poder/saber, o que torna o sujeito um mero elemento da máquina anônima do cotidiano. Neste pensamento maquineísta (funcionalista?), os múltiplos dispositivos, ou as "engrenagens", as máquinas (máquina-escola, máquina-hospital, etc.) o sistema de regras, as articulações de poder/saber produzem subjetividades, colocando a norma como articulação de encontro entre a subjetividade e a objetividade. Ressalta-se, subjetividade não é interioridade, internalização, introjeção; é assimilação, inscrição corporal, **incorporação**.

Foucault, em seu empreendimento genealógico, procurou responder **como** os sujeitos são constituídos em relações com os saberes (objetivação), com os poderes (normalizações) e em relações éticas consigo mesmo (subjetivação). Em suas palavras:

"Três domínios da genealogia são possíveis. Primeiro, uma ontologia histórica de nós mesmos em relação à verdade através da qual nos constituímos como **sujeitos de saber**; segundo, uma ontologia histórica de nós mesmos em relação a um campo de poder através do qual nos constituímos como **sujeitos de ação** sobre os outros; terceiro, uma ontologia histórica em relação à ética através a qual nos constituímos como **agentes morais** "(Foucault,1995b:262) (grifos meus).

Foucault entende o sujeito como submetido às práticas sociais e submetido à história, não existindo portanto o sujeito intemporal, universal, natural. Esta concepção de pensar o sujeito inacabado, constituindo-se dentro da história, tendo seu corpo impregnado de história, compreende a subjetividade como variável dependente, produto histórico do poder/saber. Mas ressalta-se, esta **história do sujeito** não deve ser

entendida como contínua, linear, mas carregada de rupturas e descontinuidades, como processo discursivo. Este sujeito portanto, é um conjunto de sujeitos: **sujeito histórico-discursivo**, conjunto de enunciados construídos historicamente e discursivamente; **sujeito disperso-posicionado**, pois não há "sujeito do discurso", mas sim diferentes posições do sujeito (que fala de algum lugar); **sujeito descentrado**, que está centrado nas relações poder/saber e não em si; **sujeito assujeitado**²⁰, que "imagina" ser senhor de sua vontade e livre; **sujeito paradoxal** (não apenas contraditório), que transita entre a incompletude e o desejo de ser completo, um "ser" fragmentado, cortado, entrecortado, dobrado e desdobrado, que procura ser unidade, singularidade, dotado de "identidade".

Deleuze(1992) assim comenta: "*Foucault não emprega a palavra sujeito como pessoa ou forma de identidade, mas os termos "subjetivação", no sentido de processo, e "Si", no sentido de relação (relação a si)* (p.116). Verificar como um sujeito foi estabelecido, em diferentes momentos e em diferentes espaços institucionais exige uma pesquisa sobre as "**técnicas de si**".

"O fio condutor que parece ser o mais útil, nesse caso, é constituído por aquilo que se poderia se chamar de "técnicas de si", isto é, os procedimentos que, sem dúvida, existem em toda civilização, pressupostos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isso graças a relações de domínio de si e sobre si ou de conhecimento de si por si. Em suma, trata-se de **recolocar o imperativo do 'conhecer-se a si mesmo'**, que nos parece tão característico de nossa civilização, na interrogação mais ampla e que lhe serve de contexto mais ou menos explícito: **que fazer de si mesmo?** (Foucault, 1997:109) (grifos meus)

Para Foucault, governar a si é um problema ético. Mas sua concepção sobre ética se dá na relação consigo mesmo, no corpo, em nexos com a sexualidade. Ética como parte de uma **estética da existência**, que leva o sujeito a se transformar.

²⁰ Como destaca Prado Filho (1998), "*É, portanto, um equívoco afirmar que o pensamento de Foucault trata de uma reflexão 'negativa' relativa à questão do sujeito, que nega a existência de toda e qualquer figura de subjetividade - ao contrário - trata-se de colocar em evidência toda uma multiplicidade de formas assujeitadas de subjetividade concretamente produzidas sob condições modernas, contra a abstração da fórmula universalidade x autonomia x consciência*". (p.247-8)

CAPÍTULO II - MÉTODO

2.1 - A análise de discurso

A noção de **discurso** tem adquirido um papel relevante nos últimos anos nas ciências humanas para a compreensão de certos fenômenos históricos e culturais. Por ser um termo polissêmico, a apreensão de sua extensa conceituação vai desde sua identificação popular com **discurso-oratória**, até a noção teórica da lingüística de Ferdinand Saussure, onde é definido, sucintamente, como as formas de apropriação pelo indivíduo falante do universo da língua²¹.

A análise de discurso, segundo Brandão(1998) apresenta duas vertentes. A perspectiva americana²² considera o discurso na **interioridade** do lingüístico (campo gramatical), ou seja, efetua análises de frases/textos e a perspectiva européia que trata o discurso como **exterioridade** da lingüística (campo hipergramatical), ou seja, verifica as condições sócio-históricas de produção do discurso. Nesta última temos a escola francesa de análise de discurso, onde autores como Michel Pêcheaux e Dominique Maingueneau, apropriaram-se de alguns conceitos de Louis Althusser, principalmente o de ideologia, e de conceitos de Michel Foucault, especialmente o de discurso.

Na análise de discurso de M. Pêcheaux (vertente atravessada pela Lingüística, pelo Marxismo e pela Psicanálise), o discurso é uma espécie pertencente ao campo ideológico, o discurso é o espaço onde emergem **significações** e o processo discursivo é de produção de **sentidos**. Opondo-se a esta concepção, em Foucault o discurso é o espaço onde saber e poder se articulam em história carregada de rupturas e

²¹ Os lingüistas conferem primazia à língua falada e não a língua escrita, como na gramática tradicional.

²² Brandão(1998) nos aponta como representantes principais desta vertente, além do norte americano Zellig Harris, o russo Roman Jakobson e o francês Émile Benveniste.

descontinuidades, concebendo, este autor, o discurso segundo o princípio de dispersão e não o princípio de unidade.

A análise de discurso distancia-se da metodologia baseada na **análise de conteúdo**, que procura extrair sentido dos textos. Esta, segundo Triviños(1987) se presta para o estudo "*das motivações, atitudes, valores, crenças, tendências(...)* própria para desvendar ideologias que podem existir nos dispositivos legais, princípios, diretrizes, etc., que, à simples vista, não se apresentam com a devida clareza" (p.160).

Além disto, todos estes métodos procuram evitar o discursivismo que costuma fazer de uma análise de discurso apenas um "relato exaustivo e aprimorado".

A análise de discurso de Michel Foucault

A produção intelectual de Foucault, segundo o olhar de diversos autores como Branco&Portocarrero(1998), Queiroz(1999), Araújo(2000), Goldman(1998), Maia(1998), Pinho(1998) e Machado(1981), pode ser dividida em três eixos correlacionados com as fases de seus escritos: o **eixo arqueológico**, onde explora as *formas* ou as arqueologias dos saberes; o **eixo genealógico**, onde trabalha com as *forças* ou as genealogias dos poderes; o **eixo ético**, onde estuda o *sujeito (ou os processos de subjetivação)* sob uma estética de existência. Incluem-se no primeiro grupo, as publicações até 1970, nas quais Foucault efetua arqueologias, tendo como obras mais conhecidas: *Nascimento da Clínica* (1963), uma arqueologia do olhar médico; *As palavras e as coisas* (1966), uma arqueologia das ciências humanas; *História da Loucura* (1961), uma arqueologia²³ da progressiva medicalização da loucura e

²³ Michel Foucault declarou em entrevista, em 1983, a Dreyfus&Rabinow(1995:262): "*Todos os três (possíveis eixos da genealogia) estavam presentes, embora de forma um tanto confusa, em História da Loucura*" (ver citação pág. 36). Por esta razão, para Prado Filho(1998), a obra *História da Loucura* não se encaixa apenas na "classificação" de arqueológica, sendo também uma genealogia das formas do poder.

Arqueologia do saber (1969), a descrição do método arqueológico. Na década de 70, surgem as principais obras do segundo eixo: *Vigiar e punir* (1975), uma genealogia do poder disciplinar sobre os corpos e *História da sexualidade - a vontade de saber* (1976), uma genealogia do bio-poder. Como obras representativas do terceiro eixo, temos, de acordo com os autores referidos, *História da sexualidade - o uso dos prazeres* (1984), onde Foucault estuda os processos de subjetivação na Grécia entre o século IV a.C e II a.C, e *História da sexualidade - o cuidado de si* (1984), trabalha os processos de subjetivação dos romanos entre os séculos II a.C e II d.C. Pode-se afirmar que a obra inédita²⁴, *História da sexualidade - as confissões da carne*, foi destinada a processos de subjetivação dos cristãos entre os séculos III e XVII d.C

Não obstante estas "divisões" (em etapas, fases ou eixos), interpretativas dos comentadores supracitados, há estudiosos que evitam e até criticam este enquadramento das obras de Foucault em "períodos delimitados", face o seu descompromisso com linearidades históricas. Podemos especificar Prado Filho (1998) que assim destaca:

"São, portanto, muitos os riscos de equívoco na leitura de seus escritos....(...)E, mesmo quando adequadamente compreendido, seu pensamento é remetido, no mais das vezes, a conhecidos lugares-comuns: a uma sucessão cronológica de fases - Arqueológica, Genealógica, Ética; a uma sucessão e/ou superposição de métodos - Arqueologia do Saber, Genealogia do Poder, Genealogia da Ética, ou a arranjos entre estas categorizações, revelando esforços no sentido de organizar sua vasta produção" (Prado Filho:1998,18-19).

O pensamento de Foucault tem forte inspiração em Nietzsche, principalmente no tocante à tarefa do filósofo não ser a busca da verdade absoluta e definitiva ou das verdades relativas: é tarefa sim, fazer um **diagnóstico**²⁵ dos atuais processos, forças e

²⁴ Segundo informação de Eribon(1996), o livro não foi publicado, a pedido do próprio Michel Foucault, que não desejaria nenhuma obra póstuma.

²⁵ Segundo Foucault, "o diagnóstico assim entendido não estabelece a autenticação de nossa identidade pelo jogo das distinções. Ele estabelece que somos diferença, que nossa razão é a diferença dos discursos, nossa história a diferença dos tempos, nosso eu a diferença das máscaras" (Foucault,1995a:151). Retomar tema discutido na seção "A constituição do sujeito em Foucault".

movimentos da história que possibilitem uma **ontologia histórica de nós mesmos**. O filósofo-historiador deve, por mais paradoxal que seja, fazer uma **história do presente**; que não se trata de uma análise de períodos, de épocas, mas trata-se de uma história de problemas, de problematizações, história de experiências, de como o ser se constitui e como o ser é pensado (uma história do sujeito). Como proceder nesta tarefa, é assim descrito por Goldman (1998):

"Quais os meios mobilizados para as análises: **partir das questões do presente, das lutas contemporâneas, selecionar um "bom" objeto e então dissolvê-lo**, eis como se faz. Partir das grandes evidências, das coisas mais "naturais", e proceder à sua desmontagem, ao esclarecimento de seu caráter de *constructos* históricos, à descoberta de suas condições históricas de possibilidade" (p.91) (grifos meus)

A análise de discurso de Michel Foucault nos fornece instrumentos para diagnosticar e efetuar esta história, mas a maneira peculiar como o analista mobiliza o ferramental é deixada livre, até porque *"Foucault também desejava que suas obras fossem caixa de ferramentas, que cada um usaria de acordo com suas necessidades e seus objetivos"* (Eribon, 1996:16).

2.2 - A arqueologia

Na perspectiva de Michel Foucault, **o discurso**²⁶ é **um acontecimento histórico** e os **documentos**, as fontes históricas, tornam-se **monumentos**²⁷, superando seu caráter bi-dimensional, transformando-se em elementos tri-dimensionais. Foucault vasculha solos "documentais", depositados em profundidade à procura de práticas.

²⁶ Embora Foucault reconheça que o termo "discurso" é usado e abusado em sentidos bem diferentes em sua *Arqueologia do saber*, apresenta o seguinte conceito: "conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação" (Foucault, 1995a:124)

²⁷ Enquanto a arqueologia tradicional, a partir dos objetos e monumentos mudos elabora documentos, a arqueologia de Foucault pratica uma inversão: "Ela não trata o discurso como documento,(...) ela se dirige ao discurso em seu volume próprio, na qualidade de monumento" (op.cit:159).

O método foucauldiano, a análise arqueológica dos discursos, descrito no livro

A Arqueologia do Saber, estabelece que:

“A análise arqueológica individualiza e descreve formações discursivas, isto é, deve compará-las, opô-las umas às outras na simultaneidade em que se apresentam, distingui-las das que não têm o mesmo calendário, relacioná-las no que podem ter de específico com as práticas não discursivas que as envolvem e lhes servem de elemento geral” (Foucault, 1995a:180).

Neste processo de *descrição das diferenças* contidas nas formações discursivas, o autor busca através da arqueologia, regras gerais de formação, válidas diacronicamente, pois sob o ponto de vista foucauldiano, podem nelas ocorrer fenômenos permanentes ou repetitivos, longos encadeamentos ou curvas que transpõem o tempo linear. Enquanto a história tradicional (ou história das idéias, afirma Foucault), privilegia a cronologia sucessiva das **mudanças** e dos acontecimentos, a análise arqueológica prefere investigar a história das **transformações** das relações. Em suas palavras: *"a arqueologia tenta estabelecer o sistema das transformações em que consiste a 'mudança'"* (Foucault, 1995a:197).

O método arqueológico é serial, não estrutural e, em vez de analisar a estrutura interna de uma teoria, pratica uma análise comparativa multiplicadora, num domínio de pluralidade articulatória, fazendo surgir assim uma configuração interdiscursiva, ou rede de **positividades**²⁸, pois as formações discursivas podem ter entre si um certo número de relações descritíveis, externas e internas.

²⁸ Positividade, tem o sentido do reconhecimento do saber como efetivo, submetido unicamente ao critério histórico (e não ao critério da cientificidade ou ao critério da racionalidade) Nas palavras de Foucault: "A positividade de um discurso (...) caracteriza-lhe a unidade através do tempo e muito além das obras individuais, dos livros e dos textos. (...) a positividade desempenha o papel do que se poderia chamar um a priori histórico" (Foucault, 1995a:145-146).

"o horizonte ao qual se dirige a arqueologia não é, pois **uma** ciência, **uma** racionalidade, **uma** mentalidade, **uma** cultura; (...) o que esta quer libertar é, inicialmente - mantidas a especificidade e a distância das diversas formações discursivas - o jogo das analogias e das diferenças, tais como aparecem no nível das regras de formação" (Foucault, 1995a:183-4).

Para Lecourt(1996), o método arqueológico procura descrever uma história diferencial das ciências e das não-ciências, sem referência a um sujeito ou a um objeto, centrando-se na noção de **relação**, definindo "relação" como *"um conjunto de nexos de coexistência, sucessão, funcionamento mútuo, determinação, transformação independente ou correlativa"* (Foucault apud Lecourt, 1996:49).

Marlene Guirado estabelece o seguinte comentário sobre o método proposto por Foucault:

"A análise foucaultiana, poder-se-ia dizer, configura a rarefação do discurso: não afeita a mistérios e sentidos das palavras, aproxima-se mais de uma **descrição de regularidades e oposições**, tomando os textos orais ou escritos como um acontecimento numa formação discursiva. Confronta-os, destaca o que se repete e o que diverge, construindo um texto analítico **que parece pobre aos olhos daqueles mais dados às interpretações e significações**. A unidade das formações é recusada e assumem importância as condições de possibilidades das diferenças que marcam as regiões ou séries discursivas" (Guirado, 1995:47).(grifos meus)

Os *corpus* de análise, em Foucault, são "discursos sem referência", não sendo função de frequências ou constantes linguísticas, e nem de autoria famosa, de modo que *"as palavras, frases e proposições retidas no corpus devem ser escolhidas em torno dos focos difusos de poder (e de resistência) acionados por este ou aquele problema"* (Deleuze, 1988:28).

A análise destes enunciados não pretende explicar, mas descrever e definir as condições históricas, de possibilidades, desta existência enunciativa. Foucault, assim define **enunciado**:

"Chamaremos **enunciado** a modalidade de existência própria desse conjunto de signos: modalidade que lhe permite ser algo diferente de uma série de traços, algo diferente de uma sucessão de marcas em uma substância, algo diferente de um objeto qualquer fabricado por um ser humano; modalidade que lhe permite estar em relação com um domínio de objetos, prescrever uma posição definida a qualquer sujeito possível, estar situado entre outras performances verbais, estar dotado, enfim, de uma **materialidade repetível**" (Foucault, 1995a:123-4). (grifos meus).

É muito importante compreender a fundamentação da rede conceitual de Foucault, tão insistentemente enfatizada, delimitada e priorizada por ele na descrição de seu método de avaliação histórica (a arqueológica) e em seus textos. Sua preocupação manifesta-se não só na terminologia teórica e metodológica do autor, mas em qualquer conceito e sua pertinência discursiva.

Foucault(1995a) procura deixar claro o risco de confusões e distorções que assumimos ao extrapolar os limites conceituais: *"temos que conhecer as condições históricas que motivam nossa conceituação. Necessitamos de uma consciência histórica da situação presente"* (p.232). Ressalta, num raciocínio paralelo, a importância de detectar-se os deslocamentos e transformações dos conceitos²⁹ e a preocupação em saber como um conceito qualquer assume status e função de "conceito científico".

"a história de um conceito não é, de forma alguma, a de seu refinamento progressivo, de sua racionalidade continuamente crescente, de seu gradiente de abstração, mas a de seus diversos campos de constituição e de validade, a de suas regras sucessivas de uso, a de meios teóricos múltiplos em que foi realizada e concluída sua elaboração" (Foucault, 1995a:05)

Nesta linha de alerta e insistência na necessidade de estabelecer com clareza os modos como pretendemos utilizar os conceitos, apontando as possibilidades de complicações advindas da adoção de concepções conflitantes, Mara Lago, em artigo publicado no livro *Falas de Gênero*, destaca:

²⁹ Neste aspecto, Foucault(1995a:5e215) reconhece e utiliza-se das análises de Georges Canguilhem, seu professor e orientador do doutorado e de Gaston Bachelard.

"(...) conceitos são nossos instrumentos/imagens para significar, organizar, representar, falar, enfim, simbolizar nossas percepções sobre o mundo de que somos parte (físico, social, psicológico...). Os conceitos necessitam, pois, ter funcionalidade para comunicar as formas como significamos o mundo, as sociedades, seus problemas, nossas questões, para que, **através dos discursos se estabeleçam os laços sociais**. É o que possibilita interação, referida a qualquer tipo de discurso, científico, do senso comum, etc." (Lago,1999:119).(grifos meus)

2.3 - A genealogia

A genealogia é um estudo das **práticas** sociais. É análise histórica, mas um "tipo" de "análise" e de "história" que não efetua uma procura de "origem", mas uma procura de "proveniência" (*Herkunft*), assim explicada:

"...descobrir todas as marcas sutis, singulares, subindividuais que podem se entrecruzar nele (o indivíduo) e formar uma rede difícil de desembaraçar; longe de ser uma categoria de semelhança, tal origem permite ordenar, para colocá-las a parte, todas as marcas diferentes...(...) A análise da proveniência permite dissociar o Eu e fazer pulular lugares e recantos da sua síntese vazia, mil acontecimentos agora perdidos. A proveniência permite também reencontrar sob os aspectos únicos de um caráter ou de um conceito a proliferação dos acontecimentos através dos quais (graças aos quais, contra os quais) eles se formaram" (Foucault. 1998: 20-1).

Esta citação foi extraída de *Nietzsche, a genealogia e a história*, artigo de 1971 onde se encontra sucintamente o quanto a perspectiva teórica de Michel Foucault, marcadamente seus livros a partir da década de 70, está ancorada na obra do filósofo alemão. Nosso estudo em particular, que buscou coerência teórica, metodológica e categorial, encontrou na frase "*Enfim, a proveniência diz respeito ao corpo*" (Nietzsche apud Foucault,1998:22) uma epígrafe para o desenvolvimento metodológico dos trabalhos:

" O corpo - e tudo o que diz respeito ao corpo, a alimentação, o clima, o solo - é o lugar da *Herkunft*: sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito. O corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as idéias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização. A genealogia, como análise da proveniência, está portanto no ponto de articulação do corpo com a história. **Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo**" (Foucault, 1998: 22). (grifo meu)

A genealogia, considerada por Foucault uma atividade de pesquisa meticulosa, paciente e **documentária**, exige a minúcia do saber e um grande número de materiais acumulados para construção "monumental" a partir do "documental", opondo-se à pesquisa da "origem":

"A **genealogia** não pretende recuar no tempo para restabelecer uma grande continuidade para além da dispersão do esquecimento; sua tarefa não é a de mostrar que o passado ainda está lá, bem vivo no presente, animando-o ainda em segredo, depois de ter imposto a todos os obstáculos do percurso uma forma delineada desde o início. Nada que se assemelhasse à evolução de uma espécie, ao destino de um povo. Seguir o filão complexo da proveniência é, ao contrário, manter o que se passou na dispersão que lhe é própria: é demarcar os acidentes, os ínfimos desvios - ou ao contrário, as inversões completas - os erros, as falhas na apreciação, os maus cálculos que deram nascimento ao que existe e tem valor para nós; **é descobrir que na raiz daquilo que nós conhecemos e daquilo que nós somos - não existem a verdade e o ser, mas a exterioridade do acidente**" (Foucault, 1998:21). (grifos meus)

Uma das tarefas do genealogista (seguidor da perspectiva foucauldiana), em seu movimento de recuo temporal mas pendular de análise, é verificar como o corpo foi sendo vítima de diversas "colagens", ao longo da história. Conforme nos aponta Araújo (2000),

"A genealogia é uma analítica interpretadora que, sem a pretensão metafísica ou epistemológica, visa abordar na história e historicamente as forças, dispositivos, aparelhos, instituições que produzem efeitos, principalmente sobre os corpos, as populações, as doenças, a sexualidade, a governabilidade, as ciências humanas, o direito, a medicina, as instituições pedagógicas e disciplinares." (Araújo, 2000:95)

Mas ressalta-se que esta "analítica interpretadora" não é hermenêutica, pois para Foucault, assim como para o genealogista, não há a interpretação, pois *tudo é interpretação de interpretação* (tal como em Nietzsche). As verdades inquestionáveis, os conceitos cristalizados, os valores eternos, são interpretações predominantes e impostas por estratégias de poder-saber. O genealogista, assim, procura descrever **como** as ligações entre verdade e poder emergiram, **como** as verdades se sustentam, e **como** se constroem historicamente vontade de saber e vontade de poder.

2.4 - A arqueologia/genealogia

Feitas as descrições das especificidades dos métodos arqueológico e genealógico separadamente, verifica-se, no entanto, no conjunto da produção foucauldiana, que ambos se inter-relacionam. Em *Vigiar e Punir* e *História da Sexualidade I* (livros que fundamentam este trabalho) Foucault promove uma inversão, priorizando a genealogia em detrimento da arqueologia efetuada nos escritos precedentes. Mas não há, efetivamente, pré e pós-arqueologia e nem pré ou pós-genealogia. Na aula inaugural em 1970 no *Collège de France*, pronunciada com o título *A Ordem do Discurso*, Foucault faz a seguinte observação sobre a composição e o empreendimento de **sua análise de discurso**:

"Assim, as descrições críticas e as descrições genealógicas devem alternar-se, apoiar-se umas nas outras e se complementarem. A parte crítica da análise liga-se aos sistemas de recobrimento do discurso; (...) A parte genealógica da análise se detém, em contrapartida, nas séries da formação efetiva do discurso" (Foucault, 1996b:69).

Muito embora ocorram sobreposições nas passagens das fases arqueológica, genealógica e ética, alguns comentadores (Machado,1981; Dreyfus&Rabinow,1995; Deleuze,1988; Araújo,2000; Branco,1998; Queiroz,1999; entre outros) concordam que é incoerência retratar seus livros sob esta ótica, até porque Foucault nunca foi muito afeito a delimitações e periodizações históricas. E concordam que o historiador realmente **complementou** o exercício de uma arqueologia do saber pelo projeto de uma genealogia do poder. A arqueologia tem a proposta de descrever a constituição das "ciências" a partir das relações entre os saberes, em outras palavras, deve responder a **como** os saberes se formavam e se transformavam, **como** apareciam. Com a genealogia, a proposta é descrever **como** os poderes se exercem em diferentes níveis e em pontos diversos da rede social. Não obstante, a tese fundamental da sua análise é que saber e poder se implicam mutuamente, sendo esta díade produtora de subjetividade.

"Cabe ao arqueogenealogista³⁰ interpretar ou fazer a história do presente, mostrando que transformações históricas foram as responsáveis pela nossa atual constituição como sujeitos objetiváveis por ciências, normalizáveis por disciplinas e dotados de uma subjetividade pela invenção de uma ciência sobre o sexo" (Araújo, 2000:96).

A presente pesquisa envolveu a tarefa pretensiosa de analisar os discursos sobre corpo e gênero, contidas nas publicações, utilizando-se de recortes de séries enunciativas, verificando os arranjos e as condições historicamente produzidas, e efetuando um mapeamento correlacional dos discursos, já que estes são em última análise, "referenciais" das práticas. Neste sentido, a descrição das características dos discursos das "enciclopédias sexuais", procurou efetuar o mapeamento das rupturas³¹ ou

³⁰ Na opinião do co-orientador desta pesquisa, professor Doutor Kleber Prado Filho o termo *arqueogenealogia* é totalmente indevido.

³¹ Rupturas ou discontinuidades são termos que Foucault usa, influenciado por Gaston Bachelard. "*Ruptura* é o nome dado às transformações que se referem ao regime geral de uma ou várias formações discursiva" (Foucault, 1995a:200). Para Portocarrero(2000), talvez *descontinuidade*, "*consista na idéia de acontecimento radical, do fato de que, em alguns anos, às vezes uma cultura deixa de pensar como havia feito até então, e pensa uma outra coisa e de uma outra maneira*"(p.52).

transformações ocorridas, a genealogia dos poderes correlacionados (com os saberes³²), a descrição de continuidades, e a verificação da contemporaneidade e das contradições³³ inerentes aos discursos sobre o corpo e sobre gênero.

Nossos "corpus" de documentos, as enciclopédias sexuais, atendem os seguintes critérios para análise arqueológica: propõem-se a apresentar **tudo** sobre sexo, auto-intitulam-se como portadoras de **verdades**, buscam as fontes de suas informações em **múltiplas instâncias discursivas** (científicas ou não³⁴), são **documentos popularizados**, em sua maioria **não indicam autoria**, e estão hoje depositadas em estantes para acesso ocasional ou **esquecidas**.

Para finalizar este capítulo sobre o método, convém reiterar que, para Michel Foucault, o discurso não é da instância teórica apenas: é um acontecimento histórico, e diz respeito às práticas.

"As práticas discursivas não são pura e simplesmente modos de fabricação de discursos. Ganham corpo em conjuntos técnicos, em instituições, em esquemas de comportamento, em tipos de transmissão e de difusão, em formas pedagógicas, que ao mesmo tempo as impõem e as mantêm" (Foucault, 1997:12)

Portanto, nesta pesquisa quando surgir o termo **discurso**, este estará sempre associado às **práticas sociais**.

³² Convém apresentar algumas citações de Foucault, no tocante as suas considerações sobre **ciência e saber**: "A esse conjunto de elementos, formados de maneira regular por uma prática discursiva e indispensáveis à constituição de uma ciência, apesar de não se destinarem necessariamente a lhe dar lugar, pode-se chamar saber". (Foucault, 1995a:206)

"O saber não está contido somente em demonstrações; pode estar também em ficções, reflexões, narrativas, regulamentos institucionais, decisões políticas" (Op.cit., p.208).

"As ciências — pouco importa, no momento, a diferença entre os discursos que têm presunção ou status de cientificidade e os que apresentam realmente seus critérios formais — aparecem no elemento de uma formação discursiva, tendo o saber como fundo" (Op.cit., p.208).

³³ Em oposição a descrição dos consensos discursivos, para Foucault, "a arqueologia descreve os diferentes espaços de dissensão" (Op.cit., p.175)

³⁴ Aqui, especificamente, consideradas "não científicas", por utilizar conhecimentos paralelos ou alternativos, apresentando temáticas como afrodisíacos, astrologia(horóscopos), receitas "mágicas" e/ou secretas destinadas a intensificação e/ou prolongar o prazer sexual, etc.

CAPÍTULO III - ANÁLISE DAS ENCICLOPÉDIAS SEXUAIS

3.1 - Apresentação das enciclopédias

O termo "enciclopédia" vem do grego *egkyklopaideia*, **ciclo de conhecimento**, e segundo a Grande Enciclopédia Larousse Cultural, significa a obra na qual se expõe metodicamente o conjunto dos conhecimentos universais ou específicos de um campo de saber. Desde a antiguidade e a Idade Média foram produzidas obras com a pretensão de aglutinar o conjunto de conhecimentos de uma época, mas a forma moderna da enciclopédia está ligada, desde o século XVIII, à ordem alfabética do dicionário e à edição de elevado número de volume (10 a 40 volumes). Pode-se afirmar que o enciclopedismo, e a preocupação em resgatar ou sintetizar o conhecimento acumulado segundo a ordem das letras do alfabeto, tem como marco fundamental, a obra francesa *L'Encyclopédie*, com 35 volumes e 150 colaboradores de diversas áreas do conhecimento, publicada em 1751 e organizada por Diderot e D'Alembert.

Não obstante, Foucault, em *As palavras e as coisas*, nos afirma que o privilégio absoluto da escrita dominou o Renascimento, e a sua relação com a totalidade do mundo fez emergir os "enciclopedistas celestes ou universais" que procuravam espacializar os conhecimentos segundo a forma cósmica e perfeita do **círculo**. Ao citar como a primeira enciclopédia alfabética o *Grand dictionnaire historique* de Moreri, em 1674, afirma:

"Daí a forma do **projeto enciclopédico**, tal como aparece no fim do século XVI ou nos primeiros anos do século seguinte: não refletir o que se sabe no elemento neutro da linguagem – o uso do alfabeto como ordem enciclopédica arbitrária, mas eficaz, só aparecerá na segunda metade do século XVII – mas **reconstituir, pelo encadeamento das palavras e por sua disposição no espaço, a ordem mesma do mundo**" (Foucault, 1999a:52)(grifos meus).

No século XIX e XX foram concebidas outras obras nos moldes de enciclopédias alfabéticas. Enquanto algumas foram reeditadas e atualizadas, muitas outras foram produzidas principalmente a partir das décadas de 60 e 70. Como exemplos históricos, temos a Enciclopédia Britânica, a Enciclopédia Universal, a Grande Enciclopédia Larousse, a Enciclopédia Barsa, etc.

As publicações utilizadas nesta pesquisa, em sua maioria temáticas, não seguem o modelo tradicional de apresentação tipográfica das enciclopédias, o da ordem alfabética, não utilizam verbetes para abordagem dos assuntos (exceção: Dicionário da Vida Sexual), e possuem dois a cinco volumes.

As coleções publicadas no período compreendido entre 1979 e 1999, estão a seguir identificadas por ano de publicação, país de origem, editora, autoria, número de páginas e número de fascículos semanais. Além disto, efetuou-se uma descrição sucinta e algum destaque da apresentação da obra pelos seus editores.

Observação importante: Mesmo sabendo que uma pesquisa é um diálogo entre as evidências (palpáveis) e a teoria (afetos explicativos), é oportuno esclarecer que as enciclopédias estão apresentadas apenas neste capítulo III, por opção e critério pessoal em privilegiar a seqüência teoria – método – evidências – análise.

1. AMAR - Toda a realidade sobre a vida sexual

Ano de publicação: 1979 (2ª edição) 1977 (1ª edição)

Origem: São Paulo, Brasil

Editora: Abril

nº de fascículos semanais: 40

nº de volumes formados: 02

nº de páginas: 652

Autores: Haruo Okawara e Rogério Barros Sawaya

Nesta publicação brasileira, observa-se a apresentação de textos escritos em quantidade superior às ilustrações; Os autores são médicos e a assessoria de especialistas é bastante diversificada; No final de cada fascículo, há um encarte de casos clínicos que constituíram um "arquivo médico", a partir de dúvidas manifestadas por clientes em consultórios de terapia sexual na cidade de São Paulo.

Os autores afirmam na introdução da obra: *"AMAR foi cuidadosamente planejada para proporcionar, em linguagem aberta e acessível, informações objetivas e atualizadas sobre os múltiplos aspectos da sexualidade humana."*

2. VIDA ÍNTIMA - Enciclopédia do Amor e do Sexo

Ano de publicação: 1981

Origem: São Paulo, Brasil

Editora: Abril

nº de fascículos semanais: 66

nº de volumes formados: 03

nº de páginas: 792

Autor: Aldo Pereira

Esta enciclopédia, com autoria e edição brasileira, tem todos os seus temas apresentados sob a forma de perguntas e respostas.

O editor Victor Civita assim a apresenta: *"Hoje, atravessamos uma época de ampla discussão do tema do amor e do sexo. Vivemos uma verdadeira Revolução Sexual, que expõe o que antes era mantido na sombra, que exhibe o que antes era velado, que legitima o que antes era proibido, que assume o que permanecia segredo.(...)No meio desta Revolução libertadora, que atinge costumes consagrados e provoca reações, impõe-se a necessidade de tratar o tema do amor e do sexo com seriedade, franqueza, honestidade."*

3. DICIONÁRIO DA VIDA SEXUAL

Ano de publicação: 1981
 Origem: São Paulo, Brasil
 Editora: Abril
 n° de fascículos semanais: 66
 n° de volumes formados: 02
 n° de páginas: 528
 Autor: Aldo Pereira

Este dicionário, foi montado através de um encarte na publicação anterior (Vida Íntima), mas mereceu esta inclusão pela sua diversidade temática, distribuída sob forma de verbetes de A a Z, incluindo gravuras e ilustrações.

Para o seu autor, o brasileiro Aldo Pereira: *"Nesta geração os padrões de comportamento e moralidade sexuais mudaram mais do que, talvez, ao longo de muitos séculos" (...) Hoje, quando sexo é tema livre de discussão, cada um se sente intimado a, pelo menos, estar familiarizado com os tópicos principais desse campo. (...) Em cerca de 3000 verbetes, a obra reúne quase toda a terminologia técnica específica dessa área."*

4. NÓS 2 - Amor e Sexo

Ano de publicação: 1983
 Origem: Londres, Inglaterra
 Editora: Abril
 n° de fascículos semanais: 75
 n° de volumes formados: 05
 n° de páginas: 1208
 Autores: não identificados

Esta produção originalmente inglesa, é uma das que mais explora gravuras e desenhos de casais. As temáticas foram divididas em cinco grupos: conhecimento do sexo, sexo e saúde, sensualidade, linguagem do corpo e relacionamento. Encartes formaram um volume extra, intitulado Terapia Sexual, com uma coletânea de casos clínicos, organizada pelo consultor da obra, Dr. Haruo Okawara.

Não há editorial de apresentação.

5. Nova Enciclopédia de AMOR E SEXO

Ano de publicação: 1986
 Origem: Londres, Inglaterra
 Editora: Nova Cultural
 n° de fascículos semanais: 75
 n° de volumes formados: 05
 n° de páginas: 1500
 Autor: não indicado

Esta "Nova" Enciclopédia, editada primeiramente na Inglaterra, distribui os temas em quatro eixos: A Arte de Amar, Sexo e Sociedade, Psicologia do amor, O Corpo e o Sexo. Há uma presença considerável de "testes" informais e as contracapas formaram um encarte de "perguntas e respostas" de dúvidas dos colecionadores, respondidas pelo Dr. Roberto Freire (psicologia) e Dr. José Magalhães (fisiologia).

Não há editorial de apresentação.

6. VIVER O AMOR

Ano de publicação: 1986
 Origem: Milão, Itália
 Editora: Rio Gráfica
 n° de fascículos semanais: 40
 n° de volumes formados: 02
 n° de páginas: 648
 Autor: não indicado

Esta publicação tem como peculiaridade diferencial, fotos e gravuras em preto e branco. Apresenta um considerável número de "testes" psicológicos em suas páginas. Suas contra-capas formaram um encarte de perguntas e respostas (por "especialistas").

Na apresentação os editores afirmam: *"Guia para uma vida harmoniosa, Viver o Amor responde de modo simples, claro e bem-humorado a todas as dúvidas que cada um de nós se coloca sobre o universo do amor e do sexo. Substitui, assim, o amigo ideal a que gostaríamos de recorrer em busca de esclarecimentos e de conselhos (...). Viver o Amor é também uma enciclopédia de comportamentos sexuais."*

7. BIBLIOTECA BÁSICA DE EDUCAÇÃO SEXUAL

Ano de publicação: 1986
Origem: Madrid, Espanha
Editora: Século Futuro
nº de fascículos: 40
nº de volumes formados: 40
nº de páginas: 4680
Autor: diversos, nominados

Esta obra foi comercializada sob forma uma série de 40 títulos distribuídos em 40 pequenos volumes. As gravuras e fotos são em preto e branco.

A editora assim se posiciona: *"A liberação sexual arrancou o casal do mundo repressivo no qual vivia em poder de um consumismo erótico e inclusive pornográfico que não melhorou sua qualidade sexual. (...)A finalidade desta coleção é precisamente contestar sem complexos, nem falsos sentimentos de culpa, aquelas perguntas que só se fazem homens e mulheres na solidão da alcova."*

8. GUIA PRÁTICO DO SEXO

Ano de publicação: 1990
Origem: Londres, Inglaterra
Editora: Globo
nº de fascículos: 48
nº de volumes formados: 03
nº de páginas: 960
Autor: não indicado

A divisão temática é feito em cinco seções que abordam os seguintes temas: Sexo em Debate, A Arte do Sexo, Sexo e Saúde, Relacionamentos e Consultório Sexual. Inclui um quarto volume de "Sexo de A a Z" na forma de perguntas e respostas sobre assuntos de interesse geral. O colecionador recebeu dez livretos contendo "Os melhores Contos Eróticos".

Não há editorial de apresentação.

9. ENCICLOPÉDIA DA SEXUALIDADE - Para o casal moderno

Ano de publicação: 1995 (reeditada em 1999)

Origem: Barcelona, Espanha

Editora: Três

n° de fascículos: 40

n° de volumes formados: 02

n° de páginas: 624

Autor: diversos, nominados

Os 24 capítulos da edição são marcados maciçamente por ilustrações, fotos, gravuras e gráficos bastante coloridos, incluindo microfotografias e imagens computadorizados.

Os editores assim introduzem a obra: *"Enciclopédia da Sexualidade é uma obra moderna e útil que irá ajudar a entender melhor o sexo, falando com clareza e competência sobre este assunto, até bem pouco um tabu só discutido em círculos fechados e por poucos"*

10. GUIA DOS AMANTES

Ano de publicação: 1996

Origem: Londres, Inglaterra

Editora: Nova Cultural

n° de fascículos: 20

n° de volumes formados: 04

n° de páginas: 488

Autor: diversos, nominados

Esta é a mais simples das coleções, e não se autodenomina "enciclopédia", mas um "guia sexual". A divisão temática é e seis eixos básicos: Psicologia do sexo, Formas de Amar, Descoberta do Corpo, Mais Prazer, Comportamento e A dois na intimidade. Dentre todas as publicações, foi a que mais utilizou recursos iconográficos, tais como fotografias e desenhos, fazendo com que o texto escrito seja proporcionalmente reduzido.

Não há editorial de apresentação.

3.2 - ANÁLISE PRELIMINAR: CARACTERÍSTICAS GERAIS

Procedimentos

Tendo como base os critérios metodológicos já explicitados no capítulo II – Método, efetuou-se uma seleção de excertos no corpus analisado, extraindo-se os enunciados sobre os temas nas enciclopédias. Como procedimento básico, entretanto, elaborou-se a análise em duas etapas: **num primeiro momento**, uma análise mais geral, comum a todas as enciclopédias e guias, independente do ano de sua publicação, descrevendo características mais gerais; **num segundo momento**, uma análise mais particularizada, selecionando os enunciados, privilegiando as categorias corpo e gênero, tomando as edições de 1983 (Nós 2 - Amor e sexo), 1986 (Nova Enciclopédia de Amor e Sexo), 1990 (Guia Prático do Sexo) e 1995 (Enciclopédia da Sexualidade). O intervalo médio de publicação entre estas enciclopédias lhes confere um grau de representatividade, com abrangência para as décadas de 80 e 90.

Esta análise prévia foi fundamental para apontar desde aspectos correlacionados à apresentação formal da produção literária, como contextualização, periodização das edições, público alvo, autoria, até recursos de apresentação de conteúdo, como utilização de perguntas e respostas, uso de testes, gráficos, tabelas, gravuras, desenhos e fotografias.

a) Contextualização

Uma das constatações dignas de registro e merecedora de atenção especial nesta pesquisa, foi a descoberta da procedência real destas publicações: apesar das três primeiras enciclopédias serem apresentadas como brasileiras, as demais são, em sua

maioria (70%), traduzidas de edições estrangeiras europeias, sendo quatro inglesas, duas espanholas e uma italiana.

A "importação" da maioria das enciclopédias sexuais publicadas no Brasil nas décadas de 80 e 90, suscitou-nos, desde o início da pesquisa, dúvidas e preocupações quanto à sua aplicabilidade ao contexto histórico-cultural brasileiro. As dimensões de nosso país e, conseqüentemente, a diversidade cultural do mesmo, exigem extremos cuidados com generalizações. Além disto, sendo as enciclopédias elaboradas em outros países, poderiam gerar identificação dos leitores brasileiros com os leitores destes países (das edições originais), contribuindo para o **assujeitamento** a valores culturais externos (no caso, colonialismo cultural europeu).

Não obstante algumas edições indicarem que as fontes de pesquisas eram de outros países, ainda assim desconsideravam as diferenças étnicas, culturais e regionais internas do Brasil. Detectaram-se desta maneira, discursos contraditórios e paradoxais, ora contextualizando, ora descontextualizando as diferenças culturais, o que para o leitor leigo talvez não fosse perceptível, de forma que pudesse levar à comparação com sua realidade histórica e social.

O fenômeno de massificação centrada no consumo de bens culturais homogeneizados, ao ignorar diferenças regionais, passa a ditar condutas e comportamentos, sob a influência uniformizante dos meios de comunicação de massa.

b) Periodização das edições

No período compreendido entre 1979 e 1986 (7 anos) foram lançadas 7 (sete) edições de enciclopédias/guias, indicando uma freqüência anual deste tipo de publicação. Depois de um intervalo relativamente longo de 4 anos sem nenhum lançamento, as coleções em fascículos reapareceram em 1990, 1995 e 1996, ou seja,

apenas três edições em 6 anos. Estes dados podem indicar o desinteresse mercadológico por este tipo de publicação, em decorrência de um crescente avanço de publicações de livros e revistas, com custos mais reduzidos³⁵ e sem um prazo de comercialização seqüencial longo³⁶, que passaram a abordar a temática sexual (de forma recorrente e concorrente).

c) Público alvo

Embora a pesquisa tenha sido documental, foi possível inferir sobre o público alvo das publicações, pela forma como os assuntos e a temática eram abordados, bem como pelos editoriais de apresentação.

A exploração excessiva do discurso médico sobre a natalidade, carregado de regularidades, evidenciou como os discursos das enciclopédias eram elaborados e dirigidos para a **classe média urbana, de cor branca**, mais especificamente para os **casais heterossexuais monogâmicos**, vivendo sob o arranjo familiar conhecido como "**família nuclear burguesa**". Um dos dados indicativos desta inferência foi a presença considerável de enunciados do discurso sobre a natalidade e seus sub-discursos correlacionados.

Nos editoriais ou apresentações, também é notório o direcionamento para um público pós-"revolução sexual", pré-concebido como vítima de repressão, repleto de dúvidas, tímido, sem hábito de falar sobre sexualidade. Leitores "*que desejam exercer sua sexualidade de modo sadio e responsável*" ou então para "*exercer um controle adequado do seu corpo, de sua saúde, e poder, dessa forma, ter uma vida sexual correta e bem mais agradável*", numa exposição clara do conteúdo normatizador destas

³⁵ Por exemplo, o custo unitário dos fascículos do *Guia dos Amantes* (1996) foi de R\$ 3,50

³⁶ Conforme descrito na apresentação das enciclopédias, estas eram formadas entre 10 e 18 meses.

publicações. Apresentam, ainda, os guias e enciclopédias como substitutos de um "amigo ideal a que gostaríamos de recorrer em busca de esclarecimentos e de conselhos".

Como enunciado complementar, a presença, nas capas dos fascículos, de uma tarja em destaque com as inscrições "proibido para menores de 18 anos", confirmavam a idade-limite mínima do público adulto, comprador dos guias e enciclopédias.

d) Autoria

Percebemos nas enciclopédias muitas referências a resultados de estudos, pesquisas, levantamentos, sem indicação de fontes autorais. Não há, em sua maioria, nem citações dos locais, cultura ou época em que foram realizadas as tais "pesquisas" ou "estudos". Na mesma linha, são utilizadas conclusões e opiniões atribuídas a médicos, psicólogos, psicanalistas e especialistas, sem indicações nominais.

Estes procedimentos discursivos refletem a ânsia da sustentação científica desejada, esperada e atribuída às informações como base de verdade e de legitimação. As quatro obras inglesas e a italiana não apresentam indicação de autoria, ao contrário das duas obras espanholas e das três edições brasileiras. Ainda assim é válido registrar que a coleção Amar (Brasil, 1979) é a única contendo extensa bibliografia sobre os assuntos tratados.

A respeito da "autoria", Foucault nos coloca, na *Arqueologia do Saber*, que a primeira questão na análise das formações das modalidades enunciativas é "*quem fala?*"

"Quem, no conjunto de todos os sujeitos falantes tem boas razões para ter esta espécie de linguagem? Quem é seu titular? Quem recebe dela sua singularidade, seus encantos, e de quem, em troca, recebe, se não sua garantia, pelo menos a presunção de que é verdadeira? (Foucault, 1995a:57).

O predomínio do discurso médico nestas enciclopédias comprova o status deste profissional como "guardião" da saúde da população. A cristalização deste poder, no século XX, na civilização ocidental, teve rastros iniciados no final do século XVIII, quando a saúde dos sujeitos e da população tornou-se uma das normas econômicas requeridas pela sociedade industrial. Por outro lado, além de reconhecer *quem fala* é preciso descrever de *onde fala*, de que lugar social. Os médicos encontram seu legítimo poder de afirmação a partir de lugares específicos: os hospitais, os consultórios clínicos, os laboratórios e os registros documentais, sejam eles livros, tratados, relatórios e observações publicadas. Não esquecendo suas aparições e entrevistas na mídia quando emergem campanhas de prevenção de doenças.

Na *Ordem do discurso*, texto de 1970, é apresentada a seguinte concepção de autoria, para Michel Foucault:

"O autor, não entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência. (...) no discurso científico, o autor só funciona para dar um nome a um teorema, um efeito, uma síndrome...." (Foucault, 1996b:26-7).

Nos textos das publicações analisadas, o importante, portanto, não é o nome do sujeito que fala mas o nome da "categoria profissional" falante, médico, psicólogo, sociólogo, etc. Esta indicação que nomina a categoria e não o(s) autor(es), é em contrapartida, garantida pelo status da profissão, podendo-se afirmar que a supressão do nome ou o anonimato é estratégia de legitimação do falado, dispersa no discurso, tomado como verdadeiro posto que generalizado. A identificação direta, com visibilidade, tornaria o "autor" vulnerável para contra-argumentação e a omissão deste tem a função de proteger o discurso considerado verdadeiro, atribuindo-o a um saber disciplinarmente constituído.

e) Perguntas e respostas

O recurso de utilização de "perguntas e respostas" foi muito comum, quer tenha sido utilizado na edição inteira, como em *Vida Íntima* (1981), quer em volumes extras ou encartados, como em *Amar* (1979), *Nós 2* (1983), *Nova Enciclopédia de Amor e Sexo* (1986), *Viver o Amor* (1986), *Guia Prático do Sexo* (1990) e *Enciclopédia da Sexualidade* (1995).

Ainda assim, todas, sem exceção, incluíam em pequenos quadros, narrativas com perguntas de pessoas (fictícias?) sobre a temática abordada. Foi muito comum o emprego de consultas com o consulente apresentando dúvidas, manifestando aflição, angústia ou interrogando sobre sua **normalidade**³⁷, solicitando conselhos práticos a especialistas do sexo, conhecedores da "verdade", que tem o "maior prazer" (e curiosidade) em responder:

"Os livros científicos, escritos e lidos, as consultas e os exames, a angústia de responder às questões e as delícias de se sentir interpretado, tantas narrativas feitas a si mesmo e aos outros, tanta curiosidade, confidências tão numerosas e cujo escândalo é sustentado (não sem algum tremor) por seu dever, a irrupção de fantasias secretas...."(Foucault, 1988a:70)

Esta característica provém da prática médica discursiva interrogatória e inquiritória, fundamento do discurso clínico, instaurado também no século XVIII, segundo Foucault, com o nascimento da clínica. O deslocamento da confissão religiosa cristã a um projeto de discurso científico, atravessou o século XIX até sua consolidação, sendo um marco histórico na constituição da *scientia sexualis* ocidental. A medicalização da confissão passou a delimitar procedimentos, de tal forma que,

³⁷ Foucault teve forte influência de Georges Canguilhem, seu professor e orientador de doutorado. No seu ensaio *O Normal e o Patológico*, Canguilhem propõe uma reflexão filosófica sobre os métodos e técnicas da medicina. No seu entender, a história das ciências prende-se à história dos conceitos. Defende, também, a tese segundo a qual os fenômenos patológicos seriam idênticos aos fenômenos normais correspondentes, sendo as variações de ordem unicamente quantitativa.

"a obtenção da confissão e seus efeitos são recodificados na forma de operações terapêuticas. O que significa, inicialmente, que o domínio do sexo não será mais colocado, exclusivamente, sob o registro da culpa e do pecado, do excesso ou da transgressão e sim no regime (que, aliás, nada mais é do que sua transposição) do normal e do patológico (...)" (Foucault, 1988a:66)

No livro *O Nascimento da Clínica*, Foucault efetua a análise do surgimento, há 200 anos atrás, deste tipo de discurso - o da experiência médica - mais especificamente do olhar anátomo-clínico³⁸, um olhar classificador onde as doenças são agrupadas por ordem, gênero e espécie, dentro dos padrões de **normalidade**.

Nas enciclopédias, as confidências de certos atos sexuais, as dúvidas, as confissões (mesmo que fictícias) e as respectivas respostas fornecidas "prazerosamente" por especialistas sexuais, fazem parte, de acordo com Foucault, de uma mecânica de poder que visa um enquadramento das sexualidades, dos corpos e seus comportamentos:

"O poder que, assim, toma a seu cargo a sexualidade, assume como um dever roçar os corpos, acaricia-os com os olhos; intensifica regiões; eletriza superfícies; dramatiza momentos conturbados. Açambarca o corpo sexual. (...) o poder ganha impulso pelo seu próprio exercício. (...) a intensidade da confissão relança a curiosidade do questionário." (Foucault, 1988a:45).

Para Foucault, portanto, o homem tornou-se um animal confidente e a nossa sociedade é singularmente confessanda, havendo "prazer em confessar" e "prazer em ouvir confissões". E esta técnica está tão disseminada, que nos foge o reconhecimento de seu poder coercitivo:

"A obrigação da confissão nos é, agora, imposta a partir de tantos pontos pontos diferentes, já está tão profundamente **incorporada** a nós que não a percebemos mais como efeito de um poder que nos coage" (Foucault, 1988a:59). (grifos meus)

³⁸ Como afirma Foucault. "*Na experiência anátomo-clínica, o olho médico deve ver o mal se expor e dispor diante dele à medida que penetra o corpo, avança por entre seus volumes, contorna ou levanta as massas e desce em sua profundidade.*" (Foucault, 1994:155) A visão e manipulação dos órgãos internos (pela abertura dos cadáveres), permitiu a descrição do corpo como um organismo (conjunto de órgãos). Para Foucault, esta medicina dos órgãos, destinada a estudar o sofrimento orgânico, vem a substituir a medicina das doenças: começa a medicina das reações patológicas, dominante até o século XX.

Muitos textos apresentavam respostas às consultas sexuais, dentro da matriz freudiana. Muito embora a posição de Foucault em relação à psicanálise seja marcada pela ambigüidade, em *A vontade de saber* a crítica se radicaliza no tocante ao seu papel substitutivo, em relação a lei, como representação do poder. A este respeito, coloca Ernani Chaves, em seu livro *Foucault e a Psicanálise*:

"(...) a Psicanálise, tal como todas as ciências do homem, é produto da sociedade disciplinar e sua função é a normalização das condutas e a produção dos "corpos dóceis", necessários à manutenção do sistema dominante" (Chaves, 1988:07) (grifos meus)

Convém lembrar que apesar de Foucault priorizar a psicanálise na sua crítica, não afasta as outras psicologias destas estratégias envolvendo poder-saber no processo de **assujeitamento**.

f) Uso de testes

Constatou-se também o emprego de "testes" para verificação de alguma característica, como "você é ciumento?", "você é insegura?", etc., adotado em muitas das edições. Tal como no caso das estatísticas, estas auto-testagens induzem os leitores a rotularem-se conforme escalas de procedência duvidosa e pontuações simplórias.

Esta forma de auto-testagem foi muito possivelmente apropriada das revistas emergentes na década de 70 e 80, obtendo um interesse de certo público, ansioso por saber seu enquadramento, feito nestes casos sob "pontos" e somatórios.

Os "testes populares" presentes nas enciclopédias sexuais são versões de um psicologismo que seduz o público, a partir dos testes psicológicos que, no contexto da história da psicologia como ciência, percorreram um longo e importante caminho. O positivismo de Augusto Comte e a busca de fatos observáveis e indiscutíveis, como

critério de verificabilidade científica, influenciou consideravelmente o desenvolvimento da psicometria.

Os critérios de validade dos testes psicométricos ou dos testes projetivos estão na atualidade sendo questionados como efetivo critério prático-científico. Os inúmeros testes, sejam eles de medição de inteligências³⁹, de aptidões específicas, de personalidade (projetivos), aplicáveis a todas as faixas etárias, sempre apresentaram dificuldades, sejam pelas condições de aplicação, pelas diferenças de contextos históricos e culturais ou pelo mau uso.

Se por um lado os testes psicométricos podem ser vistos como um dos instrumentos auxiliares na avaliação psicológica com melhor aceitação no campo da psicologia organizacional e escolar, os testes projetivos de personalidade, muito utilizados na clínica, são alvos de maiores críticas pela padronização das respostas e enquadramento dos sujeitos. Não obstante, a técnica foi usada tão indiscriminadamente, que banalizou-se, sob formas adaptadas em revistas populares, com "auto-diagnósticos" na maioria das vezes não confiáveis, mas extremamente rotuladores, principalmente quando publicados em textos que se apresentam como científicos, como no caso dos documentos analisados.

Podemos afirmar, seguindo uma perspectiva de Michel Foucault, que este artifício de "auto-testagem" é uma versão semelhante ao uso de "perguntas e respostas" (item "e" desta análise), como correlatos da prática confessional ou confidencial para enquadramentos normalizadores/normatizadores, pois *"a confissão foi, e permanece ainda hoje, a matriz geral que rege a produção do discurso verdadeiro sobre o sexo"*. (Foucault, 1988a:62).

³⁹ Um dos pioneiros a formular testes de inteligência foi Hermann Ebbinghaus, psicólogo alemão, em 1900. Em 1908, Alfred Binet e Theodore Simon criaram a primeira escala métrica da inteligência.

g) Gráficos, tabelas, percentuais

A adoção de tabelas, gráficos com percentuais, levantamentos estatísticos e de dados matemáticos, foram uma constante em todas as publicações, fruto evidentemente de uma tradição cientificista de nossa sociedade que busca, nestas estatísticas, confirmações ou negações para as práticas da população. Como consequência, sustentam os padrões de normalidade e produzem normatizações, sejam de posturas, atrações, condutas, costumes, comportamentos e desejos.

Esta continuidade discursiva tem como período de emergência o século XIX e em concordância com Foucault, Hacking (1988) afirma:

"Grandes telarañas de burocracia crean modos infinitos para contar y clasificar a la gente. Nacimiento, muerte, enfermedad, suicidio, fertilidad: éstos inauguran la era moderna, la era de los datos estadísticos. Hay una avalancha de números a comienzos del siglo XIX". (Hacking, 1988:43)

A taxionomia (ciência da classificação), especialmente da botânica e da zoologia, consolidada pela biologia naturalista darwinista, estendeu suas aplicações para outros campos das ciências e, ao se unir com a estatística matemática, passou a servir ao propósito estratégico de quaisquer ciências para confirmar, alterar, romper ou manter algum enquadramento. Neste sentido, os gráficos e tabelas com seus percentuais, representando principalmente frequências, incidências e resultados de pesquisas, funcionam como enunciados, até porque, para Foucault:

"Uma árvore genealógica, um livro contábil, as estimativas de um balanço comercial, são enunciados; (...) uma equação de enésimo grau ou a fórmula algébrica da lei da refração devem ser consideradas como enunciados; (...) **um gráfico**, uma curva de crescimento, uma pirâmide de idades, um esboço de repartição, formam enunciados; quanto às frases que podem estar acompanhadas, elas são sua interpretação ou comentário." (grifos meus) (Foucault, 1995a:93)

Levantamentos, estatísticas, percentuais, diagramas apresentados nos textos analisados, não obstante, quando não omitiam a fonte de "pesquisa" ou o universo pesquisado, apontavam-na apenas em comentário, sem ressaltar, no entanto, sua possível inaplicabilidade dentro da realidade brasileira, em seu significativo espectro de diferenças regionais. Mesmo que, para um leitor atento, o dado pudesse ser questionado, a hipótese de "comparação" de sua conduta com a de sujeitos de outra cultura (a européia, na maioria dos casos das enciclopédias pesquisadas) leva-nos a especular os desdobramentos no seu imaginário, no sentido de serem os padrões indicados (por freqüências) normais e ele (dentro de uma lógica binária) poder ser um "anormal", um "desviante".

Tendo como critério básico de verificabilidade confirmacionista ou de falseabilidade, equações estatísticas e a matemática, a transposição destes recursos para as ciências humanas, é duramente atacada por Foucault:

"A matemática foi seguramente modelo para a maioria dos discursos científicos em seu esforço de alcançar o rigor formal e a demonstratividade; mas para o historiador que interroga o devir efetivo das ciências, ela é um mau exemplo — um exemplo que não se poderia, de forma alguma, generalizar." (Foucault, 1995a:214)

Apesar de considerar a matemática uma ciência única, o alerta de Foucault é para o risco de homogeneizar todas as formas singulares de historicidade, além de estabelecer limites rígidos e fixos, que em sua teoria não têm lugar.

"(...) o recurso às matemáticas, sob uma forma ou outra, sempre foi a maneira mais simples de emprestar ao saber positivo sobre o homem um estilo, uma forma, uma justificação científica." (Foucault, 1999a:485)

h) Desenhos, gravuras e fotografias de pessoas

Todos os textos das enciclopédias analisadas eram acompanhados, na fotocomposição das páginas, de ilustrações e fotografias de pessoas com certas características singulares: bonitas ou belas, sensuais e sorridentes, com corpos magros e esculturais. Neste caso, representando uma idealização e valorização do corpo belo associado ao saudável, o que nos remeteu inclusive à escolha da categoria principal deste estudo: o **corpo**.

Ao longo das edições, no período de 20 anos, detectamos uma redução gradativa da produção discursiva textual, inversamente a um acréscimo progressivo de desenhos, ilustrações, fotos, microfotografias e gravuras de partes do corpo, externas e internas, ampliadas e colorizadas artificialmente (no sentido de destacar os fragmentos do corpo).

Uma descontinuidade visível, quando verificada a série das publicações, é a forma de apresentação reservada (não explícita) de Amar (1979), em contraste com os desenhos e fotos produzidos, de modo a focalizar e pôr em evidência posições sensuais e até closes explícitos de genitais, nas publicações seguintes.

Com relação ao uso de recursos de ativação artificial, principalmente através das cores, a exceção merecedora de destaque é a Viver o Amor (1986) que apresenta todas as fotos em preto e branco. Apesar da exposição de corpos e "posições" razoavelmente ousadas, esta publicação teve sua circulação interrompida, sem justificativa, no 40º fascículo, quando a coleção estava programada inicialmente para 80 números (quatro volumes). Pode-se especular se esta suspensão deva-se a uma baixa comercialização e atratividade advinda da restrição fotocromática.

i) Discursos (pre)dominantes⁴⁰

Numa verificação superficial geral dos fascículos e pela leitura dos sumários de todas as enciclopédias publicadas nas décadas de 80 e 90, identificou-se a supremacia e (pré)dominância do discurso médico, seguido dos discursos da psicologia e da psicanálise.

As apropriações do discurso médico foram confirmatórias de sua melhor articulação histórica, iniciada nos meados do século XVIII, no campo de correlações de forças com outros discursos. Os médicos, como agentes do discurso médico, passaram a atuar no circuito de literatura popular /de "educação sexual", ocupando um papel preponderante na normatização e controle sobre os corpos, através da construção mítica de seu poder sobre a vida e sobre a morte.

Em muitos de seus textos, principalmente em "A Governamentalidade" (artigo publicado na coletânea de Roberto Machado), Michel Foucault explora as conexões entre o poder pastoral (pastorado cristão), a questão da gestão do governo, a biopolítica de regulação das populações e a anátomo-política dos corpos.

Pode-se afirmar, neste sentido, que os médicos passaram a exercer as funções que teriam as instituições religiosas e as instituições governamentais, ou em outras palavras, a política governamental e a "doutrina" religiosa, foram "anexadas" pela *scientia sexualis* (transposição do saber pastoral religioso para o saber médico científico).

⁴⁰ Este tema será retomado nas análises de discursos sobre corpo e sobre gênero.

3.3 - UMA ANÁLISE DE DISCURSO SOBRE O CORPO

Procedimentos

A categoria **corpo**, neste trabalho, foi abordada sempre na perspectiva de Michel Foucault, ou seja, corpo marcado e transpassado historicamente pelas microfísica e macrofísica dos poderes-saberes. A arqueologia, como ferramenta, foi o instrumento escolhido para efetuar um olhar sobre os enunciados das publicações, confrontando e destacando as repetições e divergências, descobrindo as marcas sutis e singulares sobre os corpos. Em síntese: procurando fazer uma "história do presente" do corpo (trans)passado, nas publicações estudadas.

Como procedimento efetuou-se, a partir de leitura superficial, uma seleção prévia de textos onde a temática corpo era trabalhada de forma mais direta e focal, tomando como referência, os sumários, os títulos dos capítulos, ou os sub-títulos de textos, que remetiam à verificação das inscrições e colagens sobre os corpos. Optou-se por efetuar recortes enunciativos e correlações, procurando evitar o uso de transcrições textuais, o que poderia ensejar uma "interpretação" do tipo "análise de conteúdo". Para ilustrar as fontes dos enunciados, alguns textos foram selecionados e copiados, formando o anexo I desta pesquisa. Não obstante, relaciona-se a seguir as publicações e respectivos títulos das seções ou capítulos trabalhados:

Nós 2 - Amor e Sexo (1983)

- *Cirurgia plástica* - vol.2, pág.449
- *As receitas da juventude* - vol.3, pág.598
- *Melhore sua auto-imagem* - vol.3 pág. 641
- *Aproveite o seu tipo físico* - vol. 3, pág. 634
- *Pintura corporal* - vol.4, pág.752
- *Os segredos do corpo* - vol.5, pág.1025
- *Uma dieta "afrodisíaca"* - vol.5, pág 1041
- *Fique sexualmente em forma* - vol. 5, pág. 1137
- *Cuidando do corpo* - vol.5, pág. 1164

Nova Enciclopédia de Amor e Sexo (1986)

- *Pele sensual* - vol.1, pág.177
- *A pelve* - vol.1, pág. 194
- *Em forma para o sexo* - vol. 1, pág. 213
- *Em forma para o sexo (cont.)* - vol. 1, pág. 225
- *Corpo nu, mente sã* - vol.2, pág. 361
- *O que atrai os homens* - vol.3, pág.621
- *Saúde e sexo* - vol.3, pág. 637
- *A beleza de todos nós* - vol.3, pág.674
- *O que excita a mulher* - vol. 3, pág.701
- *Cirurgia estética* - vol.3, pág. 797
- *As mil faces da beleza* - vol.3, pág.876
- *Cuidados com o corpo* - vol.3, pág. 894
- *Exercícios diários para uma boa postura I* - vol.4, pág. 961
- *Exercícios diários para uma boa postura II* - vol.4, pág. 981
- *Nudez* - vol.4, pág.1001
- *Detalhes que melhoram o sexo* - vol 4, pág.1124
- *A decoração do corpo* - vol.5, pág.1296
- *Imagem do corpo* - vol. 5, pág 1278
- *A boa dieta* - vol 5, pág. 1356
- *AIDS* - vol.2 , pág.532
- *AIDS* - vol.5, pág. 1381
- *Grupos de risco* - vol.5 pág. 1401
- *O sexo depois da AIDS* - vol.5 pág. 1421
- *O vírus da AIDS* - vol.5, pág.1441
- *Prevenção AIDS* - vol 5, pág. 1461

Guia Prático do Sexo (1990)

- *Você liga para a aparência?* vol.2, pág.581
- *Cirurgia plástica.* Vol.2, pág 328
- *A luta pelo peso ideal.* Vol.2, pág 348
- *Só é doente quem quer* - vol.2, pág.448
- *O corpo feminino* - vol.2, pág.588
- *Emagrecimento inteligente* - vol.2, pág. 288
- *A linguagem do corpo* - vol.3, pág. 732
- *Em forma para o amor* - vol.3, pág 768
- *Cuidado com o sol* - vol.3, pág.848
- *Segredos do corpo* - vol.3, pág.885
- *O corpo feminino* - vol.3, pág. 868
- *AIDS* - vol.1, pág. 128

Enciclopédia da sexualidade (1995)

- *Capítulo I - Tudo o que nos excita* - vol.1, pág.2-32
- *Fatores de atração* - vol.1, pág. 12
- *Anorexia e bulimia* - vol.1, pág.12
- *Gordas ou magras?* - vol.1, pág.12
- *Boca, nádegas e todo o resto* - vol.1, pág.14
- *A beleza masculina* - vol.1, pág 16
- *Seja bonito e durma descansado* - vol.1, pág.19
- *Capítulo 21 - O lado negro do sexo 9 (As DSTs)* - pág.518

a) Idealização do corpo

O corpo nas enciclopédias e guias sexuais está mostrado sempre na forma de idealização, tanto nos textos quanto nas gravuras e fotografias, seja enaltecendo o valor da "aparência", seja apontando para os benefícios de dispor de um corpo ideal.

Muito embora haja enunciados descrevendo que nem sempre beleza é fundamental, ou que um sobrepeso no corpo não é tão "negativo", estas referências são mínimas em relação àquelas de idealização corpórea.

Não está afastada a consideração de que a beleza é relativa, dependendo de cada cultura e do momento histórico, mas este olhar sempre está ofuscado pelos discursos de padronização do corpo, dentro das características cultuadas no Ocidente: **magro, alto, branco, sorridente, desprovido de excessos**. O corpo do negro, por exemplo, passou a "aparecer", mas ainda de maneira esparsa e ocasional, somente nas publicações da década de 90.

Para Foucault, existe um desenvolvimento estratégico normal de uma luta envolvendo os corpos em nossa sociedade (ocidental, capitalista, burguesa), onde os poderes (e os saberes) avançam e recuam, deslocam-se, numa batalha contínua e indefinida.

"A revolta do corpo sexual é o contra-efeito desta ofensiva. Como é que o poder responde? Através de uma exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde os produtos de bronzear até os filmes pornográficos... Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não têm mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: **'Fique nu....mas seja magro, bonito, bronzeado!'** A cada movimento de um dos dois adversários corresponde o movimento do outro" (Foucault, 1998:147). (grifos meus)

Nesta estratégia de objetivação da sexualidade, aparentemente ambígua, é mantida a vigilância e o controle dos corpos, concomitante à sua liberação e à estimulação sexual, através de sua idealização.

Outro elemento de idealização, a juventude, foi observado como continuidade discursiva no período analisado, apresentado como característica valorizada universalmente. Se as edições da década de 80 eram mais ilustradas com crianças, pessoas de meia-idade e até idosas, nas edições mais recentes a ênfase era feita sobre corpos jovens modelados, com aparência atlética, muscular ou esbelta, acompanhada por argumentação textual sobre a sedução e atração para o sexo oposto.

Villaça e Goés (1998), citando Foucault como um dos pensadores mais férteis nos estudos das relações de poder e controle, também apontam para esta ambigüidade entre disciplina e prazer, a propósito da desenfreada busca da eterna juventude e do aperfeiçoamento físico:

"É o indivíduo que busca defender-se de sua degenerescência e imperfeição essencial, ou trata-se ainda de mecanismos mais sutis de manipulação por parte do poder, funcionando, não mais por meio de mecanismos jurídicos ou médicos, mas pela sedução exercida sobretudo pelos meios mediáticos?"
(Villaça & Goés, 1998:45)

Os mecanismos de controle seguem investimentos estratégicos tão sutis, tão dispersos, tão impossíveis de serem localizados, que a **incorporação** das disciplinas se processa como se fizesse parte de uma escolha subjetiva, autêntica, individual e não de dispositivos construtores de subjetividades, de um processo de **assujeitamento**. Discursos e contradiscursos se inter-relacionam nas complexas malhas do poder descentralizado.

b) Fragmentação do corpo

Nas publicações Amar(1979) e Vida Íntima (1981) e Dicionário da Vida Sexual(1981) o corpo era apresentado na sua totalidade, mais vestido, mais recatado, em poses mais singelas, embora sensuais. O clima de liberdades públicas estava se

reinstalando e o relaxamento da censura ditatorial proporcionou o surgimento de variadas publicações eróticas⁴¹.

Se por um lado, inicialmente os corpos estavam retratados, nas enciclopédias, em obras de arte e/ou desenhos, no transcorrer das edições, os corpos foram sendo gradativamente mais expostos em fotografias e com genitais explícitos. Já a partir da edição de Nós 2 (1983), o corpo passou a ser apresentado de forma mais ousada e mais fragmentada, sob recortes de seios, nádegas e bocas para as mulheres e em torsos, pernas, e olhos para os homens⁴². Esta descontinuidade, entretanto, não foi abrupta, percebendo-se que seguiu uma lógica de valorização dos outros meios de comunicação, principalmente a televisão e revistas dirigidas ao público feminino e masculino, além de seguir padrões de absorção e aceitação públicas.

c) Corpo belo associado ao corpo saudável

Uma das constantes dos textos foi a associação do corpo belo ao corpo saudável, retratando uma sobreposição no campo dos discursos, de que "beleza é saúde" ou o seu inverso, "um corpo feio é um corpo doente". Houve a insistência de que um corpo de formas bem proporcionadas, esteticamente atraente, sem manchas, não está relacionado **unicamente** aos interesses econômicos e de padronização, movimentadores de uma complexa engrenagem comercial de tratamentos de beleza e cirurgias plásticas, mas relacionado **principalmente** à saúde. Os nexos discursivos começaram a se apropriar do discurso da saúde e do corpo saudável (e vice-versa), para consolidar sua base de sustentação. Nos enunciados estavam presentes, em casos até explícitos, o consenso universal em torno do qual um corpo que "pareça em forma" é saudável.

⁴¹ A 1ª exposição de órgãos sexuais femininos, em nu frontal foi apresentada pela revista EleEla em 1980.

⁴² Muito embora haja fotos difusas de nu frontal masculino na edição *Viver o Amor* (1986) somente no Guia dos Amantes (1996) estão expostos explicitamente órgãos genitais masculinos.

Como complemento enunciativo, um corpo belo e com saúde, terá sucesso, financeiro e/ou sexual, favorecendo os relacionamentos, obtendo vantagens e melhorando a auto-imagem e a auto-estima. Nesta teia de discursos, onde se misturam outros incontáveis sub-discursos, está presente na maioria das vezes, a famosa frase latina, dualista e mentalista: "mens sana in corpore sano" (mente sã no corpo sadio).

No campo extradiscursivo, academias ultra-especializadas proliferaram-se geometricamente na década de 90, em todos os centros urbanos, principalmente metropolitanos, mantendo o culto ao corpo belo, corpo com ótimo "condicionamento" (apenas físico?). Desta maneira, em nossa sociedade consumista, o discurso da estética se conecta ao discurso médico, imputando modelos normatizadores geradores de lucros. Em outras palavras, corpo alvo de uma estratégia retro-alimentadora: *corpo saudável* associado ao *corpo modelo*; corpo modelo associado ao *corpo perfeito*; corpo perfeito associado ao *corpo belo*; e corpo belo associado ao *corpo saudável*.

Neste sentido, Foucault, em *O Nascimento da Clínica*, elabora reflexões sobre as rupturas ocorridas no discurso da medicina após sua ligação com o Estado, no século XVIII, no tocante às conexões corpo saudável/corpo modelo.

"A medicina não deve mais ser apenas o *corpus* de técnicas de cura e do saber que elas requerem; envolverá, também, um conhecimento do *homem saudável*, isto é, ao mesmo tempo uma experiência do *homem não doente* e uma definição do *homem modelo*" (Foucault, 1994b:39) (grifos meus).

Ressalta ainda, no mesmo livro, outra inversão estratégica da prática médica ocorrida entre os séculos XVIII e XIX, em relação ao surgimento da organicidade do corpo e às noções positivas de **saúde e normalidade**:

"De um modo geral, pode-se dizer que até o final do século XVIII, a medicina referiu-se muito mais à saúde do que à normalidade; não se apoiava na análise de um funcionamento <regular> do organismo(...) A medicina do século XIX regula-se mais, em compensação, pela normalidade do que pela saúde; é em relação a um tipo de funcionamento ou de estrutura orgânica que ela forma seus conceitos e prescreve suas intervenções" (Foucault, 1994b:39).

Constata-se portanto, a presença, nas enciclopédias analisadas, deste vetor discursivo médico (normatizador e normalizador) encadeado com o vetor dos discursos (e práticas) sobre a valorização do corpo burguês, "explorado" economicamente, não apenas em seu valor de trabalho, mas em sua possibilidade de auto-exploração pela negociação (econômica) das partes de seu corpo, através da erotização e corpolatria. Neste sentido, o capitalismo produz não só coisas como mercadorias, produz também indivíduos como coisas, como mercadorias.

d) Microfísica cotidiana sobre os corpos

Nas edições de 1983 e 1986, o corpo sexual apresenta-se fortemente como alvo de orientações de posturas, cuidados físicos e exercícios básicos para melhoria de imagem. Esta preocupação com a "consciência do corpo", sua "manutenção" como máquina, sua condição física e higiênica, recebe suporte discursivo da medicina, da psicologia e da engenharia nutricional. Os inúmeros cuidados corporais são exigidos diariamente, numa microfísica de poder atuando no cotidiano, em mínimos detalhes gestuais e posturais, invasora de uma "privacidade" não diretamente sexual, mas indiretamente considerada como "lucrativa" neste campo.

As publicações dos anos 90 não repetem, tão insistentemente, este procedimento, partindo para textos voltados para a beleza "natural", a sedução, excitação e atração sexual. Muito embora esta constatação possa ser analisada, num primeiro momento, como uma ruptura discursiva, outros recortes enunciativos efetuados

comprovam que a "tecnologia do corpo" transpôs o exagero dos cuidados anteriores (e os esforços físicos), para a possibilidade de intervenções mais diretas (menos desgastantes), sob a forma de cirurgias estéticas, cremes, e outras parafernalias instrumentais para efetuar a correção das imperfeições.

e) A AIDS como ruptura discursiva

A emergência da Síndrome da Imuno-deficiência Adquirida (AIDS), como fenômeno extradiscursivo, no início da década de 80, promoveu rupturas significativas nos discursos conectados à sexualidade. Em 1986, as edições passaram a reservar extensos textos sobre a síndrome, mas ainda sob a forma de discurso higienista, típico das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs). Em outras palavras, dentro de uma descontinuidade, a AIDS, verifica-se uma continuidade, o monitoramento sexual (**polícia do sexo**⁴³): o rastreamento de pequenos e grandes trajetos, posturas e condutas corporais e também dos comportamentos sexuais, individuais e sociais.

Muito embora nos primeiros enunciados observem-se características preconceituosas e homofóbicas, colocando os sujeitos com práticas homossexuais como os responsáveis pela disseminação epidêmica da síndrome, somente após "novas descobertas científicas" surgiram alterações discursivas. Em 15 anos, novas formas de contágio da síndrome mudaram os textos, direcionados até então aos chamados **grupos de risco**, para redirecionamentos de alertas sobre **comportamentos de risco**.

Não obstante, os corpos dos drogados, dos hemofílicos e, principalmente, dos homossexuais, ficaram estigmatizados como agentes de disseminação e contaminação de outros corpos. Foram preciso anos para a ocorrência de uma inflexão discursiva no

⁴³ Ver proveniência da "**polícia do sexo**" no capítulo I - Reflexões teóricas página 11.

tocante aos olhares sobre estes corpos e, ainda assim, no campo extradiscursivo não há garantias de que a população, de modo geral, tenha assimilado esta alteração.

Esta aparente contradição e flutuação discursiva, deve ser hipoteticamente vista como uma regularidade extradiscursiva pois, no campo do discurso do senso comum, a AIDS ainda é vista como uma "doença" que atinge somente certos **grupos de risco**. Isto exemplifica a concepção de contradição discursiva em Foucault:

"o discurso é o caminho de uma contradição a outra: se dá lugar à que vemos, é que obedece à que oculta. Analisar o discurso é fazer com que desapareçam e reapareçam as contradições" (Foucault, 1995a:173-4).

Pontua-se também como regularidade discursiva, o fato de a medicina se colocar como capaz de curar ou impedir a progressão de quaisquer doenças. Mesmo com a atual incurabilidade da AIDS, o discurso da medicina continua a sustentar e a afirmar seu "domínio". Com relação a este saber-poder médico, Foucault analisa no texto *A Ordem do discurso*:

"A medicina não é constituída de tudo o que se pode dizer de verdadeiro sobre a doença, a botânica não pode ser definida pela soma de todas as verdades que concernem às plantas. (...) a botânica ou a medicina, como qualquer outra disciplina, são feitas **tanto de erros como de verdades**, erros que não são resíduos ou corpos estranhos, mas **que têm funções positivas, uma eficácia histórica**, um papel indissociável daquele das verdades" (Foucault, 1996b:31) (grifos meus)

Segundo o filósofo, a ordenação gradual da separação entre o discurso verdadeiro e o discurso falso teve a finalidade histórica de revelar, identificar e sustentar nossa "vontade de saber" e nossa "vontade de verdade".

A AIDS representou um marco nas rupturas discursivas de diversas áreas, e inegavelmente gerou mudanças sociais e políticas (campo extradiscursivo), com abrangência mundial. Também neste campo extradiscursivo verificamos a substituição do câncer pela AIDS, no que diz respeito ao mito social de "doenças" incuráveis e

causadora de inúmeros medos e pânicos. O que vem a confirmar que as sociedades, ao longo do tempo e das mais diversas maneiras, reagiram violentamente a certas doenças do tipo epidêmico, com marcas indelévels de isolamento social aos corpos de seus portadores. Há registros de inúmeras "pestes", que vem mantendo um encadeamento continuamente (re)emergente nas práticas extradiscursivas: peste negra (1347), sífilis (1500), peste bubônica(1665), gripe espanhola (1918), a milenar lepra, o contemporâneo câncer e a recente AIDS, são exemplos destes focos históricos estigmatizadores, inclusive, incorporado pelos sujeitos que, num momento ou outro portaram estas doenças. No tocante a sífilis e a AIDS, especificamente, acrescenta-se a conexão sexualidade-moralidade.

Mas o isolamento não dá apenas sob esta forma direta de "marcação do corpo", mas é incorporado de uma outra maneira, mais espontânea: em tempos de AIDS, pessoas passam a praticar sexo virtual via internet (pode-se considerar a popularização dos computadores como fenômeno extradiscursivo), via telefone, via filme pornô, sem o contato de corpos, sem visibilidade mínima. A AIDS promoveu a emergência de novas formas de "contatos sexuais" sem "contatos físicos", o sexo virtual, a distância, num anonimato performático (optativo) que inclusive apresenta componentes para uma profunda reflexão sobre: quem é esse sujeito que "protege-se" no anonimato?

Numa linha de raciocínio que se aproxima destes "afastamentos corpóreos", Weeks (1999) nos aponta a ansiedade resultante da emergência da AIDS:

"Naturalmente, qualquer doença que ameace a vida deveria gerar ansiedade (...) Mas a AIDS tornou-se mais do que um conjunto de doenças: ela se tornou uma poderosa **metáfora para nossa cultura sexual**. A resposta à AIDS tem sido vista como um sinal de nossa confusão e ansiedade crescentes sobre nossos corpos e suas atividades sexuais" (Weeks,1999:37).
(grifos meus)

E assim novos discursos se instalaram, discursos alarmistas, atemorizadores, provenientes de pessoas e instituições conservadoras interessadas em travar batalhas sensacionalistas e revanchistas contra a "revolução sexual", então em curso. Para estes, a "providencial" AIDS forneceu instrumentos ideais para uma contrapropaganda e campanhas contra o **perigo público**, de aceitação de condutas desviantes da norma heterossexual, tais como a homossexualidade, ou a bissexualidade.

Reiterando e indo mais além, a questão AIDS extrapolou o **medo de contaminação**, deslocando-se para o **medo de aceitação** de condutas sexuais (quaisquer que sejam).

f) O discurso consumista da "revolução sexual"

Um dos tópicos presentes nas enciclopédias do início da década de 80 e recorrente no período final analisado, ou seja, durante os 20 anos, era o discurso da "revolução sexual". Neste aspecto, convém retomar Foucault, quando faz uma profunda crítica ao afirmar que a "revolução sexual" não passa de uma exagerada preocupação discursiva com o sexo. Tal como no final do século XIX, a mascarada revolução da década de 60 e 70 eclodiu, não para liberação do prazer em oposição à repressão da sexualidade, mas porque interessou ao Estado e a outras instituições, estimular a exposição racionalizada da sexualidade, para manter o seu controle. Desta forma o sexo é produzido e modelado discursivamente, induzindo à formação de novas atitudes "revolucionárias" e "liberais", conforme interesses econômicos e políticos. Nas palavras de Foucault:

"Em vez da preocupação uniforme em esconder o sexo, em lugar do recato geral da linguagem, a característica de nossos três últimos séculos é a variedade, a larga dispersão dos aparelhos inventados para dele falar, para obter que fale de si mesmo, para escutar, registrar, transcrever e redistribuir o que dele se diz. Em torno do sexo toda uma trama de variadas transformações em discurso, específicas e coercitivas? Uma censura maciça a partir das decências verbais impostas pela época clássicas? Ao contrário, há uma incitação ao discurso, regulada e polimorfa." (Foucault, 1988a:35) (grifos meus).

Para Foucault, portanto, a questão não é tanto se houve, há, ou haverá uma "revolução sexual", mas **como** se produzem os discursos sobre a "revolução sexual". E ao se confrontar com Wilhelm Reich e sua crítica histórico-política da repressão sexual, afirma:

"O fato de tantas coisas terem mudado no comportamento sexual das sociedades ocidentais sem que se tenha realizado qualquer das promessas ou condições políticas que Reich vinculava a essas mudanças, basta para provar que toda a "revolução" do sexo, toda essa luta "anti-repressiva" representava, nada mais nada menos — e já era muito importante — do que um deslocamento e uma reversão tática no grande dispositivo de sexualidade" (Foucault, 1988a:123).

O recrudescimento sexual esperado com o advento da AIDS, conforme abordado anteriormente, não se deu em todos os campos e, por mais paradoxal que possa parecer, a exploração (discursiva e extradiscursiva) sexual tomou outras vias para manifestar-se. A mídia televisiva expõe os corpos em seus programas para ganhar audiência, a publicidade utilizando corpos sensuais ou sexuais para vender produtos, as redes de sex-shop comercializando produtos eróticos, a proliferação de casas de strippers, o turismo sexual, ofertas de sexo seguro por telefone e internet, o mercado de locação de fitas pornográficas e uma quantidade incomensurável de livros, revistas, e publicações sobre a temática sexual, comprovam o crescimento de uma indústria do sexo, co-existindo com práticas e discursos conservadores.

3.4 - UMA ANÁLISE DE DISCURSO SOBRE GÊNERO

Procedimentos

A elaboração de uma análise dos discursos **sobre gênero** contidos nas enciclopédias sexuais ficou prejudicada, simplesmente porque a categoria não estava abordada nos guias e enciclopédias sexuais com o conceitualização esperada. Entretanto, procurou-se apresentar alguns tópicos acerca de enunciados que continham ou "embutiam" a temática, considerando os riscos advindos de uma distorção na aplicação do método foucauldiano. Os recortes particularizados foram efetuados segundo os títulos que mais se aproximaram dos estudos de gênero e a tarefa se apresentou limitada, insuficiente e esparsa quanto aos objetivos estabelecidos inicialmente. Aproveitou-se então, para inserir neste espaço, explanações complementares sobre o mapeamento (efetuado por Foucault), dos quatro grandes conjuntos estratégicos que desenvolveram dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo (dispositivo da sexualidade), instauradores da *verdade sobre o sexo*, desde o início da era moderna. Eles não nasceram concomitantemente no século XVIII, mas foram (e são) utilizados de forma coerente, o que os torna eficazes "na ordem do poder/saber". São eles: histerização do corpo da mulher, a socialização das condutas de procriação, a pedagogização do sexo da criança e a psiquiatrização do prazer perverso. Todos, como se vê, conectados aos discursos sobre gênero e muito presentes nas publicações pesquisadas.

Alguns textos foram selecionados para ilustrar os documentos pesquisados, estando contidos no anexo I. Por outro lado, relacionou-se a seguir os títulos das seções ou capítulos trabalhados extraídos, por coerência, das mesmas publicações onde efetuou-se a análise sobre corpo:

Nós 2 - Amor e Sexo (1983)

- *O que é uma mulher feminina ?*- vol.4, pág.853
- *O que é masculinidade?* - vol.4, pág.863
- *Questionando o machismo* - vol.5, pág. 961

Nova Enciclopédia de Amor e Sexo (1986)

- *Homens e mulheres: as diferenças físicas*- vol.3, pág.661
- *Homem e mulher: emoções diferentes?* - vol.3, pág.761
- *Teste: seu comportamento é feminista, feminina, machista ou masculino?* vol.4, pág.913
- *Inversão de papéis* - vol.4, pág.941

Guia Prático do Sexo (1990)

- *Debate: a nova mulher*- vol.1, pág.172
- *Papéis trocados* - vol.2, pág.461

Enciclopédia da Sexualidade (1995)

- *O mito machista*- vol.1, pág.22
- *Sentindo-se homem e mulher* - vol.1, pág.129
- *Identidade e papéis* - vol.1, pág.130
- *A importância dos modelos* - vol.1, pág.133
- *Capítulo 12 - Ser mulher* - vol.2, pág.313-344
- *A condição feminina: a sexualidade e a natureza feminina* - vol.2, pág.314
- *O destino biológico* - vol.2, pág.332
- *Capítulo 13 - Crescei e multiplicai* - vol.2, pág.345-377
- *Capítulo 23 - Educar para o sexo: a pedagogia sexual* - vol.2, pág.580

a) O termo "gênero" nas enciclopédias

Em todas as publicações a questão de **gênero** estava textualmente inexistente, segundo esta terminologia ou nomenclatura. Não obstante, a enciclopédia Amar (1979) apresentou a maior quantidade de textos, em dois capítulos (32 páginas), sob o título Feminismo, contemplando a história dos movimentos de emancipação feminina (e a inserção no mercado de trabalho) **até a década de 70** e a Biblioteca Básica de Educação Sexual (1986) com o livreto "Masculino x Feminino" de 110 páginas. Em todas as outras enciclopédias e guias eram reservados, no máximo, 3 páginas para abordar a temática, ainda assim sob os títulos distintos. Nas edições de Amar (1979) e Vida Íntima (1981), os títulos referiam-se a **Feminismo**; em Vida Íntima (1981), o tema **Gênero** é tratado no sentido de traços biológicos e comportamentais. Nesta mesma enciclopédia

(Vida Íntima) surgem os títulos **Feminismo e Papéis Sexuais**. A partir destas edições percebe-se discussões ligadas a papéis sexuais, masculinidade/feminilidade e machismo nas publicações de 1983 até 1986. As publicações da década de 90 não abordam *diretamente* o tema sob nenhum título ou sub-título, omitindo quaisquer discussões contemporâneas a respeito da expansão dos estudos de gênero e a renovação de marcos conceituais.

Nestes 20 anos, a transformação do conceito promovido pela(o)s estudiosa(o)s desta categoria não foi absorvida pelos editores e/ou responsáveis pelos textos e discursos das enciclopédias. Gênero estava descrito, subsumidamente, nas diferenças referidas aos corpos de homens e mulheres, ou seja, como distinção biológica explícita entre masculino e feminino.

Por exemplo, a transformação ocorrida na esfera dos discursos feministas de que é no âmbito das **relações sociais** que se constroem os gêneros, representou um descontinuidade na sua conceitualização. Conforme destaca Leuro (1997):

"O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acertuando que os projetos e as representações sobre as mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem." (p.23)

Convém lembrar, entretanto, que adotou-se como procedimento, efetuar uma análise mais particularizada, selecionando os enunciados, representativamente, a partir das edições de **1983** (Nós 2 - Amor e sexo), **1986** (Nova Enciclopédia de Amor e Sexo), **1990** (Guia Prático do Sexo) e **1995** (Enciclopédia da Sexualidade).

A análise, portanto, ficou prejudicada, pois esperava-se encontrar tópicos envolvendo a trajetória e a continuidade do movimento feminista ao longo destas duas

décadas (80 e 90), tão significativa na luta pelos seus direitos, e pela procura e utilização de matrizes teóricas que apontassem para uma superação de perspectivas fixas de oposição binária antitética da diferença sexual. Ao que parece, o feminismo e os estudos de gênero obtiveram expressão substancial no espaço de reflexão acadêmica, mas como "vez e voz" no campo dos direitos políticos, ainda apresenta-se um desafio.

As mudanças nas últimas duas décadas, como por exemplo, além da maciça inserção das mulheres no mercado de trabalho, a participação ativa na economia em campos antes de domínio masculino, a gestão sobre o próprio corpo, os conflitos sobre o aborto e a limitação da maternidade, a revolta contra a violência doméstica, estupros e assédio sexual, a construção de uma subjetividade menos atrelada a hierarquização masculino/feminino e outros temas relevantes foram, no máximo, nestas publicações, trabalhados tangencialmente, sem a devida importância e reflexão teórica.

É oportuno citar, neste aspecto, contribuições ocorridas no processo de orientação desta pesquisa, por parte da Professora Doutora Mara Coelho de Souza Lago: como se esperaria "reflexões teóricas" sobre gênero nas enciclopédias, se estas são portadoras de "verdades científicas"? Os estudos de gênero não subverteriam os saberes médicos que orientam as enciclopédias?

Mas concebendo, tal como Bordo(1997), *corpo como metáfora da cultura, gênero como metáfora do corpo*, ou em outras palavras: *corpo como lugar cultural carregado de significados de gênero*, nos textos estavam discursos e contradiscursos sobre gênero.

b) Discurso médico-biologista e a genética

Identificamos, nas publicações, uma visão marcadamente biologista, desconsiderando as relações de poder que permeiam as sujeições, assimetrias, desigualdades, hierarquias e dominações nas "relações de gênero". Os textos, descrevem o feminino e o masculino, atravessados por determinadas concepções, segundo "verdades inquestionáveis", elaboradas por autorias discursivas, em sua maioria nominalmente não identificadas.

Em nosso entendimento, apresentamos como suposições (não únicas):

- 1º) A impermeabilidade do discurso médico, predominante nas enciclopédias, ainda não absorveu, resiste ou ignora as forças e o crescimento dos discursos sobre gênero;
- 2º) Como fenômeno extradiscursivo, o movimento feminista enfrenta ambivalências, fragmentações e impasses que impedem-no de autoafirmar-se como discurso político;
- 3º) As transformações ocorridas no discurso sobre gênero ainda não desencadearam reconhecimento histórico e reflexos em outros discursos;

Num outro vetor de afirmação e valorização do discurso médico, este apropria-se das novas tecnologias e da informática (com suas constantes rupturas discursivas e extradiscursivas), para manter a sua supremacia. Agrega-se, portanto, como descontinuidade numa continuidade, um novo discurso, o discurso da medicina computadorizada ou, num neologismo, o discurso da "info-medicina".

As publicações sexuais continuam estas transformações, na esfera do bio-poder. O discurso médico utilizando-se de "altas/recentes tecnologias" exerce o controle sobre o indivíduo e a população, mediante o motivador psicológico da inovação, da eliminação da dor, e do medo da imperfeição genética. E neste último ponto, liga-se o

discurso da eugenia e engenharia genética para apontar outra faceta deste bio-poder⁴⁴, o julgamento de quem deve e quem não deve nascer. O controle da evolução da espécie, "prerrogativa da medicina", como estratégia tática inversa à limitação da procriação, ao praticar a interdição, a seleção, a manipulação genética como proposta de programas sociais orientados para o aperfeiçoamento biológico da espécie ou à prevenção de defeitos hereditários, promove movimentos discursivos nos territórios morais, sociais, religiosos e éticos com modificações extradiscursivas. Neste sentido, destaca Scavone (1999):

"(...) es pues, a través de la práctica de la tecno-ciencia médica, resultante del avance industrial y del desarrollo, que la condición de pleno *bienestar* se acopla a un proyecto de sociedade ideal, transformando la salud en una utopia" (p.31).

Para Foucault, o discurso médico⁴⁵, comandado pelo privilegiado e exclusivo *status* do médico, estabelece uma **relação institucional** não só com os pacientes ou clientes, mas com a sociedade em geral na forma de ensino e difusão de prescrições, pois se articula em práticas (políticas) que lhe são exteriores e que não são de natureza discursiva. Em suas palavras:

"Finalmente podemos compreender tal relação na função que é atribuída ao discurso médico, ou ao papel que dele se requer, quando se trata de julgar indivíduos, tomar decisões administrativas, dispor as normas de uma sociedade, traduzir — para "resolvê-los" ou mascará-los — conflitos de uma outra ordem, **apresentar modelos de tipo natural às análises da sociedade e às práticas que lhe são pertinentes**" (Foucault, 1995a:188) (grifos meus).

⁴⁴ Rever discussão capítulo I - reflexões teóricas, páginas 09 e 10.

⁴⁵ Segundo Foucault (1995a), "(...) em um quarto de século, de 1790 a 1815, o discurso médico se modificou mais profundamente que desde o século XVII, que desde a Idade Média sem dúvida, e talvez até mesmo desde a medicina grega" (p.194-5)

c) O corpo da mulher

Muito embora o corpo tenha sido objeto de análise na seção anterior (uma análise de discursos sobre o corpo), neste item reservaremos espaço especial para destacar alguns enunciados direcionados especificamente para o corpo da mulher, até porque as análises feministas atuais continuam privilegiando o corpo feminino (na ótica de relações de gênero), seja contestando as múltiplas formas de dominação masculina (sexual, doméstica, familiar, profissional, política) tomando como base as diferenças biológicas, ou pelo direito político de sua própria gestão.

Nas publicações analisadas, a representação do corpo feminino é percebida com olhares diferentes entre homens e mulheres. A preocupação estética não se configura apenas externamente, mas também com os órgãos femininos internos. Esse processo de análise minuciosa do corpo feminino e a construção de sua imagem, segundo Foucault, remonta ao século XVIII com o nascimento do dispositivo estratégico da *histerização do corpo da mulher*:

"Tríplice processo pelo qual o corpo da mulher foi analisado — qualificado e desqualificado — como corpo integralmente saturado de sexualidade; pelo qual, este corpo foi integrado, sob o efeito de uma patologia que lhe seria intrínseca, ao campo das práticas médicas; pelo qual, enfim, foi posto em comunicação orgânica com o corpo social (cuja fecundidade regulada deve assegurar), com o espaço familiar (do qual deve ser elemento substancial e funcional) e com a vida das crianças (que produz e deve garantir, através de uma responsabilidade biológico-moral que dura todo o período da educação)"(Foucault, 1988a:99) (grifos meus).

Nesta reflexão sobre a milenar fixação do corpo da mulher à sua sexualidade, intensificada no século XVIII, com a patologização da mulher tornando o seu corpo objeto médico por excelência, Foucault destaca o papel de inversão estratégica dos movimentos feministas no questionamento desta imensa "ginecologia" e no

questionamento desta "verdade sobre o sexo" constituída numa "sexografia" (termo utilizado por Foucault):

"Ora, os movimentos feministas aceitaram o desafio. Somos sexo por natureza? Muito bem, sejamos sexo mas em sua singularidade e especificidade irreduzíveis. Tiremos disto as conseqüências e reinventamos nosso próprio tipo de existência, política, econômica, cultural..." (Foucault, 1998:234).

d) Técnicas conceptivas e anti-conceptivas

Conforme já descrito na análise genérica, percebeu-se, nas enciclopédias sexuais, o predomínio do discurso médico, principalmente aquele envolvendo a questão da natalidade. Os discursos da natalidade estavam conectados diretamente a outros sub-discursos, como o discurso da maternidade, da obstetria, da demografia, bem como a discursos auxiliares como o da psicologia, estética, feminilidade, etc.

Os textos tratando modernas técnicas conceptivas, tais como tratamento de fertilização, inseminação artificial, eram apresentados em proporção aproximada a dos textos sobre técnicas anticonceptivas, como métodos e recursos anticoncepcionais naturais e artificiais, esterilização, métodos experimentais de contracepção, e discussão inclusive sobre a prática do aborto (que embora seja ilegal no Brasil, sabe-se frequente). O alvo, entretanto, era predominantemente **o corpo da mulher**.

A continuidade discursiva de privilegiar o corpo da mulher na forma de naturalização da maternagem nos remete ao dispositivo que Foucault chamou de *socialização das condutas de procriação*:

"Socialização econômica por intermédio de todas as incitações, ou freios, à **fecundidade dos casais**, através de medidas "sociais" ou fiscais; socialização política mediante a responsabilização dos casais relativamente a todo o corpo social (que é preciso limitar ou, ao contrário, reforçar), socialização médica, pelo valor patogênico atribuído às práticas de controle de nascimentos, com relação ao indivíduo ou à espécie" (Foucault, 1988a-100) (grifos meus).

No Brasil, apesar de não ter sido adotada, por parte do governo, uma política abertamente anti-natalista, instituições não governamentais, muitas delas com médicos em seus quadros diretores, "substituíram", ou receberam do Estado aval para seus programas de planejamento familiar, podendo citar a BENFAM (Sociedade Civil de Bem Estar) e a ABEPF (Associação Brasileira de Instituições de Planificação Familiar). De acordo com Werebe (1998):

"Embora nunca tenham sido instituídos no país programas oficiais de educação em matéria de planificação familiar, desde os anos 70 o governo permitiu a implantação de organizações privadas que puseram em prática serviços nesse campo. (...) A tolerância, ou mesmo complacência, por parte do Estado em relação às esterilizações, parece evidente, na medida em que as intervenções são feitas principalmente em clínicas e hospitais públicos ou conveniados" (p.125e127)

A enciclopédias sexuais retrataram esta não oficialização do planejamento familiar, apresentando textos de saúde reprodutiva, sejam de técnicas conceptivas ou anticonceptivas, sem emitir, pelo menos discursivamente de maneira explícita, interesses natalistas ou anti-natalistas.

e) Arranjos e re-arranjos familiares

As enciclopédias espelharam as transformações ocorridas nos arranjos e rearranjos familiares. A instituição da lei do divórcio, em dezembro de 1977 no Brasil estava comentada na edição de Amar (1979) e nas publicações seguintes, em textos referentes a aspectos jurídicos e relacionais da separação de casais, dissolução do casamento e retomada de novas conjugalidades. O discurso sobre o casamento, entretanto, continuava sendo uma regularidade, juntamente com a dependência feminina em relação ao homem (discurso machista) e uma sutil exigência de constituição de

família. A opção de planejamento do número de filhos e escolha do momento adequado para a gravidez foi reflexo de práticas extradiscursivas vivenciadas pelas mulheres (e homens) com a sua inserção no mercado de trabalho, e conseqüentes influências sócio-econômicas.

Esta continuidade, muito conectada à de permanência enunciativa do tipo "natureza reprodutiva" ou "função procriadora" da mulher, configura uma intrincada teia discursiva, com componentes biológicos, psicológicos, matrimônios, jurídicos, econômicos e sociais. Nos recortes do final da década de 90, o discurso da natalidade sofre uma ruptura, relacionada à maternidade da mulher solteira, levantando objeções jurídicas quanto ao direito individual e independente.

f) Homossexualidade

Os discursos acerca da homossexualidade apresentam artigos em razoável quantidade e regularidade, mas a emergência da AIDS promoveu rupturas e inflexões discursivas no período analisado.

Nos enunciados, apesar da ruptura "oficial" quando a **psiquiatria** retira em função de pressões dos movimentos sociais (domínio extradiscursivo), a homossexualidade⁴⁶ do quadro de "doenças mentais" em 1974, algumas correntes médicas manifestaram-se nos textos considerando-a, ainda, objeto de estudo patológico. Neste sentido, as próprias contradições teóricas no meio científico fazem com que, extradiscursivamente, segmentos da sociedade continuem a considerar a homossexualidade uma "doença" passível de "cura".

⁴⁶ A respeito da homossexualidade, Foucault (1998) nos coloca: "Foi por volta de 1870 que os psiquiatras começaram a constitui-la como objeto de análise médica: ponto de partida, de toda uma série de intervenções e de controle novos. É o início tanto do internamento dos homossexuais nos asilos, quanto da determinação de curá-los. Antes eles eram percebidos como libertinos e às vezes como delinqüentes". (p.233-4)

Foucault (1988a) insere nos mecanismos de poder/saber/prazer, como unidade estratégica formulada a partir do século XVIII, a *psiquiatrização do prazer perverso*:

" o instinto sexual foi isolado como instinto biológico e psíquico autônomo; fêz-se a análise clínica de todas as formas de anomalia que podem afetá-lo; atribuiu-se-lhe um papel de normalização e patologização de toda a conduta; enfim, procurou-se uma tecnologia corretiva para tais anomalias" (Foucault, 1988a:100)

Na publicação Amar de 1979, o homossexual é percebido e objetivado de forma preconceituosa e estigmatizada dentro de diversos discursos institucionais, como os discursos da moralidade ("depravados"), discurso religioso ("pecadores"), discurso psiquiátrico ("doente") e até do discurso jurídico ("infrator"). Na Enciclopédia da Sexualidade, em 1995, identifica-se uma descontinuidade nos segmentos discursivos, atenuando a "perseguição", como consequência das situações extradiscursivas, principalmente no reconhecimento da luta pelos direitos igualitários. É absorvido, por exemplo, um discurso sobre homossexualidade, elaborado pelos próprios homossexuais.

A inversão ou transformação do discurso sobre a homossexualidade, elaborada a partir dos próprios homossexuais, ao se autodenominarem (verificado em muitos enunciados), como dotados de criatividade e sensibilidade maiores que os heterossexuais, passa a ser uma emergência discursiva de afirmação homossexual. A este respeito, e a respeito dos limites tênues entre o discurso das experiências subjetivantes e o discurso de política homossexual, coloca-nos Foucault apud Souza (1997): "*a consciência homossexual excede a experiência individual e inclui a percepção de que se pertence a um grupo social determinado*" (p.113).

O ativismo político homossexual, travado no campo extradiscursivo, articula-se com questões de liberdade individual, vivências e visibilidades homossexuais, mobilizando diversos discursos co-existent, como os discursos sobre a construção de identidades sexuais e identidade de gênero⁴⁷.

g) Educação sexual e Gênero

As enciclopédias e guias sexuais fizeram e fazem parte de um conjunto de literatura educativa. Os textos podem ser considerados como leitura de formação, de educação informal, e o caráter prescritivo, de "reforço" de normas, condutas e valores de membros da classe média consumista, estavam sutilmente presentes na maioria dos discursos. Destas condutas, destacamos a fabricação ou manutenção das diferenças sexistas e hierarquizantes, seguindo uma lógica dicotômica de oposição masculino/feminino.

No interior das estantes, estas publicações e outras semelhantes ou sucedâneas, repousam à espera de um acesso ocasional, do casal auto-didata, dos pais com dúvidas próprias ou de seus filhos, e de filhos curiosos pela sexualidade (embora a leitura fosse indicada na capa dos fascículos como "proibida para menores de 18 anos"). Mas o mundo retratado é, predominantemente, o mundo público (viril) masculino convivendo em harmonia com o mundo doméstico (calmo) feminino, numa espécie de pedagogia da sexualidade, onde relações de poder seguem padrões assimétricos que foram naturalizados.

⁴⁷ O termo **identidade de gênero** segundo Stoller (1993) "se refere à mescla de masculinidade e feminilidade em um indivíduo, significando que tanto a masculinidade como a feminilidade são encontradas em todas as pessoas, mas em formas e graus diferentes" (p.28).

Sabe-se que as formas de educação assistemática, familiar, doméstica, concorrem com a educação sexual institucionalizada, da escola, da mídia e entidades profissionais que monitoram e se preocupam com a sexualidade infanto-juvenil. E apesar das contradições inerentes aos discursos destas instâncias, a evolução "sadia e natural" da sexualidade é apresentada como objetivo final (teleológico, portanto) de toda intervenção.

Este raciocínio direciona-nos novamente à Foucault, e ao quarto e último dispositivo estratégico montado a partir do século XVIII, a *pedagogização do sexo da criança*:

"dupla afirmação, de que quase todas as crianças se dedicam ou são suscetíveis de se dedicar a uma atividade sexual; e de que tal atividade sexual, sendo indevida, ao mesmo tempo 'natural' e 'contra a natureza', traz consigo perigos físicos e morais, coletivos e individuais; as crianças são definidas como seres sexuais 'liminares', ao mesmo tempo aquém e já no sexo, sobre uma perigosa linha de demarcação; os pais, as famílias, os educadores, os médicos e, mais tarde, os psicólogos, todos devem se encarregar continuamente desse germe sexual precioso e arriscado, perigoso e em perigo" (Foucault, 1988a:99)

Como estratégia deste dispositivo da sexualidade, o controle minucioso e meticuloso do corpo e da sexualidade de crianças e jovens, a restrição dos seus movimentos a partir dos regulamentos escolares, o espaço das salas e disposição das turmas e o balizamento do vestuário e da exposição de partes dos corpos, são indicativos contemporâneos da continuidade desta pedagogização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o desenvolvimento desta dissertação, esforcei-me em elaborar as frases na terceira pessoa do plural ou no impessoal (indefinido). Permitir-me-ei, nestas "considerações finais", utilizar a primeira pessoa do singular, pois este é o espaço também para manifestação de angústias, aflições, satisfações e avaliações no sentido de não emitir pretensas e prepotentes conclusões, que sabemos sempre inconclusas.

A escolha de Michel Foucault como aporte teórico, levou-me a repensar a maneira como os textos e os discursos são elaborados e apresentados e o quanto estamos presos nas malhas de poder/saber, sem o auto-reconhecimento deste aprisionamento. Confesso que gostaria de poder realizar uma releitura de livros lidos, tendo como lentes a perspectiva foucauldiana, mas me contento em "poder/saber" que este trabalho significou uma ruptura, uma descontinuidade, um corte na minha **maneira de pensar**. E ousou apropriar de uma citação de Foucault, destacada por Guilherme Castelo Branco de *Dits et Écrits*⁴⁸:

"eu nunca penso a mesma coisa pela razão de que meus livros são, para mim, experiências...Uma experiência é uma coisa da qual se sai, a si mesmo, transformado. Se eu tivesse que escrever um livro para comunicar o que já penso, nunca ousaria realizar tal empresa. Eu não escrevo senão pela razão de que não sei exatamente o que pensar desta coisa de que gostaria tanto pensar. De modo que **o livro me transforma e transforma o que penso**" (Foucault apud Branco, 1998:08). (grifos meus)

⁴⁸ Coletânea em quatro volumes (edição francesa) com 820 páginas cada um, contendo artigos, entrevistas e conferências de Michel Foucault. No Brasil, o primeiro de cinco volumes propostos da coleção *Dits e Escritos* foi publicado em 1999, e o segundo em 2000.

Os desdobramentos desta "transformação" são perturbadores, desde a simples leitura de um texto e suas sutilezas, até a reavaliação de posturas profissionais, principalmente na condição de psicólogo, "especialista" em educação sexual, docente e pesquisador-iniciante. Concordo com Paulo Vaz, ao prefaciar o livro *Foucault: o paradoxo das passagens* de André Queiroz, quando afirma: "...ninguém que tenha sido afetado por Foucault conseguirá ser especialista"(Queiroz:1999:12). Não conseguirá ser "especialista" em Foucault e nem em qualquer outra coisa (como especialista em educação sexual, no meu caso).

Ao imaginar a quantidade de livros, publicações, trabalhos e textos que são produzidos, divulgados e comercializados com a pretensa finalidade de **estar educando**, **sob bases científicas**, de divulgar "verdades" acerca de sexualidade, emergem inúmeras questões sobre os padrões de normalidade, a imposição de normas, e os processos de assujeitamento que experimentamos, sutilmente e lentamente.

Sob o prisma foucauldiano, qualquer proposta de educação sexual, formal ou informal, insere-se nos mecanismos da díade poder/saber, sendo muito difícil escapar das amarras controladoras, pois as palavras (e o falar) são instrumentos do poder, maneiras pelas quais os "fortes" (discursos e práticas) controlam os "fracos" (discursos e práticas). Sua analítica denunciadora, assim, faz-nos assumir um posicionamento cético quanto às reivindicações de uma educação sexual libertária ou emancipatória, pois a história da sexualidade não é uma história que vai da "repressão" à "libertação", mas sim à troca de um tipo de relação de poder por outro, pois no embate dominantes/dominados de grupos, instituições e classes sociais, há quebras de contrato, regiões de conflitos móveis,

alternâncias de posições, migrações do poder. O poder é mais uma **estratégia** do que uma **propriedade**.

Estamos acostumados a tomar o poder como algo superior, super-estruturado, institucional, estatal. Mas Foucault nos lembra que o Estado é apenas o resultado e efeito da concentração de poder, é no Estado onde ocorre a visibilidade e o agenciamento do poder. E embora seu pensamento possa ser interpretado como niilista e cético, Foucault não nega a liberdade: apenas efetua um descentramento de sua condição: podemos conseguir **espaços de liberdade**, mas nunca **estados de liberdade**; podemos "manipular o poder" mas nunca "tomar o poder". Os graus ou degraus de liberdade pelos quais podemos lutar, fazem parte de uma singular equação de micro-revoluções onde "linhas de fuga" são traçadas, conforme aponta o co-orientador deste trabalho, Professor Kleber Prado Filho, a partir da transgressão dos discursos, das resistências localizadas e do exercício de liberdade nos múltiplos espaços nos quais o sujeito transita. Neste pensar, **o corpo** faz ou precisa fazer cálculos utilitários para "ganhar espaços".....mas pode perdê-los também....Nas palavras de Foucault:

"A conclusão seria que o problema ético, social e filosófico de nossos dias, não consiste em tentar liberar o indivíduo do Estado nem das instituições do Estado, porém nos libertarmos tanto do Estado quanto do tipo de individualização que a ele se liga. **Temos que promover novas formas de subjetividade através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto há vários séculos.**" (Foucault, 1995b:239)(grifos meus)

A apropriação de Foucault pelos estudos de gênero, centraliza-se justamente na analítica de poder apresentada pelo pensador francês. Homens e mulheres estão mergulhados de tal forma em relações de poder, que seus assujeitamentos (ou subjetivações) são tomados muitas vezes como "naturais": são naturalizadas a força

masculina e a correlata fraqueza feminina, a tendência à maternidade feminina e a exacerbada sexualidade masculina. São naturalizadas a violência masculina e a passividade feminina, os espaços públicos como masculinos e os espaços domésticos como femininos. A crítica à naturalização como agente do obscurecimento da historicidade foi uma das evidências deste trabalho.

Nas enciclopédias, corpos masculinos e corpos femininos eram mostrados como sensuais e atraentes, explorados, fragmentados, sempre em apresentação vistosa e destacada, de forma tais que eventuais dissonâncias com os conteúdos dos textos passavam muitas vezes despercebidas. Despercebidas talvez porque o "leitor" estivesse tão absorto com as imagens sedutoras, que o prazer visual predominasse como motivador da aquisição dos fascículos e de sua "leitura". E podemos lançar hipóteses adicionais: estas contradições entre escrita e imagem, entre títulos, sub-títulos e textos, não fariam parte de estratégias editoriais e tipográficas? O embelezamento sedutor seria até prioritário para comercialização e circulação, recurso-chamativo mais do que auxiliar literário, sem a preocupação de fidedignidade e coerência?

Mas estas questões contrariam os ensinamentos de Michel Foucault, avesso a qualquer análise interpretativa, sendo este um dos cuidados que procurei ter: evitar cair nas malhas da hermenêutica. Não sei se atingi este objetivo completamente e esta minha incerteza ancora-se num texto de 1967, *Nietzsche, Freud e Marx*, onde Foucault afirma:

" se a interpretação nunca pode se concluir, é muito simplesmente porque **nada há a interpretar**. Nada há de absolutamente primeiro a interpretar, pois **no fundo tudo já é interpretação**. (...)As próprias palavras não passam de interpretações...(...) a interpretação se confronta com a obrigação de interpretar a si mesma infinitamente, de sempre se retomar." (Foucault,2000b:47-9) (grifos meus).

O desencadeamento de "interpretações" está incorporado nas práticas cotidianas humanas e a temática da auto-interpretação⁴⁹ leva-nos a pesquisas filosóficas mais profundas pelas quais este trabalho não enveredou, já que este não era um de seus objetivos.

Uma outra dificuldade da pesquisa foi a aplicação efetiva do método. Qual o método realmente utilizado? Arqueológico ou genealógico? Os dois? Trabalhei com **discursos**, logo a delimitação metodológica pressuposta é a arqueológica; mas trabalhei com **corpo** – delimitação metodológica, a genealógica. Os limites tênues e justapostos destas delimitações geraram confusões. Foucault me colocou nesta situação de ambigüidade analítica por sua ambivalência metodológica.

Mesmo pressupondo que arqueologia e genealogia sejam planos conectados que exigem deslocamentos de olhares, de focalizações prioritárias, em meu entendimento a sua real aplicabilidade, talvez só Foucault tenha se permitido e conseguido fazer. Sua análise enunciativa histórica, anti-interpretativa é admitida por ele mesmo, como uma "tese difícil de sustentar", confoi me este parágrafo, transcrito da *Arqueologia do Saber*:

"Trata-se de uma tese difícil de sustentar. Sabemos – e talvez, desde que os homens falam – que as coisas, muitas vezes, são ditas umas pelas outras; que uma mesma frase pode ter simultaneamente, duas significações diferentes; que um sentido manifesto, aceito sem dificuldade por todos, pode encobrir um segundo, esotérico ou profético, que uma decifração mais sutil ou apenas a erosão do tempo acabarão por descobrir; que sob uma formulação visível pode reinar uma outra que a comande, desordene, perturbe, lhe imponha uma articulação que só a ela pertence; enfim, que, de um modo ou de outro, as coisas ditas dizem bem mais que elas mesmas"(Foucault, 1995a: 126-7) (grifos meus).

⁴⁹ Estes assuntos (interpretação e auto-interpretação) são explorados no artigo *Nietzsche, Freud e Marx* (Foucault, 2000) da coleção *Ditos e Escritos II - Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento da Editora Forense Universitária*.

Em *A Verdade e as Formas Jurídicas*, conjunto de conferências pronunciadas na PUC do Rio de Janeiro em maio de 1973, Foucault faz o seguinte comentário sobre o método apresentado em *Arqueologia do Saber*, publicado quatro anos antes:

"Para mim, a arqueologia é isso: uma **tentativa histórico-política** que não se baseia em relações de semelhança entre o passado e o presente, mas sim em **relações de continuidade** e na possibilidade de definir atualmente objetivos táticos de **estratégia de luta**, precisamente em função disso" (Foucault, 1996c:156) (grifos meus).

O reconhecimento de Michel Foucault, de que seu método é uma **tentativa** histórico-política e que a tarefa do arqueólogo "*é descobrir essas continuidades obscuras em nós incorporadas*" (Foucault, 1996c:156), verificar as utilidades e as atuações contemporâneas dos discursos e determinar a que sistema de poder estão ligadas estas continuidades, é complementada com a **possibilidade de luta**, me ensejou três percepções: primeiro, fiz uma **tentativa**, não sei se bem sucedida de utilizar o método foucauldiano; segundo, espero ter contribuído, através das análises dos discursos das enciclopédias sexuais, para possibilitar a "continuidade" das lutas contra imposição de comportamentos, condicionamentos, condutas e outras formas de dominação e desigualdade entre as pessoas (seja de gênero, classe, etnia, geração); terceiro, acredito ter vencido um desafio inicial, não permitir que as análises das categorias corpo e gênero ficassem dissociadas e isoladas. Procurei manter **corpo e gênero** sempre conectados, sempre efetuando a focalização temática, em movimento pendular, numa alternância de "figura/fundo", considerando suas coordenadas espaço/temporais, ou melhor suas condições histórico-culturais. E ao tomar como uma das epígrafes do trabalho uma frase de Robert Connell, "*no gênero, a prática social se dirige aos corpos*" (Connell apud Louro, 1997:22), estabeleci como meta, através do referencial foucauldiano, alinhar múltiplos

cruzamentos entre os discursos sobre o corpo e os discursos sobre gênero (interpenetrados e sobrepostos em certos enunciados, mas também contraditórios em outros).

Ter escolhido a linha de pesquisa "**Práticas sociais e constituição do sujeito**"⁵⁰, e fazer parte do **Núcleo de Estudos de Modos de Vida, Família e Relações de Gênero**, foram fatores consideráveis para me inserir nos objetivos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Como destaque final, saliento que esta pesquisa priorizou os aspectos de caráter prescritivo, normatizador e normalizador das enciclopédias e guias sexuais, ou seja descreveu os modos de **sujeição** presentes nas publicações (sujeição aos saberes científicos, pedagógicos e morais). Por outro lado, o que o leitor faz destas leituras, como as "incorpora", diz respeito aos mecanismos de **subjetivação**, o que demandaria um outro tipo de pesquisa, um estudo com outras possibilidades de exploração e desdobramentos.

Para encerrar: Foucault faz leituras de Nietzsche, Freud, Marx, Kant, Hegel, Heidegger, Merleau-Ponty, Bachelard, Bentham, Descartes, etc. e estabelece conversações com intelectuais renomados, seus contemporâneos: Deleuze, Veyne, Dumézil, Bourdieu, Passeron, Sartre, Beauvoir, Barthes, Lacan, Habermas, Derrida, Althusser, Canguilhem, dentre outros. Portanto, a multiplicidade de fontes filosóficas e sociológicas, a densidade e a compreensão de sua produção me fez lembrar, humildemente, um famoso reconhecimento atribuído ao filósofo grego Sócrates: "*Quanto mais eu sei, mais sei que menos (ou nada) sei!*".

⁵⁰ Segundo material de divulgação do Mestrado em Psicologia/UFSC, "considerando as várias dimensões da vida social, esta linha de pesquisa busca **investigar o processo de constituição do sujeito em diferentes contextos de discurso e práticas sociais**, tais como participação política, relações de gênero, práticas educativas, organizações familiares"(grifos meus).

*"A obra de Foucault entra na corrente das grandes obras
que alteraram, para nós, o que significa pensar"*

Gilles Deleuze

*"Pensar é experimentar, é problematizar. O saber, o poder e o si
são a tripla raiz de uma problematização do pensamento"*

Gilles Deleuze

*"De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas
a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o
descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão do saber se
se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê,
é indispensável para continuar a olhar ou a refletir"*

Michel Foucault

Consultas e Referências Bibliográficas

- ABRAHAM, Tomás. *Los Senderos de Foucault*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1989.
- AGACINSKI, Sylviane. *Política dos sexos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- AGUIAR, Neuma. *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- ALMEIDA, Maria Izabel Mendes de. *Masculino/Feminino: tensão insolúve*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- ARAÚJO, Inês Lacerda. *Foucault e a crítica do sujeito*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2000.
- ARIÉS, Philippe e BÉJIN, André (orgs.). *Sexualidades ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BALBUS, Isaac D. "Mulheres disciplinantes: Michel Foucault e o poder do discurso feminista" In: BENHABIB, S. & CORNELL, D. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.
- BARRET, Michèle. "As palavras e as coisas": materialismo e método na análise feminista contemporânea" In: *Revista de Estudos Feministas*, Vol. 7, nº 1 e 2/1999. CFH/UFSC
- BASSANEZI, Carla Beozzo. *Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- BENHABIB, Seyla e CORNELL, Drucilia (coords.). *Feminismo como crítica da Modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.
- BENTHAM, Jeremy. *O Panóptico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- BIRMAN, Joel. *Entre cuidado e saber de si: sobre Foucault e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- BLANCHOT, Maurice. *Foucault: como o imagino*. Lisboa, Port: Relógio d' água, s/d.
- BOLTANSKI, Luc. *As classes sociais e o corpo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

- BORDO, Susan. "O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault" In: JAGGAR, A & BORDO, S. *Gênero, Corpo e Conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BRANCO, Guilherme Castelo & NEVES, Luiz F.B(orgs). *Foucault: da arqueologia do saber à estética da existência*. Rio de Janeiro: Nau, 1998.
- BRANCO, Guilherme Castelo & PORTOCARRERO, Vera (orgs). *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau, 2000.
- BRANDÃO, Helena H.N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.
- BRITZMAN, Débora. "Curiosidade, sexualidade e currículo" In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado. pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- BRUNO, Fernanda. *Do sexual ao virtual*. São Paulo: Unimarco Editora, 1997.
- BUTLER, Judith. "Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault". In: BENHABIB, S. & CORNELL, D (coords). *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.
- _____. "Sujetos de sexo/gênero/deseo". In: Revista Feminaria, año 10, nº 19. Barcelona: 1997, p.1-20
- _____. "Corpos que pesam: sobre os limites do 'sexo'". In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- CABRAL, Juçara Teresinha. *A sexualidade no mundo ocidental*. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- CHAUI, Marilena. *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- CHAVES, Ernani. *Foucault e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.
- CODO, Wanderley e SENNE, Wilson A. *O que é corpo(latria)*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

- CORRÊA, Sônia. "Gênero e sexualidade como sistemas autônomos: idéias fora do lugar?" In PARKER, Richard e BARBOSA, Regina Maria (orgs). *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996
- COURTINE, Jean-Jacques. "Os stakhanovistas do narcisismo" In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995
- COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (orgs.). *Entre a virtude e o pecado*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- _____. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DORA, Denize Dourado (org.). *Feminino/Masculino: igualdade e diferença na justiça*. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- ERIBON, Didier. *Michel Foucault e seus contemporâneos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- ETCOFF, Nancy. *A lei do mais belo: a ciência da beleza*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
- FOUCAULT, Michel. "Prefácio". In: *Herculine Barbin, o diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- _____. *História da Sexualidade III. O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985
- _____. *História da Sexualidade I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988a (11ª edição)
- _____. *Isto não é um cachimbo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988b
- _____. *O pensamento do exterior*. São Paulo: Princípio, 1990
- _____. *Saber y Verdad*. Coléccion Genealogia del poder nº 10. Madrid: Las Ediciones de la Piqueta, 1991a.
- _____. y otros autores. *Espacios de poder*. Coléccion Genealogia del poder nº6. Madrid: Las Ediciones de la Piqueta, 1991b.

- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II. O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1994a (7ª Edição)
- _____. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994b
- _____. *Doença mental e psicologia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994c
- _____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a
- _____. "O sujeito e o poder". In: DREYFUS & RABINOW. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995b
- _____. et alli. *O homem e o Discurso*. Comunicação/3. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996a.
- _____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996b.
- _____. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 1996c
- _____. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- _____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998 (13ª edição)
- _____. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999a
- _____. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1999b (20ª edição).
- _____. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999c.
- _____. *Um diálogo sobre os prazeres do sexo e outros textos*. São Paulo: Landy, 2000a.
- _____. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000b.
- FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- GABILONDO, Ángel. *El discurso en acción: Foucault y una ontología del presente*. Barcelona, Espanha: Anthropos, 1990.

- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.
- GOLDMAN, Márcio. "Objetivação e subjetivação no 'último Foucault'" In: BRANCO, Guilherme Castelo & NEVES, Luiz F.B.(orgs.). *Michel Foucault: da arqueologia do saber à estética da existência*. Rio de Janeiro: Nau, 1998.
- GONZALEZ, Julian Sauquillo. *Michel Foucault: una filosofía de la acción*. Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1989.
- GRANDO, José Carlos. *A (des)construção do corpo*. Blumenau: Edifurb, 2001.
- GREGERSEN, Edgar. *Práticas sexuais: a história da sexualidade humana*. São Paulo: Roca, 1983.
- GROSZ, Elizabeth. "Corpos reconfigurados." In: Cadernos Pagu .Vol 14. Campinas (SP): Unicamp, 2000
- GUIRADO, Marlene. *Psicanálise e Análise do Discurso*. São Paulo: Summus, 1995.
- HACKING, Ian. " La Arqueologia de Foucault". In: HOY, David Couzens (comp.). *Foucault*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1988.
- HARAWAY, Donna. "Um manifesto para os cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80." In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994
- HEILBORN, Maria Luiza (org). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.
- HÉRITIER, Françoise. *Masculino Feminino: O pensamento da diferença*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- HIGHWATER, Jamake. *Mito e sexualidade*. São Paulo: Saraiva, 1992.
- HOY, David Couzens (comp.). *Foucault*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1988.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- JAGGAR, Alisson M. & BORDO, Susan R.(orgs). *Gênero, corpo e conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

- JALÓN, Mauricio. *El laboratorio de Foucault: descifrar y ordenar*. Barcelona, ESP: Anthopos, 1994.
- LAGO, Mara Coelho de S. "Identidade: a fragmentação do conceito". In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza e RAMOS, Tania Regina Oliveira (orgs). *Falas de Gênero*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.
- LAQUEUR, Thomas. *La construcción del sexo: cuerpo y género desde los griegos hasta Freud*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1994.
- _____. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro Relume Dumará, 2001.
- LAURETIS, Teresa de. "A tecnologia do gênero" In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994
- LECOURT, Dominique. "A Arqueologia e o Saber" In: FOUCAULT et alli. *O homem e o discurso (A arqueologia de Michel Foucault)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras: 2000.
- LOYOLA, Maria Andréa (org). *O sexualidade nas ciências humanas*. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 1998.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- _____. (org). "Pedagogias da sexualidade". In *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999
- MACHADO, Roberto. *Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault* Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.
- MAIA, Antonio C. "A genealogia de Foucault e as formas fundamentais de poder-saber: o inquérito e o exame" In: BRANCO, Guilherme Castelo & NEVES, Luiz F.B.(Orgs.) *Michel Foucault: da arqueologia do saber à estética da existência*. Rio de Janeiro: Nau, 1998.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise de discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1997.
- _____. *Termos- chave da análise de discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

- MANTEGA, Guido (coord.). *Sexo e poder*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- MARCÍLIO, Maria Luiza. *Família, mulher, sexualidade e igreja na história do Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- MARIGUELA, Márcio (org.). *Foucault e a destruição das evidências*. Piracicaba: Editora Unimep, 1995.
- MATOS, Maria Izilda S. *Por uma história da mulher*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MEZAN, Renato. "Uma arqueologia inacabada: Foucault e a psicanálise". In: RIBEIRO, R.J.(org.) *Recordar Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MOREY, Miguel. *Tecnologias del yo*. Barcelona: Paidós/ICE-UAB, 1990.
- MOUFFE, Chantal. "Feminismo, cidadania e política democrática radical". In: *O regresso do político*. Lisboa: Gradiva, 1996.
- MURARO, Rose Marie. *Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1996 (5ª edição)
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Breviário de citações (Fragmentos e aforismos)*. São Paulo: Pincípio, 1996.
- _____. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *Obras Incompletas*. São Paulo: Nova Cultural, 1999
- NYE, Andrea. *Teoria feminista e as filosofias do homem*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.
- NOLASCO, Sócrates *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- _____. (org.). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995
- NUNES, César Aparecido. *Desvendando a sexualidade*. Campinas, SP: Papirus, 1987.

- OLIVEIRA, Eleonora M. *A mulher, a sexualidade e o trabalho*. São Paulo: CUT, 1999.
- OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. *Elogio da diferença: o feminino emergente*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1999.
- _____. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- PINHO, Luiz Celso. "As tramas do discurso". In: BRANCO, G.C. & NEVES, L.F. *Michel Foucault: da arqueologia do saber à estética da existência*. Rio de Janeiro: NAU, 1998.
- PRIORE, Mary Del. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Editora Senac, 2000.
- PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Editora Best Seller, 1991.
- _____. e BARBOSA, Regina M (orgs). *Sexualidades Brasileiras*. Rio Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- PEDRO, Joana Maria e GROSSI, Miriam Pillar. *Masculino, Feminino, Plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.
- PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.
- PIERUCCI, Antonio Flávio. *Ciladas da diferença*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- PINTO, Milton José. *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hacker Editores, 1999.
- PISCITELLI, Adriana & GREGORI, Maria Filomena (orgs). *Cadernos Pagu (14): Corporificando gênero*. Campinas: Unicamp, 2000.
- POPE, Harrison et alli. *O complexo de Adônis: a obsessão masculina pelo corpo*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *Sexo, afeto e era tecnológica: um estudo de chats na Internet*. Brasília: Editora UnB, 1999.

- PORTOCARRERO, Vera. "Representação e constituição do objeto da modernidade" In BRANCO&PORTOCARRERO. *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau, 2000.
- PRADO, Danda. *Esposa: a mais antiga profissão*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- PRADO Fº, Kleber. "Ontologia e ética no pensamento de Michel Foucault". In: ZANELLA, Andréia V. et alli (orgs) *Psicologia e práticas sociais*. Porto Alegre: ABRAPSOSUL, 1997.
- _____. *Trajetórias para leitura de uma história crítica das subjetividades na produção intelectual de Michel Foucault*. Tese de Doutorado em Sociologia. São Paulo:USP,1998.
- PRIORE, Mary Del. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Editora Senac, 2000.
- QUEIROZ, André. *Foucault: o paradoxo das passagens*. Rio de Janeiro: Pazulin, 1999.
- QUEIROZ, Renato da Silva (org.) *O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza*. São Paulo: Editora SENAC, 2000.
- RAGO, Margareth. "Epistemologia feminista, gênero e história". In: PEDRO, J. & GROSSI, M.P. *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.
- _____. "O anarquismo e a história". In: BRANCO, G.C. & PORTOCARRERO, V. In: *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau, 2000.
- RAJCHMAN, John. *Eros e verdade: Lacan, Foucault e a questão da ética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- RIBEIRO, Renato Janine (org.). *Recordar Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RODRIGUES, José Carlos. *O corpo na história*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz: 1999.
- ROMERO, Elaine (org.). *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- ROUDINESCO, Elisabeth; CANGUILHEM, Georges; MAJOR, René & DERRIDA, Jacques. *Foucault: Leituras da História da Loucura*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

- SANT' ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- _____ . "Corpo, história e cidadania" In: MARINS, Ismênia, MOTTA, Rodrigo & IOKOI, Zilda (orgs.) *História e Cidadania*. São Paulo: Humanitás, ANPUH, 1998.
- SCAVONE, Lucila. "Anticoncepción, aborto y tecnologías conceptivas: entre la salud, la ética y los derechos". In SCAVONE, L. (comp.). *Género y salud reproductiva en América latina*. Cartago, Costa Rica: Libro Universitario Regional, 1999.
- SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". In *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre: UFRGS v.20.nº2, 1995.
- SOARES, Carmem (org.). *Corpo e história*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- SOUZA, Pedro de. *Confidências da carne: o público e o privado na enunciação da sexualidade*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- STOLLER, Robert. "Uma introdução à identidade de gênero". In: *Masculinidade e Feminilidade: apresentações do gênero*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001
- SWAIN, Tânia Navarro. "Quem tem medo de Foucault" In: BRANCO, Guilherme Castelo & PORTOCARRERO, Vera. (orgs.). *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau, 2000
- STREY, Marlene Neves et alli (orgs.). *Construções e perspectivas de gênero*. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2000.
- TERNES, José. *Michel Foucault e a idade do homem*. Goiânia: Ed UCG, 1998.
- TRIVIÑOS, Augusto N.S. *Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.
- TRONCA, Ítalo A (org.). *Foucault vivo*. Campinas: Pontes, 1987.
- VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Brasília: Editora UnB, 1982.
- VIGARELLO, Georges. "Panóplias corretoras: balizas para uma história" In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995

- VILLAÇA, Nizia e GÓES, Fred. *Em nome do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- WEEKS, Jeffrey. "O corpo e a sexualidade". In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999
- WEREBE, Maria José Garcia. *Sexualidade, Política e Educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.
- WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- _____. *Fogo com fogo: o novo poder feminino e como o século XXI será afetado por ele*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- ZANELLA, Andréia V. et alli (orgs) *Psicologia e práticas sociais*. Porto Alegre: ABRAPSOSUL, 1997.

Consultas Bibliográficas

(obras e textos de Michel Foucault)

- FOUCAULT, Michel. "Prefácio". In: *Herculine Barbin, o diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- _____. *História da Sexualidade III. O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985
- _____. *História da Sexualidade I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988a (11ª edição)
- _____. *Isto não é um cachimbo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988b
- _____. *O pensamento do exterior*. São Paulo: Princípio, 1990
- _____. *Saber y Verdad*. Coléccion Genealogia del poder nº 10. Madrid: Las Ediciones de la Piqueta, 1991a.
- _____. y otros autores. *Espacios de poder*. Coléccion Genealogia del poder nº6. Madrid: Las Ediciones de la Piqueta, 1991b.
- _____. *História da Sexualidade II. O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1994a (7ª Edição)
- _____. *O nascimento da clinica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994b
- _____. *Doença mental e psicologia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994c
- _____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a
- _____. "O sujeito e o poder". In: DREYFUS & RABINOW. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995b
- _____. et alli. *O homem e o Discurso*. Comunicação/3. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996a.
- _____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996b.
- _____. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 1996c
- _____. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998 (13ª edição)
- _____. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999a
- _____. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1999b (20ª edição).
- _____. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999c.
- _____. *Um diálogo sobre os prazeres do sexo e outros textos*. São Paulo: Landy, 2000a.
- _____. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000b.

Consultas Bibliográficas

(obras e textos de comentadores de Michel Foucault)

- ABRAHAM, Tomás. *Los Senderos de Foucault*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1989.
- ARAÚJO, Inês Lacerda. *Foucault e a crítica do sujeito*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2000.
- BIRMAN, Joel. *Entre cuidado e saber de si: sobre Foucault e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- BLANCHOT, Maurice. *Foucault: como o imagino*. Lisboa, Port: Relógio d' água, s/d.
- BRANCO, Guilherme Castelo (org). *Foucault: da arqueologia do saber à estética da existência*. Rio de Janeiro: Nau, 1998.
- BRANCO, Guilherme Castelo & PORTOCARRERO, Vera (orgs). *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau, 2000.
- BRUNO, Fernanda. *Do sexual ao virtual*. São Paulo: Unimarco Editora, 1997.
- CHAVES, Ernani. *Foucault e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- _____ *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995.
- ERIBON, Didier. *Michel Foucault e seus contemporâneos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1996.
- GABILONDO, Ángel. *El discurso en acción: Foucault y una ontología del presente*. Barcelona, Espanha: Anthropos, 1990.
- GONZALEZ, Julian Sauquillo. *Michel Foucault: una filosofía de la acción*. Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1989.

- HOY, David Couzens (comp.). *Foucault*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1988.
- JALÓN, Mauricio. *El laboratorio de Foucault: descifrar y ordenar*. Barcelona, ESP: Anthopos, 1994.
- MACHADO, Roberto. *Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault* Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.
- MARIGUELA, Márcio (org.). *Foucault e a destruição das evidências*. Piracicaba: Editora Unimep, 1995.
- MOREY, Miguel. *Tecnologias del yo*. Barcelona: Paidós/ICE-UAB, 1990.
- ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1999.
- ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault* Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- PRADO Fº, Kleber. "Ontologia e ética no pensamento de Michel Foucault". In: ZANELLA, Andréia V. et alli (orgs) *Psicologia e práticas sociais*. Porto Alegre: ABRAPSOSUL, 1997.
- _____ . *Trajetórias para leitura de uma história crítica das subjetividades na produção intelectual de Michel Foucault*. Tese de Doutorado em Sociologia. São Paulo, USP, 1998.
- QUEIROZ, André. *Foucault: o paradoxo das passagens*. Rio de Janeiro: Pazulin, 1999.
- RAJCHMAN, John. *Eros e verdade: Lacan, Foucault e a questão da ética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- RIBEIRO, Renato Janine (org.). *Recordar Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ROUDINESCO, Elisabeth; CANGUILHEM, Georges; MAJOR, René & DERRIDA, Jacques. *Foucault: Leituras da História da Loucura*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- TERNES, José. *Michel Foucault e a idade do homem*. Goiânia: Ed UCG, 1998.
- TRONCA, Ítalo A (org.). *Foucault vivo*. Campinas: Pontes, 1987.
- VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história* Brasília: Editora UnB, 1982.

Consultas Bibliográficas

(obras e artigos sobre corpo)

- BOLTANSKI, Luc. *As classes sociais e o corpo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.
- BUTLER, Judith. "Corpos que pesam: sobre os limites do 'sexo'". In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- CODO, Wanderley e SENNE, Wilson A. *O que é corpo(latria)*. São Paulo: Brasiliense, 1985
- ETCOFF, Nancy. *A lei do mais belo: a ciência da beleza*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
- GRANDO, José Carlos. *A (des)construção do corpo*. Blumenau: Edifurb, 2001.
- GROSZ, Elizabeth. "Corpos reconfigurados." In: Cadernos Pagu .Vol 14. Campinas (SP): Unicamp, 2000
- HIGHWATER, Jamake. *Mito e sexualidade*. São Paulo: Saraiva, 1992.
- JAGGAR, Alisson M. & BORDO, Susan R.(orgs). *Gênero, corpo e conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- LAQUEUR, Thomas. *La construcción del sexo: cuerpo y género desde los griegos hasta Freud*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1994.
- _____. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LOURO, Guacira Lopes (org). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MURARO, Rose Marie. *Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1996 (5ª edição)
- PARKER, Richard . *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Editora Best Seller, 1991.

- POPE, Harrison et alli. *O complexo de Adônis: a obsessão masculina pelo corpo*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- PRIORE, Mary Del. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Editora Senac, 2000.
- QUEIROZ, Renato da Silva (org.) *O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza*. São Paulo: Editora SENAC, 2000.
- RODRIGUES, José Carlos. *O corpo na história*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.
- ROMERO, Elaine (org.) *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- SANT' ANNA, Denise Bernuzzi de (org.) *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- _____ . "Corpo, história e cidadania" In: MARINS, Ismênia, MOTTA, Rodrigo & IOKOI, Zilda (orgs.) *História e Cidadania*. São Paulo: Humanitás, ANPUH, 1998.
- SILVA, Ignácio Assis. *Corpo e sentido: a escuta do sensível*. São Paulo: UNESP, 1996.
- SOARES, Carmem (org.) *Corpo e história*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001
- VILLAÇA, Nízia e GÓES, Fred. *Em nome do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- WEEKS, Jeffrey. "O corpo e a sexualidade". In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999
- WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

Consultas Bibliográficas

(obras sobre gênero)

- AGACINSKI, Sylviane. *Política dos sexos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- AGUIAR, Neuma. *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- ALMEIDA, Maria Izabel Mendes de. *Masculino/Feminino: tensão insolúvel*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- BASSANEZI, Carla Beozzo. *Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- BENHABIB, Seyla e CORNELL, Drucilla (coords.). *Feminismo como crítica da Modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (orgs.). *Entre a virtude e o pecado*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- DORA, Denize Dourado (org.). *Feminino/Masculino: igualdade e diferença na justiça*. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- HEILBORN, Maria Luiza (org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.
- HÉRITIER, Françoise. *Masculino Feminino: O pensamento da diferença*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MARCÍLIO, Maria Luiza. *Família, mulher, sexualidade e igreja na história do Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

- MATOS, Maria Izilda S. *Por uma história da mulher*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.
- NYE, Andrea. *Teoria feminista e as filosofias do homem*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.
- NOLASCO, Sócrates (org.). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995
- _____. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- OLIVEIRA, Eleonora M. *A mulher, a sexualidade e o trabalho*. São Paulo: CUT, 1999.
- OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. *Elogio da diferença: o feminino emergente*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- PEDRO, Joana Maria e GROSSI, Miriam Pillar. *Masculino, Feminino, Plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.
- PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.
- PIERUCCI, Antonio Flávio. *Ciladas da diferença*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- PISCITELLI, Adriana & GREGORI, Maria Filomena (orgs). *Cadernos Pagu (14): Corporificando gênero*. Campinas: Unicamp, 2000.
- PRADO, Danda. *Esposa: a mais antiga profissão*. São Paulo: Brasiliense, 2ª ed., 1995.
- SILVA, Alcione Leite, LAGO, Mara Coelho de Souza e RAMOS, Tânia Regina Oliveira (orgs.) *Falas de Gênero*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.
- STREY, Marlene Neves et alli (orgs). *Construções e perspectivas de gênero*. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2000.
- WOLF, Naomi. *Fogo com fogo: o novo poder feminino e como o século XXI será afetado por ele*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

Revistas

- REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS. Publicação semestral. Centro de Filosofia e Ciências Humanas - UFSC.
- CADERNOS PAGU. Publicação semestral. PAGU - Núcleo de Estudos de Gênero. Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

ANEXO I

Estão a seguir apresentados, alguns excertos, contendo enunciados, extraídos das enciclopédias e guias sexuais que foram utilizados para as análises

Você liga para a aparência?

*Antes de dizer não, lembre-se de que começamos a formar
opinião sobre uma pessoa pela aparência.
Caráter e temperamento ficam em segundo plano.*



specialistas em linguagem corporal afirmam categoricamente: quando vemos alguém pela primeira vez, nossa atenção se dirige para o corpo, só para o rosto. Os quatro ou cinco iniciais desse encontro são decididos então, sobre aquelas pressões que de modo geral não se adas. Como cerca de 90 por cento da comunicação não são verbais, elementos de postura, gestos, expressões faciais e até o heiro contribuem para definir um rência, portanto, desempenha

um papel fundamental e costuma influir no desdobramento de qualquer encontro, embora também seja fato que quanto mais conhecemos uma pessoa — e nos envolvemos com ela — menos nos importamos com seu aspecto externo.

O célebre psicanalista Sigmund Freud acreditava que as mulheres escolhem seus parceiros também pela semelhança que eles tenham com os pais delas, da mesma forma que os homens se sentem atraídos por mulheres que reproduzam o padrão feminino passado por suas mães. Por mais verdade que esse conceito possa representar, correntes modernas da

psicanálise sugerem que somos levados a escolher parceiros que sejam uma espécie de espelho do que consideramos mais atraente em nós mesmos.

De qualquer forma, as mulheres são mais realistas do que os homens: a longo prazo, elas se deixam influenciar menos pelas aparências. A beleza, dizem as mulheres, está nos olhos de quem vê. Basta conversar com elas, pedindo que lembrem o que aconteceu no momento em que encontraram seus parceiros. As respostas variam muito, e nelas não é apenas a beleza que conta pontos: muitas outras qualidades do homem são resalta-

Segredos da boa postura

A linguagem do corpo revela muito. Por exemplo, ombros caídos são sinal de depressão, braços cruzados impõem distância, olhos nos olhos demonstram atenção.

Revistas femininas estão sempre cheias de dicas de dietas, exercícios e novas maquiagens, mas você já percebeu alguma vez o quanto a linguagem do seu corpo é vital para a atração que exerce sobre os outros? Uma parcela considerável do que é chamado de charme ou carisma das pessoas vem de sinais silenciosos, emitidos pelo corpo quase sempre de maneira inconsciente.

Se você captar de forma correta essas mensagens, poderá melhorar sua aparência e, assim, favorecer seus relacionamentos.

Postura e gestos

Há muitas teorias que estabelecem relações muito claras entre corpo e mente. No entanto, o que fica claro pelas pesquisas é que a postura reflete basicamente o ânimo das pessoas, enquanto os gestos comunicam a todo momento o que se passa na mente.



podem mesmo adquirir um peso maior dentro da avaliação.

a diferença

Consciente coletivo registra uma diferença considerável entre os sexos, que se reflete no papel ancestral do homem caçador e na função mais doméstica da mulher, como guardiã dos filhos. A teoria ajuda a explicar por que tanto os homens preferem homens fortes e capazes — qualidades indicativas de bom pai e seguro defensor da família. A mesma teoria sofre com as pesquisas que apontam que

uma postura descontraída se torna mais atraente porque sugere equilíbrio e estabilidade. Ombros caídos significam falta de confiança e possível insegurança, mesmo que a pessoa não esteja se sentindo bem. Uma dica para usar a postura para despertar interesse consiste em inclinar o corpo para o lado ou apenas se voltar para a pessoa com quem se fala. Ao perceber que o ouvinte está atento ao que se diz, a pessoa se torna mais receptiva. Isso vale não só para as relações sociais, mas também para as íntimas.

É importante não manifestar irritação ou desconfiança, porque seu interlocutor percebe de forma negativa. Também não abra os braços: esse gesto de abertura cria uma barreira entre você e a pessoa com quem se fala. É como se você quisesse lhe dizendo para manter distância. Com gestos abertos, pelo contrário, você a estará encorajando a falar também, pois temos a tendência de assimilar a linguagem corporal dos que estão próximos de nós.

olhos

As mulheres estão apaixonadas, as mulheres costumam se olhar de uma maneira peculiar. É como se quisesse se reconhecer nos olhos do outro. É uma manifestação de interesse. Entretanto, à medida que as relações se consolidam, os olhos não prestam mais a mesma atenção nos parceiros. Nunca se esqueça da importância do olhar: a atenção no homem que ama, a demonstração de que ele sinta o quanto é importante para você. As pesquisas mostram que há uma resposta automática: se você fixa os olhos em alguém, faz com que, no mínimo, seja

apenas cerca de 40 por cento dos homens valorizam em primeiro lugar os atributos físicos das mulheres como fator de atração. Ou seja: uma parcela considerável da população masculina tem valores parecidos com os das mulheres.

Ao considerarmos uma pessoa atraente, a tendência instintiva é atribuir-lhe outras qualidades consideradas positivas. Mal comparando, é como se quiséssemos avaliar um livro só pela capa. Uma pessoa bonita não tem de ser necessariamente talentosa, inteligente, feliz, sensível, carinhosa e gentil. Faz parte das fantasias infantis associar o bom e o belo, da

notada. É melhor ser extrovertida que ficar num canto com os olhos para baixo, bancando a Gata Borralheira.

Use a cabeça

Outra maneira de ser simpática e melhorar uma conversa está no movimento de cabeça. Os homens, quando falam, costumam mexer mais a cabeça que as mulheres, como forma de dar força ao que estão dizendo. As mulheres, pelo contrário, mexem mais a cabeça quando escutam. Revertendo esses papéis os homens, por exemplo, poderão se tornar mais afirmativos.

Dependendo do jeito que você movimentar a cabeça, pode emitir um sinal de assentimento que é reconhecido — e aceito como tal — em todo o mundo. Significa que você compreendeu e está aprovando o que lhe foi dito. É uma maneira de encorajar a pessoa a prosseguir. Estudos provam que uma pessoa fala de três a quatro vezes mais quando encontra interlocutores que manifestem sinais de aprovação com a cabeça. Sem se transformar numa paródia de quem está concordando à toa, você poderá estimular os amigos e o parceiro a se manifestar livremente graças a essa técnica. Outra maneira consiste em inclinar um pouco a cabeça para um lado, como sinal de atenção. É um gesto muito feminino ao qual os homens também costumam responder.

A força de um sorriso

Um sorriso, muitas vezes, tem força suficiente para eliminar a tensão entre as pessoas. Foi o que demonstrou uma pesquisa desenvolvida pelo professor Paul Ekman, na Califórnia. Estudando diversas reações às

mesma forma que nos contos de fadas o mal quase sempre está ligado a formas feias e ameaçadoras.

O que os homens preferem?

Se o tipo ideal masculino for uma mulher no estilo miss Universo, sabe-se muito bem o que ele deseja: uma mulher alta, magra, de cabelos longos e curvas perfeitas. Para sorte das mulheres que não se encaixam nessa definição, trata-se de um desejo bastante vago e, no fundo, pouco representativo. Isso porque, embora tenha na realidade certa importância, a beleza por si só não constitui garantia de atração e fascínio.

expressões das pessoas, ele concluiu que uma cara fechada — mesmo que a negativa revelada seja falsa — sempre provoca uma reação estressante, com aumento da pressão sanguínea e dos batimentos cardíacos. No outro extremo, um sorriso tem o dom de relaxar as pessoas e descontrair o ambiente.

Durante uma experiência, o professor Ekman pediu a um grupo que sorrisse e o filmou. Depois mostrou a essas pessoas algumas dessas imagens. Quando pediu que elas manifestassem suas impressões sobre o que tinham visto, a aprovação foi unânime. No entanto, ao pedir ao mesmo grupo para franzir as sobrancelhas, a reação foi destacar os aspectos mais negativos das imagens apresentadas em seguida.

Sorrir parece muito fácil e até bobo, porém, não é bem assim quando estamos cansados ou irritados. É porque as pessoas deixam de sorrir com facilidade, muitos relacionamentos terminam em crise. Homens e mulheres não reconhecem seus parceiros nas faces contraídas. Cria-se um "efeito cascata": você não sorri de volta (ou vice-versa), e surge o clima para o desentendimento, com o qual os dois perdem.

Vale lembrar que as pessoas atraentes são sempre expressivas, espontâneas e, sobretudo, autênticas. É importante que os outros percebam que você age com naturalidade, que não representa. Use a linguagem do corpo para estimular a descontração a seu redor, sobretudo do homem que ama. Mas faça isso com muita naturalidade, sem forçar. Relaxando o corpo e a mente nos momentos certos, você descobrirá, com certeza, que vocês dois só têm a ganhar.



O que os especialistas chamam de "sinais de gênero" são, no fundo, as diferenças físicas entre homens e mulheres, que permitem uma divisão mais fácil dos sexos. Enfatizando esses sinais, as pessoas tentam se fazer mais atraentes para o sexo oposto, facilitando a aproximação de possíveis parceiros. Os sinais de gênero mulher passam pela figura da fêmea protegida que o macho precisa salvar, enquanto ela amamenta a criança. A região pélvica da mulher é mais larga, a cintura mais fina, e tanto os ombros quanto as pernas são menos musculosos do que os dos homens.

Uma quantidade maior de gordura subcutânea arredonda as formas da mulher, sobretudo nas regiões dos seios, das nádegas e das coxas. Os joelhos e ombros também são mais suaves. Seus lábios são mais carnudos, a pele mais macia, as sobrancelhas menos espessas e o rosto desprovido de pelos, freqüentes no homem (na forma de barba e bigode). Se houver exageros nessas características, pode chegar à definição do padrão de símbolo sexual, quando na verdade são diferenças naturais — nada mais que isso que diferencia homens e mulheres.

Há quem divida os homens entre os atraídos por seios, por coxas ou por nádegas. Existe até quem veja nessa divisão de gosto elementos para uma avaliação do caráter da pessoa. Por exemplo, homens atraídos por seios fartos são geralmente esportistas, extrovertidos e amorosos. Se a preferência recai sobre seios magros, trata-se certamente de um intelectual. E os homens que se ligam nos

"traseiros" das mulheres são mais maduros e ordeiros.

Essa teoria até se aplica, por exemplo, ao príncipe Andrew da Inglaterra, um esportista que se casou com a gordinha Sarah Ferguson. Entretanto, como explicar que um esquelético intelectual como o norte-americano Arthur Miller tenha se casado com a escultural e exuberante Marilyn Monroe? Existe um velho ditado que diz que o amor é cego. Uma vez que ninguém busca um parceiro atendendo a postulados científicos, o melhor é não tomar essas generalizações ao pé da letra.

O que as mulheres preferem?

Se beleza fosse fundamental, as mulheres não votariam em homens feios para a ocupação de cargos públicos. Para elas, características como fidelidade e personalidade contam muito; o mesmo se pode dizer da competência e do grau de segurança. Como a famosa atriz Mae West disse um dia: "Não são os homens da minha vida que contam e, sim, a vida dos meus homens". As mulheres quase sempre são mais seletivas que os homens quando se trata de escolher um parceiro. Existem até mesmo motivos biológicos para isso: uma vez grávida, a mulher ficará nove meses envolvida no processo de gestação. O nascimento do bebê é somente o início de uma outra fase, que poderá durar muitos anos, dependendo do grau de atenção que o filho exigir, até se emancipar. Mesmo aquelas mulheres que não querem ou não podem ter filhos acabam levando esses fatores em considera-

ção, ainda que inconscientemente, ao escolher seus parceiros.

Basta olhar os casais nas ruas para confirmar que as mulheres preferem homens mais altos, com nádegas estreitas, ombros largos e barriga firme. Considerando-se como verdade que o interesse sexual provoca uma involuntária contração nos músculos do estômago, fica fácil entender essa atração.

Para muitas mulheres, entretanto, poder e dinheiro são afrodisíacos mais fortes que um tórax desenvolvido ou um sorriso sensual. Jacqueline Kennedy não se casou com Aristóteles Onassis por seus atributos físicos, nem Sophia Loren escolheu Carlo Ponti porque ele era musculoso e belo. Cada um no seu campo, os dois eram homens em condições financeiras capazes de atender às vontades delas. Há estudos que provam a necessidade que muitas mulheres têm de receber proteção e apoio.

Influência do tempo

No início de qualquer relação, é comum que as pessoas se sintam fisicamente atraídas. Muitas até se esforçam para melhorar a aparência, de forma a agradar seus parceiros. Porém, quando a relação se consolida, homens e mulheres podem relaxar e se avaliar com mais profundidade, como aquilo que realmente são. Neste ponto há o perigo de as pessoas se descuidarem demais da aparência, supondo que não há mais necessidade de causar boa impressão. Na verdade, não nos embelezamos só para o outro, mas também como um sinal de auto-estima. Claro que não é preciso, por isso, chegar ao exagero de certas mulheres que não aceitam ser vistas pelos parceiros quando não estão produzidas. Quem se concentra demais na própria imagem raramente encontra um bom parceiro, porque é egoísta a ponto de subestimar a outra parte.

Expectativas sem base na realidade tendem a se esvanecer com o tempo. Se você não se sentir satisfeita com a aparência de seu parceiro, faça um exame de consciência. Procure responder com toda a honestidade o porquê disso. Será que você alguma vez colocou essa pessoa num pedestal? Será que as características que a atraíram não eram realmente importantes? Se você não fizer esta auto-análise, ou se não estiver interessada em responder às indagações com honestidade, de nada adiantará procurar pessoas mais atraentes. Lembre-se de que, às vezes, a familiaridade ajuda a alimentar um desprezo que pode não ter justificativa.

Cuidando do corpo

Cuidar do corpo é gostoso e muito recompensador, especialmente para a vida sexual. E ficar fisicamente em forma não é difícil nem requer esforços atléticos. Veja quais são os cuidados corporais importantes, que podem entrar naturalmente na sua rotina diária.

Muitas pessoas se preocupam, até meio obsessivamente, com os objetos que possuem. O automóvel, por exemplo: acostumam-se a lavá-lo com frequência, e qualquer barulho diferente é motivo para uma ida ao mecânico. Mas nem sempre são tão cuidadosas com o próprio corpo.

Além de ser agradável, cuidar do corpo não exige muito tempo. Depois que a gente se acostuma, isso se incorpora naturalmente à rotina diária. E as vantagens são muitas: a saúde melhora, a pessoa se sente mais bonita e está sempre mais bem-disposta, inclusive para o sexo.

“Esquentando o motor”

Quando acordar, lembre que seu corpo passou várias horas parado, com todas as funções orgânicas num ritmo muito lento. Jogar os lençóis para o alto, pular da cama e começar uma atividade frenética não é uma coisa recomendável. É preciso dar tempo ao organismo para que ele volte a funcionar em seu ritmo normal. Dar uma boa espreguiçada, levantar-se lentamente, mover as articulações, tudo isso é um ritual agradável e que ajuda a ativar a circulação. Já de pé, 2 ou 3 minutos de bons exercícios irão realmente “acordar” o organismo.

A higiene matinal

Um rápido *banho de chuveiro* — 5 minutos no máximo — pela manhã é uma das melhores formas de se preparar para um dia de trabalho. É melhor que a água esteja apenas morna. Usar uma *bucha natural*, esfregando-a suavemente pelo corpo, em movimentos circulares, não é um luxo: isso ativa a circulação, alisa a pele e é uma massagem





revigorante. Prefira *sabonete neutro*, que resseca menos a pele que os sabonetes comuns.

Os homens, em geral, não precisam de *cremes ou loções hidratantes*, mas as mulheres têm uma pele mais sensível, e esses produtos evitam seu envelhecimento precoce.

Quanto ao uso de um *desodorante* nas axilas, evite produtos antiperspirantes ou antitranspirantes — que impedem a pessoa de suar, um processo orgânico fundamental e saudável. É melhor, sempre que possível, não usar desodorante nenhum, ou, quando necessário, usar um desodorante simples, apenas para evitar a proliferação de bactérias (que provocam o cheiro desagradável).

Alguns hábitos de nossa sociedade são responsáveis pelos maus cheiros do corpo. Um deles é o uso constante de *sapatos fechados*, mesmo durante um verão forte, o que provoca mau cheiro nos pés. Em geral, basta pôr um pó anti-séptico nos sapatos — o que ainda impede que surjam frieiras. As roupas de *tecidos naturais* (não sintéticos) também evitam o mau cheiro, pois permitem maior ventilação do corpo.

A boa saúde depende muito do bom estado dos dentes. Habitue-se a fazer *bochechos* e a usar *fio dental*, além de *escovar* muito bem os dentes. Quem cuida dos dentes e não tem problemas estomacais não terá mau hálito.

Você sabia que o ato de barbear-se, uma rotina diária executada pela maioria dos homens, é uma pequena agressão ao corpo? As lâminas raspam a pele e abrem muito os poros, que então podem ser obstruídos pela sujeira, o que provoca o aparecimento de cravos e manchas. Por isso é bom usar uma *loção após barba*, que, além de possuir propriedade anti-séptica, fecha os poros e reidrata a pele.

Para a mulher, *limpeza e hidratação* da pele são fundamentais. Muitas se maquiavam todos os dias: mesmo que usem apenas um pouco de base, isso ajuda a envelhecer a pele. Portanto, é preciso tirar a maquiagem ao final do dia com uma loção ou um creme de limpeza. Assim, os poros ficam desobstruídos e a pele reidratada. Para tomar sol, convém passar na pele um óleo (bronzeador, por exemplo) que tenha *filtro solar* em sua fórmula.

Os cabelos devem ser lavados regularmente com um xampu adequado. O uso de secador e de fixador prejudica o cabelo, fazendo ele perder o brilho e a maciez.

Coma com equilíbrio

Uma alimentação saudável e equilibrada é a base para que a pele, o cabelo, as unhas — enfim, todo o corpo — tenham uma aparência melhor. Faça sempre uma combinação adequada de *frutas, verduras* — de preferência frescas — e alimentos com *proteínas*.

A refeição da manhã, a primeira depois de 10 ou 12 horas, deve fornecer as energias necessárias até o almoço. Dependendo do tipo de atividade desenvolvida — e da quantidade de energia a ser gasta —, essa primeira refeição deve ser mais ou menos reforçada. E, sempre que possível, bem variada — por exemplo, uma fruta, leite, pão (de preferência integral) ou torradas e queijo ou ovo.

No trabalho, mantenha o movimento

Se você não mora muito longe do trabalho, procure ir a pé. *Andar* é um dos melhores exercícios. Se tiver de usar uma condução, saia um pouco mais cedo e tente *relaxar* durante a viagem. Eventuais problemas de trânsito deixam a pessoa ansiosa e preocupada com o horário. A tensão assim criada pode provocar dor de cabeça, dores musculares ou irritação pelo resto do dia.

No trabalho, especialmente se tiver de ficar sentado, procure levantar-se de vez em quando e dar uma volta pela sala para *esticar o corpo*. Fazer movimentos circulares com a cabeça — ou, pelo menos, dar uma espreguiçada — impede o surgimento de dores e dormências.

Em alguns lugares, o ambiente fica muito quente e enfumaçado devido ao grande número de fumantes. Procure lavar o rosto e as mãos, usar lenços descartáveis e tomar um pouco de água de vez em quando. Se os olhos começarem a arder, lave-os com água boricada, mas evite o uso de colírios sem receita médica.

Sempre que possível, aproveite o horário do almoço para escapar do ambiente do trabalho. Dar uma volta depois da refeição, ver vitrinas, respirar um pouco ao ar livre — isso relaxa



e melhora a disposição. Evite almoços pesados e regados com muita bebida alcoólica, o que dá sonolência, impede a concentração.

Para quem fica em casa

O trabalho feito em casa tem problemas específicos. O manuseio constante de água e produtos de limpeza é um desastre para as mãos. Sempre que possível, use *luvas* no trabalho doméstico: há modelos muito práticos, que preservam a sensibilidade das mãos. E, depois de terminar o trabalho, use um *creme hidratante*.

Uma faxina maior implica mudar sofás, vasos etc. Ao abaixar-se para levantar objetos pesados, dobre os joelhos e *nunca curve as costas*, para não prejudicar a coluna. Em outras atividades, como lavar louça, roupas, passar e varrer, também procure manter as costas em posição ereta, o que evita o cansaço prematuro e o aparecimento de problemas de postura.

Ficar em casa pode ser uma tentação para o apetite, de modo que comer biscoitos e petiscos diversos entre as refeições vira um hábito. Mas, se for impossível mudá-lo, tente "beliscar" alimentos que não engordam, como frutas e vegetais em geral.

À noite, procure comer *cedo*, para não prejudicar o sono e a digestão. E, em vez de sentar-se logo depois diante da televisão, faça alguma coisa leve e agradável, como cuidar das plantas ou dar um pequeno passeio. Antes de dormir, nada como um *banho quente*, para relaxar. Convém deixar uma *janela aberta*, para que o ar circule, assegurando uma boa disposição no dia seguinte.

Exercite-se, lenta e gradualmente

Cuidar do corpo não significa só preocupar-se com os cabelos, a pele e o excesso de gordura. É preciso cuidar da condição física geral.

O corpo se estraga com a falta de uso. O que acontece exatamente? O coração fica mais fraco e com menor capacidade para bombear o sangue. Os pulmões perdem parte da capacidade, absorvendo menos ar. As articulações ficam mais rígidas e menos flexíveis. Qualquer esforço a mais — como subir um lance de escada — deixa a pessoa com o coração disparando e as pernas trêmulas. Como o organismo não tem resistência, pode até ocorrer uma falha cardíaca, se o esforço for violento.



TESTE A SUA FORMA

Aqui estão alguns exercícios para você saber se está em forma ou não. Faça apenas o número de vezes que conseguir sem perder a respiração: se estiver em forma, você fará tudo sem dificuldade. Se não conseguir, é sinal de que precisa de um programa adequado de exercícios.

Agachando-se. Flexione os joelhos, mantendo as costas retas e os braços para a frente. Dê uma parada na 10ª e na 15ª flexão e prossiga, se puder, até a 20ª.

Flexionando o tronco. Sentado, mãos juntas na nuca, pernas levemente dobradas e um pouco abertas, curve-se para a frente ao máximo, se possível até tocar o joelho esquerdo com o cotovelo direito. Repita a flexão do outro lado e prossiga, alternando os lados, até vinte vezes. É ótimo para a barriga e a cintura.

Subindo o degrau. Suba e desça um degrau alto (improvise um com uma caixa), rapidamente, alternando as pernas, durante 3 a 4 minutos. Estique bem cada perna antes de descer.

Um programa constante de exercícios físicos aumenta a capacidade pulmonar e o tamanho do coração — permitindo que ele impulse mais sangue oxigenado —, e torna todo o corpo mais flexível e firme. E o coração, como fica mais desenvolvido, realiza um esforço menor, o que reduz o risco de doenças cardíacas.

Se você está há muito tempo sem se exercitar, comece de um jeito *lento e gradual*, de preferência sob a coordenação de alguém especializado. Com isso, poderá fazer exercícios apropriados ao seu tipo físico e na intensidade adequada à sua condição. Se começar um programa de exercícios físicos entre os hábitos diários, logo chegará a uma boa forma física sem perceber esse esforço. Exercícios violentos, praticados ocasionalmente, como um jogo de futebol no fim de semana, causam dores musculares e fazem a pessoa sentir-se “dura” e mais incapaz que antes. O ideal é seguir as indicações de seu corpo e *não ir além da própria capacidade*. Sentir dor é um mau sinal — é o aviso do corpo de que os seus limites estão sendo ultrapassados.

Se você tiver paciência, verá que em poucas semanas estará superando facilmente as suas tímidas marcas iniciais. Ao mesmo tempo, crie alguns hábitos que ajudarão a melhorar o condicionamento físico: não se sente quando puder ficar de pé; sempre que possível, ande alguns quarteirões a pé, em vez de utilizar o carro; e, de vez em quando, troque o elevador pela escada. ♥



IMAGEM DO CORPO

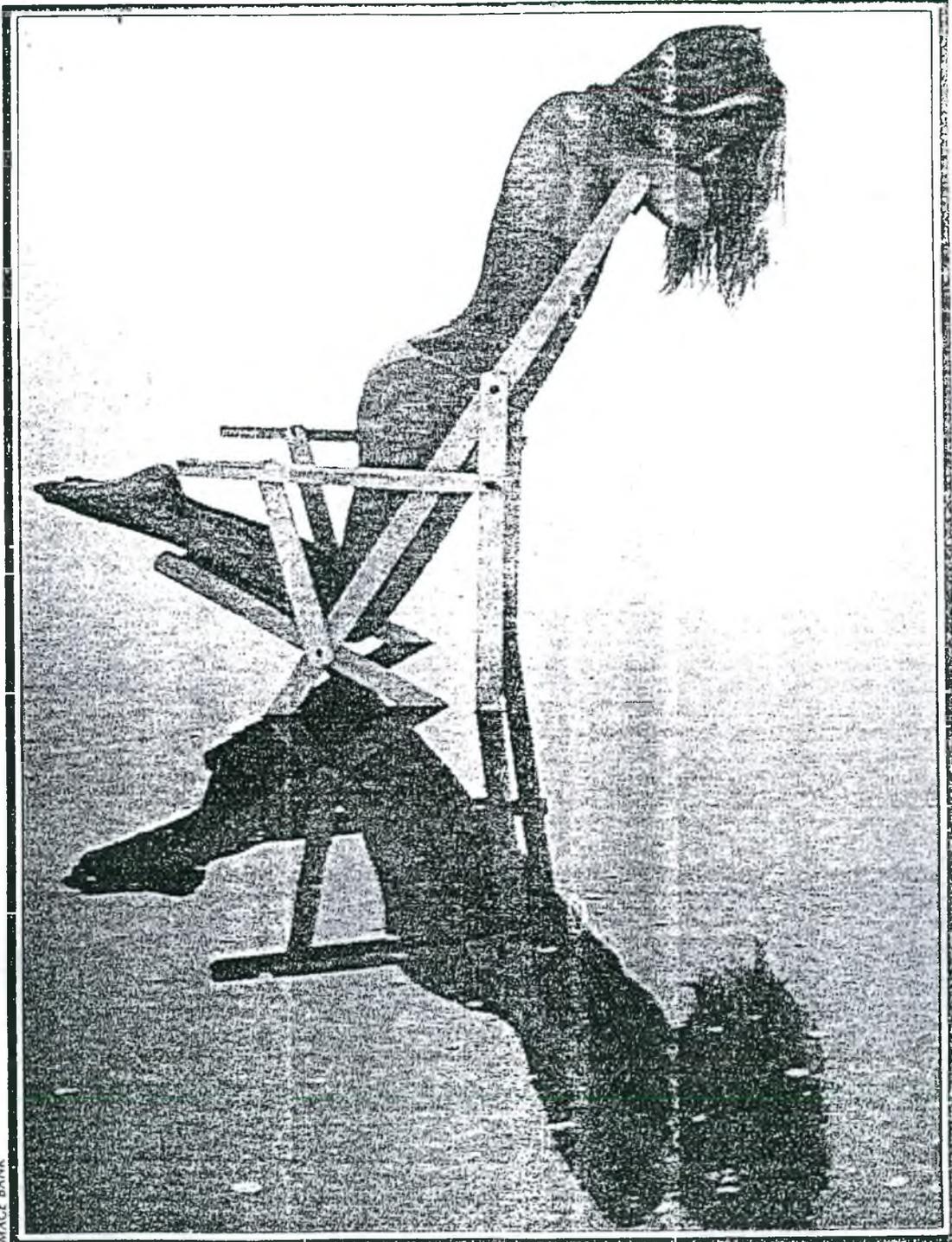


IMAGE BANK

quem garanta que dentro de um corpo o liço existe sempre lutando para ser . De fato, a idéia feita da pessoa acerca de arência tem pouco a o aspecto real. satisfação com o pró- o é comum e corri- A grande maioria das ; começa a sofrer ao star alguns quilos a u ao se tornar real- obesa. Tal sofrimento rte explicado pelo fa- ; médicos enfatizarem rtância do peso ideal boa saúde. Porém, a ção mais evidente é o airo "culto do corpo que se desenvolve nda metade do sécu- Nas últimas décadas se o corpo esguio coleal da beleza femini- exemplo mais extre- se ideal foram as ma- ; (supermagras) surgi- início dos anos 60. pessoas começaram a rbardeadas com uma te imagem de magre- ncadeada pelos meios unicações, alimenta- r uma também cres- dústria da magreza — om dietas milagrosas, de emagrecimento, os sofisticados etc. diadas por todos os ão é de estranhar que as, sobretudo as mu- que são os alvos mais pela propaganda em emagrecimento), se ham vigilantes quan- peso e sofram com er gordurinha a mais.

IDADES AIS

o se pergunta a qual- soa se a aparência fi- mportante, é comum omo resposta uma ne- "Não, o que importa são as qualidades s". Mas na prática to- em que a aparência a ser um fator impor-

tante para a consideração e o status de qualquer um.

Estudos realizados nos Estados Unidos constataram que as pessoas fisicamente atraentes são vistas como portadoras de mais qualidades pessoais do que as menos bonitas. Também ficou provado que o indivíduo atraente obtém freqüentemente mais sucesso do que um menos dotado fisicamente. Isso vale tanto para o trabalho quanto para o amor e o lazer.

Num contraste gritante, a falta de atributos físicos pode gerar atitudes negativas por parte dos outros. Pesquisadores mostraram a um grupo de saudáveis crianças fotos de outras portadoras de vários tipos de deformação e incapacidade físicas, junto com fotografias de meninos e meninas obesos. Todas geraram reações de desagrado. As imagens das crianças gordas foram as que despertaram menor simpatia.

De um modo geral, a aparência externa influi consideravelmente na maneira pela qual cada pessoa é tratada, e o obeso costuma gerar reações negativas. Portanto, não se pode estranhar que os gordos façam tudo para emagrecer e os magros se empenhem em manter o peso.

O QUE É A IMAGEM DO CORPO

O termo imagem do corpo é usado na literatura científica e médica para definir a idéia que cada pessoa faz de sua aparência e como se sente em relação a ela.

Na prática, não existe uma distinção clara entre a visão que se tem do próprio corpo (distorção da imagem corpórea) e dos sentimentos que ele desperta (insatisfação quanto ao corpo). A distorção da imagem do corpo geralmente reflete um erro de julgamento, enquanto a insatisfação é vista como uma de-

claração da maneira como cada um se sente em relação ao seu aspecto físico.

São muitas as imagens que cada indivíduo constrói sobre si mesmo. Ao lado da imagem do corpo estão as imagens sexual, social e intelectual. Cada situação enfrentada traz à tona uma delas, que será inconscientemente adequada às circunstâncias do momento. Essa imagem é também determinante do sucesso e do fracasso individuais.

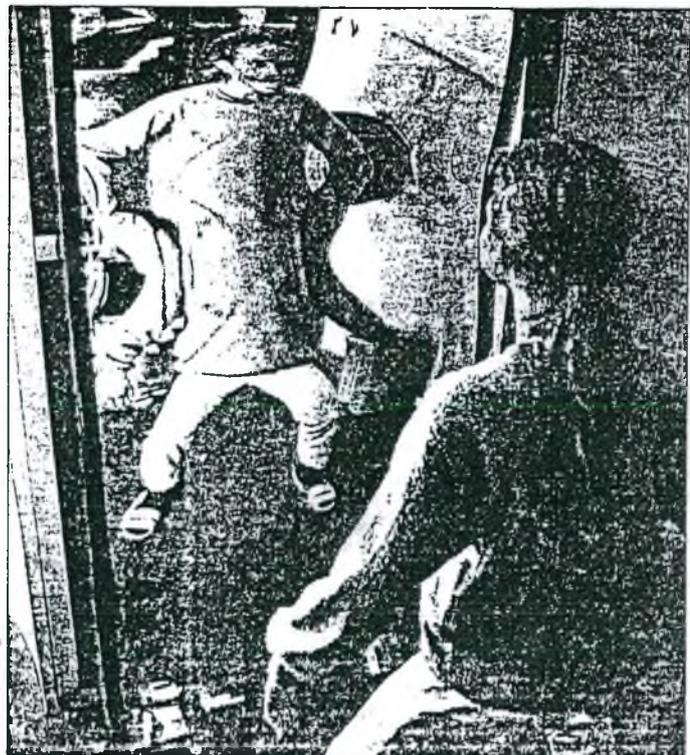
Tudo leva a crer que alguém pode ter uma idéia bastante favorável de si mesmo em relação ao trabalho e outra desfavorável no que se refere à vida sexual. O mais comum é que as imagens negativas se agrupem.

Assim, quem tem uma visão fraca de si próprio em relação ao corpo tende a juntar a ela uma imagem também fraca relativa à vida sexual e social. Uma pessoa

P. Parei de fumar há seis meses e ganhei 12 kg. Embora tenha consciência de que aumentei muito de peso, não me sinto gorda. Será que isso é normal?

R. O que você conta é comum. Quando alguém sofre uma mudança de peso, em grande escala, leva algum tempo para se ajustar à nova imagem do corpo. Há casos de pessoas que mesmo sabendo que engordaram insistem em comprar roupas do antigo manequim. Quanto ao fato de você se sentir ou não gorda depende da sua altura e estrutura óssea. Pode ser que esse peso a mais seja proporcional, no seu caso específico.

Assim como os espelhos dos parques de diversões são capazes de distorcer as imagens que refletem, a mente humana também pode dar ao indivíduo uma visão irreal de seu próprio corpo.



REX FEATURES



em uma idéia distorcida a respeito do próprio corpo, em um alto nível de insatisfação quanto ao físico, tende a evitar situações sociais. Isto termina por diminuir o traço social que ela porventura já tenha possuído.

Uma imagem medíocre do corpo acabará influenciando negativamente a área social. A pessoa passa a evitar, por exemplo, despir-se na frente do parceiro ou entrar tocada por ele onde julgar menos atraente.

AVLIAÇÃO

Diferentes métodos têm sido desenvolvidos a fim de permitir que as pessoas avaliem seus corpos. A premissa dessa avaliação é muitas vezes conseguida através de testes simples tipo papel e tesoura. Nesses testes é pedido ao indivíduo que descreva o seu corpo da forma mais fiel possível. Pode-se também

Estabelecer um processo de auto-aceitação pode ser mais importante para a satisfação pessoal e o sucesso social e sexual do que dietas e exercícios físicos.

pedir que essa pessoa se coloque de pé, defronte a uma folha de papel suficientemente grande para permitir que ela possa marcar as proporções de seu corpo, cintura, quadris e assim por diante.

Já foi também desenvolvida uma série de técnicas utilizando-se aparelhagem sofisticada para perceber como a pessoa avalia o próprio corpo. Um método particularmente atraente é o que inclui o uso de espelho capaz de projetar imagens distorcidas. Um exemplo são os espelhos dos parques de diversões, que podem ser curvados, tanto horizontal quanto verticalmente, com o objetivo de distorcer a imagem da

pessoa. O que se pede a quem se submete ao teste é que reajuste o espelho até obter a imagem correta. Pode-se também pedir que reajuste o espelho duas vezes: uma representando aquilo que ela realmente é e outra de modo a mostrar a imagem que gostaria de ter. A diferença entre a imagem real e a que gostaria de possuir serve como indicador da insatisfação.

QUESTÃO DE IDADE

Antes de chegarem à adolescência, é natural que os meninos e as meninas cometam erros ao avaliarem as proporções do seu corpo. Isso pode acontecer porque geralmente as crianças demonstram pouco interesse em relação à imagem que os outros têm dela e, em consequência, dedicam pouco tempo a se auto-avaliarem. Essa preocupação só vai aparecer durante a adolescência, principalmente entre as meninas, que demonstram um interesse maior em relação à chamada boa aparência.

Parece evidente que à medida que as pessoas envelhecem se tornam mais capazes de avaliarem as proporções de seus corpos e demonstram mais tolerância em relação às imperfeições deles. É reconfortante notar que tal aceitação é geralmente acompanhada de uma crescente satisfação no que diz respeito ao sexo, particularmente entre as mulheres.

HOMENS E MULHERES

Uma das consequências das diferenças entre os sexos, no que se refere ao corpo ideal, é que as mulheres tendem a fazer mais dietas do que os homens, enquanto esses demonstram preferência pelos exercícios físicos. Contudo, uma proporção significativamente maior de ambos os sexos parece decidir pela combinação dos dois métodos. 🍎

P. Eu me peso todos os dias e sempre entro em pânico quando vejo o ponteiro da balança acusar qualquer grama a mais. Será que essa minha atitude é muito exagerada?

R. Sem dúvida. Não há razão para se preocupar com essas pequenas oscilações de peso. Um aumento de 250 g, por exemplo, provavelmente está dentro dos limites de erro da própria balança. Fora isso, sabe-se que o peso de uma pessoa pode variar até 3 kg acima do seu peso, ou mesmo abaixo, num período de uma semana, sem que isso tenha importância. É interessante lembrar que o peso dos músculos é maior do que o da gordura. Assim, se você fizer exercícios que desenvolvam os músculos, seu peso irá aumentar sem que você engorde.

P. Minha filha de 13 anos é um pouco rechonchuda e suas colegas fazem muitas brincadeiras a esse respeito. Tenho medo de que isso lhe traga problemas sérios quanto ao seu corpo.

R. Sim, é provável que a menina desenvolva, por causa disso, um comportamento tímido e se sinta insegura. Por isso, é importante que você lhe explique que essas gordurinhas não demorarão a desaparecer, aliviando dessa forma as preocupações atuais. Mais importante que isso, no entanto, é o apoio que você deve dar a ela. Se sua filha se sentir amada e apoiada por você, terá maiores condições de estabelecer o processo que, na hora devida, dará ao corpo dela os contornos definitivos e apropriados. De qualquer forma, cuide para que ela tenha uma dieta saudável e faça exercícios.

GRUPOS DE RISCO

AIDS

A AIDS não chega de um jeito de risco igual para todas as pessoas, embora algumas, como as viciadas em drogas injetáveis, os homossexuais e os hemofílicos, tenham contrai-la com mais facilidade.



AMÉRICO YUNG/SICGA

Adriana pede para não publicar seu sobrenome. Aos 21 anos, se confessa viciada em droga injetável — uma “tomadora” — desde os 16. Praticamente desde quando surgiram os primeiros casos de AIDS no mundo. De família classe média alta, portanto com facilidade de acesso a todo tipo de informação, Adriana já tinha ouvido falar no perigo que representa dividir a seringa indiscriminadamente com outras pessoas, inclusive com gente pertencente, como ela, aos chamados grupos de risco — como os homossexuais. Há vários deles em seu

círculo de amizades.

“Eu até sempre brincava nas rodinhas, dizia ‘ah, se tiver que pegar, já pegamos todos’. Mas agora...”

Agora, Adriana pára de rir e começa a roer uma unha, ao relembrar as “baladas”, os programas que, invariavelmente, envolviam “galeras” de até vinte pessoas enfiadas num apartamento, durante um fim de semana, “cada um pra si e cocaína pra todos”. A seringa passando de mão em mão, sem nenhum cuidado com esterilização.

Normalmente garota irrequieta, conforme ela vai relembrando a vida que tem le-

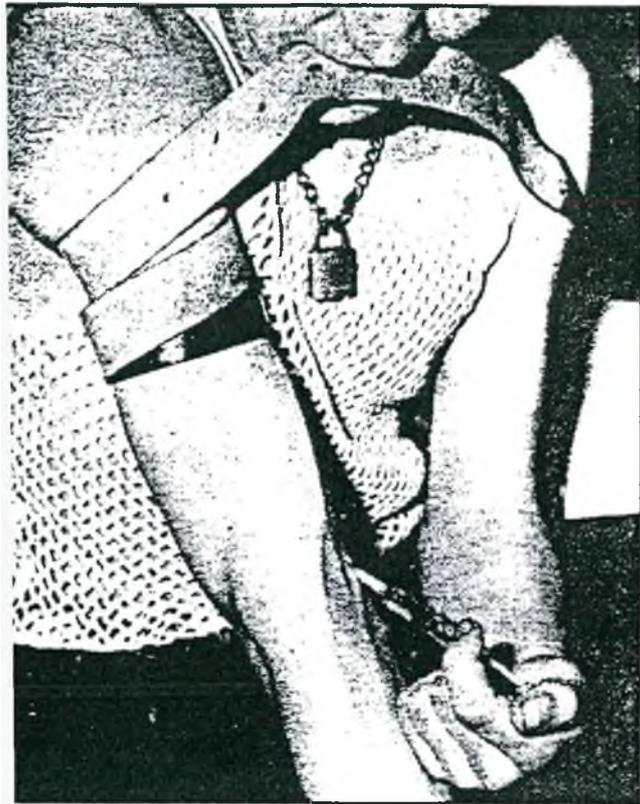
vado, se agita mais ainda. Anda de um lado para outro, arregala os olhos e empalidece quando tem um estalo: “Pô, o Aluísio já morreu!”

Depois, baixa a voz como se não quisesse assumir para si própria que um “tomador” praticamente “da casa” também acaba de manifestar os pavorosos sintomas do fim. “Imagine! A Pompéia inteira deve estar contaminada, todo o mundo tomava na *grinfa* dele!”

Pompéia é o bairro típico de classe média paulistano onde Adriana vive. O amigo dela, J. B., pode nem estar vivo quando este texto che-

gar aos leitores. Com absoluta certeza, ainda terá deixado para trás algumas dezenas de pessoas contaminadas — inclusive a própria Adriana. Como fornecedor de cocaína para uma clientela especialmente de “tomadores”, J. B. sempre fez a chamada “presença”, ou seja, a oferta de uma dose gratuita para o cliente experimentar. E quantas e quantas vezes, em sua própria seringa.

Pela primeira vez, Adriana parece ter noção das reais dimensões do perigo. Para com o vício diz que “infelizmente” não consegue. Mas vai redobrar os cuidados



a higiene". Depois de manhã conversando e do sobre a AIDS, con- "Agora estou mais

UE E SÊMEN

contrário da maioria enças contagiosas, a não oferece um grau o igual para todas as s. Algumas, como a e seus companheiros ores", podem pegar a com mais facilidade. ãem os grupos de ris- a melhor compreem- que sejam esses gru- preciso recapitular que passa de uma pessoa tra através do sêmen angue, comprovada- O vírus da doença, ieviatutura, em inglês, s da Imunodeficiência ar, também está pre- m outras secreções, s lágrimas, a saliva e ão vaginal. Mas até

Os viciados em drogas injetáveis correm mais riscos por utilizarem em grupo uma única seringa.

agora não há nenhuma evidência de que o HIV seja transmitido por esses meios, embora os cientistas recomendem — por via das dúvidas — muito cuidado.

Sendo, portanto, certo que o vírus da AIDS envolve o sêmen e o sangue, podemos então estabelecer quais são os grupos de risco:

● **Homens homossexuais** — São mais promiscuos e fazem sexo com muito mais frequência. Ao mesmo tempo, praticam o sexo anal comumente. As implicações estão em que:

1º) O sexo anal quase sempre provoca pequenos sangramentos, o que portanto põe em contato sangue de um com esperma de outro,

ou sangue com sangue.

2º) Dada a maior promiscuidade, o homossexual masculino aumenta as possibilidades de contágio ao relacionar-se sexualmente com um número variado e, às vezes, indiscriminado de parceiros.

3º) O risco aumenta ainda mais dada a frequência com que os homossexuais fazem sexo, por razões óbvias: quanto mais vezes se relacionam, mais chances têm de contrair o vírus.

Um homossexual que prestou depoimento à jornalista inglesa Annabel Ferriman, para o livro *Tudo Sobre AIDS em Perguntas e Respostas*, editado no Brasil pela Nova Cultural, relata que num único ano (1978) "transou com 1 051 parceiros". E mais: certo dia, numa simples saída de casa para ir ao médico, fez sexo três vezes "no caminho".

A criança pode ser contaminada pelo HIV ainda no útero ou no momento do nascer.

● **Viciados em drogas de uso endovenoso** —

Os "tomadores" correm mais risco porque dividem entre si a mesma seringa, muitas vezes sem sequer lavá-la.

● **Hemofílicos** — Não apenas eles, mas outros pacientes sujeitos a constantes transfusões de sangue estão igualmente sob risco maior de pegar AIDS — embora hoje em dia, com os recursos à disposição para tornar tais operações mais seguras, este risco tenda a diminuir.

O recurso mais comum é a pasteurização do sangue usado na fabricação do chamado "fator anti-hemofílico", fundamental para a sobrevivência dos hemofílicos. Evidentemente, os hemofílicos e outros pacientes também podem tomar uma providência

como diarreia crônica, febre e perda de peso. Com base nestas e outras observações, os especialistas da França e Bélgica sugeriram que, na África Central, a AIDS caracterizaria uma epidemia — ou seja, doença que ataca determinada região permanentemente, ora rareando, ora voltando com força total.

Em 1987, a doença ali evoluiu para uma epidemia, que é um dos nomes dados ao ressurgimento vigoroso de uma epidemia. Calcula-se que existam, na África, pelo menos dois milhões de pessoas contaminadas pelo HIV — ou 1/5 do total em todo o mundo, segundo os cálculos da Organização Mundial de Saúde (OMS).

● **Filhos de mulheres contaminadas** — Dolorosamente, recém-nascidos podem chegar ao mundo com a doença, caso a mãe esteja contaminada pelo HIV. Eles podem pegar o vírus ainda no útero ou no momento de nascer.

Na Alemanha Ocidental, o problema sensibilizou gente como o professor Bernd Rohrig e o médico Richard Rudolph, de Berlim. Eles abriram uma escolinha só para crianças e bebês vitimados pela AIDS. Uma das pequenas doentes, Jessica, de 1 ano, é filha de pais toxicômanos.

Com sua iniciativa, os dois berlinenses querem evitar que crianças sejam postas em hospitais junto com adultos. "Seria ruim psicologicamente", diz Rudolph.

BOMBA-RELÓGIO

Até aqui, o vírus ataca nos chamados grupos de risco. O que se tem observado porém é que o HIV — no início mais comum entre homossexuais masculinos e "tomadores" de drogas por injeção — cada vez salta mais barreiras e breve não se falará mais em grupos de risco. Praticamente

qualquer um estará sujeito ao contágio.

A OMS prevê uma epidemia generalizada, uma pandemia, com 100 milhões de mortos até o ano 2000. A última que a Humanidade enfrentou, a gripe espanhola (1918/1919), matou 20 milhões de pessoas.

Para o Brasil, a previsão

não é nada agradável. Um médico inglês, pesquisador do Instituto do Câncer Chester Beatty, diz que a AIDS é uma bomba-relógio no Brasil". Ele é Jonathan Weber, cientista que conhece bem o país, já trabalhou aqui, estudando doença de Chagas, na Universidade de Brasília. Agora, Jonathan pes-

quisa o vírus da AIDS, e busca da vacina. Ela, segundo todos os especialistas concordam, não chegará antes de cinco anos. E neste prazo, diz o pesquisador inglês, a doença já terá virado epidemia no Brasil.

"Se hoje existem mil e tantos casos no Brasil, em cinco anos haverá de 100 a 500 mil portadores do vírus, preocupa-se o médico britânico.

As principais razões para rapidez com que a doença se alastrará entre nós, segundo Jonathan Weber, estão: a "enorme população de bissexuais e homossexuais e o abuso de drogas intravenosas". Ponto de vista que coincide com o de Charles. Aos 21 anos de idade, esse paulistano descendente de ingleses não só concorda com as afirmações de seu meio-contíguo patriota, como vai além: ele sozinho, faz parte ao mesmo tempo dos dois grupos citados pelo dr. Jonathan. Charles é homossexual e, até há pouco tempo, tomava drogas nas veias.

Tal como Adriana, personagem do começo desta matéria, Charles pede apenas que não se publique seu sobrenome. Acha que a doença se deve "à explosão de sexo livre dos anos 70". Ainda não soube, em volta dele, de ninguém contaminado. Mas de um ano para cá, parou "com tanta loucura".

De tanto medo, Charles nem toma conhecimento de que o perigo do contágio pode ser evitado, por exemplo com o uso de preservativos masculinos (camisinhãs). Ele simplesmente, além de cortar as drogas injetáveis, parou com sexo a dois.

"Essa inibição está me fazendo mal: quem vive sem sexo?", indaga ele. "Mas para mim, hoje em dia, viver significa obrigatoriamente não transar. E eu quero viver."

ACONTECE NO MUNDO

Um milhão de negros — Pelo menos um milhão de africanos, a maioria do centro da África, devem morrer de AIDS na próxima década, segundo a publicação *AIDS e o Terceiro Mundo*, do Pano Institute, Londres.

Financial Times, 25.3.87 (Londres)

O 1.º remédio legal — As autoridades norte-americanas aprovaram a primeira droga que, supostamente, prolonga a vida dos doentes de AIDS. Trata-se da azacitidine, conhecida como AZT. Não cura, mas, além de prolongar a vida, reduz vários sintomas.

The Times, 21.3.87 (Londres)

Arma do crime — Notícia de Bilbao, norte da Espanha: um jovem assaltou uma mulher ameaçando-a com uma seringa que dizia ser contaminada por AIDS, informou o diário basco *Ideia*.

O Estado de S. Paulo, 3.4.87 (SP)

Primeiríssimas noções — O diretor-geral do Departamento de Saúde dos Estados Unidos, considerando que a AIDS é uma crescente ameaça às crianças, repetiu um apelo para que se inicie no jardim-da-infância a educação sexual, incluindo informações sobre a AIDS. A autoridade norte-americana, Everett Koop, chocou os conservadores, que acham absurdo levar tais informações à primeira infância, mas Koop rebate dizendo que a educação sobre AIDS "deve começar no menor grau escolar possível"; e que a disseminação da doença não demorará "a tomar a AIDS pediátrica um problema de todos". Segundo Koop, no mínimo 3 000 crianças pegarão a doença nos Estados Unidos até 1990.

E "virtualmente todas morrerão".

Jornal do Brasil, 9.4.87 (RJ)

Nova lei japonesa — Autoridades japonesas conseguiram aprovar uma lei que obriga toda pessoa suspeita de ter AIDS a fazer um exame (teste para detectar anticorpos do vírus HIV). Quem se recusar, pagará uma multa equivalente a 15 000 cruzados. Até então, apenas 36 pessoas haviam morrido de AIDS no Japão, mas acreditava-se que havia pelo menos 10 000 contaminadas.

Newsscientist, 26.3.87 (Londres)

Preconceito ataca — Na Baviera, sul da Alemanha, quem for simples suspeito de ter AIDS estará proibido de exercer qualquer cargo público. O secretário do Interior desse Estado alemão baixou a norma e provocou grande controvérsia. A idéia preocupou a imprensa alemã principalmente porque, há algumas décadas, doentes mentais e outros "degenerados", entre eles os homossexuais, foram isolados num lugar chamado Dachau (um campo de concentração) e depois foram exterminados. A ordem partida do secretário bávaro Peter Gauweiler prevê vigilância sobre os grupos de risco (homossexuais, prostitutas, presos etc.) e isolamento de doentes. Quem resistir a qualquer das medidas sanitárias determinadas por Gauweiler será levado a "apartamentos terapêuticos", onde ficarão isolados da população, sob guarda policial. Gauweiler não se preocupa com as acusações de "direitista"; apenas diz:

"Em dois anos, o quadro estará tão ruim que os políticos vão propor soluções bem mais radicais".

Jornal do Brasil, 8.4.87 (RJ)

Gênero

Em sexologia, *gênero* é um sinônimo de *sexo*, mas só no sentido em que esta palavra é usada, por exemplo, nos documentos de identidade. Ou, numa definição técnica, tanto *gênero* quanto *sexo* podem significar “o conjunto de traços genéticos, morfológicos, fisiológicos e comportamentais próprios de cada uma das duas categorias em que os indivíduos de uma espécie podem ser classificados segundo o papel que potencialmente lhes cabe na reprodução biparental”. Nesse sentido, portanto, tanto faz dizer que duas pessoas são de sexo oposto quanto de gênero oposto. Mas a razão pela qual os sexólogos preferem *gênero* em lugar de *sexo* é a maior ambigüidade deste segundo termo. De fato, *sexo* pode significar também *órgãos de copulação* (“uma tanga que mal lhe cobria o sexo”) ou *copulação* em si (“na maioria das sociedades, o sexo fora do casamento é ilegal e imoral”), ou ainda qualquer atividade erótica (“sexo entre lésbicas”, “fantasias do sexo masturbatório”) etc.

Muitos sexólogos adotam também a distinção proposta por dois eminentes pesquisadores, John Money e Anke Erhardt, entre *identidade de gênero e papel de gênero*. Identidade de gênero é a percepção que cada um tem de si mesmo como indivíduo masculino, feminino ou ambivalente, ou seja, a consciência do próprio gênero. O papel de gênero é padrão de aparência e comportamento pelo qual cada um expressa *socialmente* sua identidade de gênero.

■ O gênero da pessoa é determinado por fatores genéticos?

Essa é uma das controvérsias aparentemente inconciliáveis do século. Cada um nasce com uma morfologia que, salvo anormalidades da gestação, é determinada por genes do pai e da mãe, recombinados na fecundação. (O processo é descrito no artigo DETERMINAÇÃO E DIFERENCIAÇÃO DO SEXO.)

Acontece que muitos traços de comportamento são claramente influenciados, ou mesmo determinados, por fatores culturais. Isto é, a distinção de gêneros feminino e masculino depende, pelo menos em parte, de como cada indivíduo é criado. Em algumas sociedades essa distinção é mais acentuada do que em outras, sobretudo quanto ao papel que cabe a cada gênero. (Este último ponto é tema de um artigo específico, PAPÉIS SEXUAIS.) Mas, em

larga medida, o desenvolvimento da personalidade e do comportamento próprios de cada gênero é sempre uma continuação do dimorfismo estabelecido já na fase embrionária da gestação.

■ A diferença de gênero é em parte adquirida e em parte inata?

De certo modo, sim, mas se a discussão desse tema progrediu um pouco foi no sentido de já não se fazer a falsa distinção entre instintivo e aprendido, inato e adquirido, biológico e cultural, genético e ambiental.

Depois de algumas décadas de divergências surpreendentemente emotivas, na década de 80 as opiniões dos psicólogos pareciam convergir para um consenso: nenhum comportamento é inteiramente adquirido ou aprendido, porque se pressupõe nele uma

tendência inata ou instintiva a adquirir ou a aprender tal comportamento. De outro lado, dificilmente se poderá dizer que um comportamento é inteiramente instintivo, já que fatores ambientais certamente o condicionaram ou o limitam em alguma medida.

Certos padrões de comportamento complexo (como o de uma aranha fazer a teia ou uma mulher cuidar do bebê), mesmo quando de origem genética, dependem de certas condições ambientais para ter expressão adequada.

■ Em que medida cada homem precisa aprender a ser homem?

Ninguém sabe. Supõe-se que todo indivíduo normalmente nasce “programado” para ser homem ou mulher e anatomicamente equipado para isso. Mas é difícil determinar quais as condições e influências que precisa encontrar para desenvolver essa potencialidade.

Para complicar mais as coisas, alguns nascem com “programação” e “equipamento” claramente ambíguos (veja HERMAFRODITISMO e PSEUDO-HERMAFRODITISMO). Outros, com anatomia e fisiologia aparentemente iguais às da maioria, assumem padrão de comportamento incongruente, caso dos homossexuais. A incongruência homossexual está em que, ao contrário da maioria heterossexual, que tem a libido orientada preferencialmente para indivíduos de anatomia sexual complementar e oposta, os homossexuais manifestam preferência correspondente por indivíduos de anatomia genital *igual* à sua.

Mas, embora no caso dos hermafroditas os fatores biológicos sejam evidentes, no caso dos homossexuais não foi possível determinar ainda em que medida suas peculiaridades seriam determinadas por diferenças no “programa” congênito ou por influências ambientais diferentes sobre um “programa” essencialmente igual ao dos heterossexuais. Mais provável é que haja muitos diferentes tipos de ho-

mossexual, o que toma descabida qualquer teoria baseada na idéia de uma "causa" única da homossexualidade. Esse ponto é tema do artigo HOMOSSEXUAIS E MEDICINA.

■ *Que fatores inatos podem influir para determinar o gênero?*

O fundamental parece ser a combinação dos cromossomos resultante da fecundação (veja DETERMINAÇÃO E DIFERENCIAÇÃO DO SEXO). Mas já antes de o ovo implantar-se no útero vários eventos fortuitos podem interferir no curso normal de seu desenvolvimento.

Cada divisão celular que ocorre entre a fecundação e a nidação é um passo perigoso, uma delicada sucessão de reações químicas complexas envolvendo substâncias que delas participam em quantidades extremamente diminutas.

Numa dessas divisões pode acontecer ganho ou perda de um cromossomo, excesso ou deficiência de alguma substância (em particular reagentes específicos como os hormônios maternos), interferência de vírus e outros microrganismos, presença de substâncias tóxicas e outros fatores aleatórios.

Se a mudança for tão vasta a ponto de tornar inviável o embrião, é provável que a gravidez termine num aborto espontâneo. Em outros casos, o bebê nasce com traços aberrantes, embora nem sempre evidentes.

■ *A partir da fecundação, como se desenvolve a identidade de gênero?*

O dimorfismo sexual começa com a combinação de cromossomos XX ou XY, que determina se as gônadas do feto, a princípio indiferenciadas, vão desenvolver-se como testículos ou como ovários. Se forem testículos, o hormônio masculino (andrógeno) segregado por eles levará o feto a desenvolver características masculinas.

Na ausência de andrógeno, haja ou não hormônio feminino, o feto desenvolve características femininas. Os hormônios produzem efeitos não apenas na anatomia genital como também na organização do encéfalo, principalmente do cérebro. Para os psiconeurologis-

tas o cérebro do homem é claramente diferente do da mulher, sobretudo quanto à função do hipotálamo, o órgão neuroglandular que influi sobre todas as funções reprodutoras femininas.

■ *Os hormônios das gônadas continuam a atuar no menino e na menina ao longo da infância?*

Aparentemente, não. Efeitos evidentes e diretos dos hormônios dos testículos ou dos ovários só irão manifestar-se na puberdade. Mas antes disso continuarão a ocorrer efeitos indiretos, resultantes do dimorfismo que se nota desde o nascimento.

De um lado, o comportamento dos pais e de outras pessoas é diferente, conforme o bebê seja um menino ou uma menina. Essa influência vai desde a escolha de enxoval azul ou cor-de-rosa até a escolha de brinquedos, passando por diferenças sutis na linguagem, na comunicação tátil, no papel assumido por cada um dos pais e em miríades de outras diferenças nas relações interpessoais. Tais influências de ordem social na determinação do gênero continuam a ocorrer ao longo de toda a vida, pois tanto uma menina quanto uma anciã recebem tratamento pessoal diferente do que é dado a meninos e velhos senhores.

■ *Que outros efeitos exerce a diferença genital sobre a determinação do gênero da pessoa?*

Afora as diferenças de comportamento das outras pessoas em relação a ela, a partir de certo ponto a criança começa a notar, ela própria, que seu aparelho genital é diferente dos das crianças de sexo oposto. Uma vez plenamente conscientizada, essa percepção leva a criança a formar uma imagem diferenciada de seu próprio corpo.

A essa altura o indivíduo está assumindo traços distintamente masculinos, ou femininos, em função de três diferentes influências: a) o dimorfismo genital e neuroglandular (certas diferenças entre meninos e meninas são universais; a mais evidente delas, a

maior agressividade masculina, manifesta em brincadeiras de luta e guerra a universalidade desses traços é um forte indício da natureza inata de tais diferenças); b) a influência do meio social (diferenças de atitude assumidas por outras pessoas, conforme o gênero assumido pela criança ou a ela atribuído); c) a imagem corporal que a criança tem de si mesma em relações de sexo oposto.

■ *Como é que a identidade de gênero se afirma a partir da puberdade?*

O "despertar" das gônadas na puberdade acentua o dimorfismo com desenvolvimento dos caracteres secundários (pêlos, voz, mamas, conformação muscular, diferenças no crescimento do esqueleto e outras diferenças morfológicas).

Ao mesmo tempo, a moça ou o rapaz passam por diferenças nítidas de personalidade, os traços peculiares de erotismo de cada sexo entram em acentuada divergência. A sexualidade masculina adolescente é universalmente mais objetiva, com masturbação mais freqüente e precoce, poluição noturna induzidas por sonhos intensamente eróticos, ereções espontâneas, experimentação homossexual e zoofilia. Em contraste, o erotismo juvenil feminino tende a manifestar-se de modo algo mais sublimado e fantasioso.

Essas duas poderosas forças, a das mudanças psicológicas e a das morfológicas, confluem na puberdade para as três outras já citadas (dimorfismo cerebral, influências sociais e imagem corporal própria), que vinham atuando anteriormente. Transposta a turbulência dessa acomodação de forças convergentes, emerge então a identidade de gênero adulta.

Veja também: DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL; DETERMINAÇÃO E DIFERENCIAÇÃO DO SEXO; DIFERENÇAS PSICOLÓGICAS ENTRE OS SEXOS; HERMAFRODITISMO E PSEUDO-HERMAFRODITISMO; HOMOSSEXUALIDADE E MEDICINA HOMOSSEXUALIDADE E PSICOLOGIA; PAPEIS SEXUAIS; PUBERDADE.

Feminismo

Em todas as sociedades do passado e do presente a mulher tem tido função social subordinada ao homem. Em variável medida, bem a ele mais decisões econômicas, políticas e culturais, bem como maiores direitos na fruição dos benefícios de cooperação social. As mulheres têm tolerado com resignação essas desigualdades porque, privadas de maior participação nas atividades domésticas, em geral falta a elas o julgamento crítico para concluir que essa não é, necessariamente, a ordem natural das coisas.

Com o advento da industrialização, da urbanização e da mobilização em massa nas guerras, conveio ao homem dar às mulheres papéis diferentes dos tradicionais. Reunidas nas fábricas, protegidas às vezes pelo anonimato da demografia urbana, as mulheres passaram a experimentar o conhecimento de suas próprias possibilidades e puderam organizar-se, trocar idéias e coordenar ações para reivindicar o abandono das discriminações sexuais. O confronto tem levado às vezes considerável antagonismo e exageros de propaganda. Muitas feministas são um bando de lésbicas castradoras, como contestam alguns alarmados mentores dos privilégios masculinos, e a subordinação histórica da mulher decorre de uma conspiração masculina ou de instituições inventadas pelos homens para oprimir as mulheres. Mais provável é que a questão consista apenas em reformar um sistema social tornado obsoleto pelo progresso tecnológico.



Quais são as principais reivindicações feministas?

Não existe acordo pleno em todas as facções e organizações feministas, nem quanto a objetivos, nem quanto a métodos. De modo geral, porém, todas elas pleiteiam: 1) igualdade de remuneração — a mulher não deveria ganhar por seu trabalho menos do que um homem ganharia no lugar dela; 2) acesso aos mesmos cursos e empregos oferecidos aos homens; 3) um sistema educacional gratuito que incluía berçários e creches, onde a mulher possa deixar os filhos enquanto trabalha (emprego é a condição crucial da independência); 4) abolição das discriminações legais que reconhecem mais direitos aos homens do que às mulheres perante a lei; 5) abolição do padrão duplo de conduta: o código de moralidade, sexual ou geral, deveria ser o mesmo para ambos os sexos; 6) uma divisão de trabalho mais equitativa, na qual os homens assumam parte dos encargos domésticos e dos cuidados com a prole, de modo a liberar à mulher tempo para cultivar-se ou dedicar-se a uma carreira profissional; 7) maior responsabilidade masculina no problema de controle da natalidade.

São procedentes as denúncias feministas de exploração da mulher pelo homem?

Em larga medida, são. De modo geral, em todo o mundo as mulheres ganham menos do que os homens, ou por discriminação salarial (menos ganho por trabalho igual) ou por discriminação preferencial (de algum modo os homens acabam obtendo os melhores e mais bem pagos empregos).

A representação feminina em altos cargos empresariais, em organismos políticos e na tomada de decisões é muito desproporcional. De modo geral, há mais mulheres do que homens no mundo, mas só excepcionalmente elas governam. Mesmo onde chegam a ocupar os cargos executivos mais al-



(Índia, Inglaterra, Ceilão, Israel), ministérios, tribunais e órgãos legísls são controlados por homens. mesmo onde há igualdade nominal em termos de direitos constitucionais (Estados Unidos, China, União Soviética e a maioria dos países de cultura europeia), na prática a mulher tem mais responsabilidade do que os homens: trabalha no emprego, abastece a casa, cuida dos filhos, tudo isso com ajuda mínima do marido, e chega a ser ajudada.

Quais as principais queixas feministas contra o capitalismo?

Em todos os países capitalistas as feministas denunciam as desigualdades implícitas reivindicações expostas acima disso, protestam contra a de-

gradação da mulher na prostituição (que elas atribuem inteiramente à falta de oportunidades de trabalho digno), contra a exploração da mulher como "objeto sexual" (na pornografia, na publicidade) e contra a difamação do sexo feminino através de diferentes manifestações culturais.

Como a mulher é difamada na vida cultural do mundo capitalista?

Muitas feministas demonstram, convincentemente, que os livros didáticos, a literatura, o cinema, a televisão e outras expressões da cultura tendem a retratar a mulher como inferior e subalterna em relação ao homem.

Por exemplo, nas histórias de fada, as mulheres inteligentes e fortes ten-

dem a ser bruxas, madrastas e outras personagens más, enquanto as heroínas são retratadas como frágeis (dependentes), meigas (submissas) e dóceis (carentes de iniciativa). Caracterizações da mulher nessa linha contribuiriam para perpetuar o preconceito de que a mulher é "naturalmente" inferior ao homem.

A cultura é mesmo um meio de propaganda machista?

Talvez seja — em parte e incidentalmente. Mas a denúncia de que seria parte de um complô dos homens contra as mulheres é decerto exagerada. Contos de fada, por exemplo, retratam as heroínas e os heróis como pessoas jovens e belas porque a beleza é uma expressão simbólica, mas concreta, do conceito abstrato de valor moral, ou de Bem.

Uma história fantasiosa prende a atenção da criança sobretudo por exprimir realidades do psiquismo infantil: conflitos afetivos em relação aos pais e irmãos, a aparente onipotência dos adultos, o aflitivo antagonismo entre impulsos naturais e preceitos morais.

O movimento feminista é de fundo comunista?

Feminismo e comunismo partilham alguns princípios, principalmente o da igualdade civil dos sexos. Isto é, igualdade de direitos políticos em votar e receber votos, direitos econômicos como de pagamento igual por trabalho igual e outros nessa linha.

Essas aspirações estão longe de constituir um monopólio comunista. Muitas feministas, aliás, opõem-se ao movimento comunista dirigido pela União Soviética, em vista da discriminação sofrida pelas mulheres no regime soviético.

Que discriminação sofrem as mulheres na URSS?

Em princípio e na constituição, nenhuma, mas na prática muitas. Na sétima década de regime marxista-leninista, na União Soviética, a participação real da mulher no poder político do país ainda era marginal. As mulheres

constituem um terço dos membros do Soviete Supremo, mas esse é um órgão de fachada, que tem por função conferir uma aparência de representatividade popular no Estado. Quase invariavelmente o Soviete Supremo aprova por unanimidade as proposições da lei do governo.

O verdadeiro poder político é do Partido Comunista. E o órgão que controla o partido é o Politburo, um colegiado de quinze membros. Desde 1917, somente uma mulher teve participação no Politburo (entre 1960 e 1974). A representação feminina no Comitê Central é de uns 3% e no Secretariado é nula. A Comissão Soviética para o Ano Internacional da Mulher (1975) era presidida por um homem. Além disso, a mulher soviética está em grande desvantagem econômica em relação aos homens.

Que discriminação econômica sofre a mulher na URSS?

Embora as mulheres constituam metade da força de trabalho da União Soviética (uma proporção quase igual), a renda média feminina é uns 30% inferior à masculina.

Essa situação não decorre de remuneração desigual: de modo geral, uma engenheira ou uma advogada ganha tanto quanto seus colegas masculinos.



A presença de crianças em manifestações pró aborto sugere que o argumento das manifestantes é em favor da maternidade responsável

O que acontece é que há menos mulheres do que homens nos empregos mais bem pagos e uma proporção maior delas nos empregos de remuneração inferior. Inclusive em boa parte de pesadas tarefas braçais.

Carreiras científicas estão entre as de melhor ganho na União Soviética, mas para cada mulher na Academia de Ciências há uns 8-10 homens. Na

medicina as mulheres representam cerca de 70% dos profissionais, mas, além do fato de a medicina não ser, lá, uma profissão tão bem remunerada quanto outras de nível acadêmico equivalente, 70-90% dos professores universitários e dirigentes de hospitais são homens. Além disso, em média, toda mulher trabalha mais do que os homens, porque continua tocando a ela a maior parte dos encargos domésticos.

De seu lado, os soviéticos argumentam que a igualdade plena entre os sexos é um processo lento, que requer mais de uma geração. E apontam, com razão, o fato de em nenhum outro país haver tantas mulheres empregadas em profissões dignas, capazes de garantir independência econômica individual. O próprio fato de não haver empregadas domésticas, se de um lado onera a carga de trabalho das mulheres, de outro exprime sua libertação econômica.

Até que ponto o feminismo reconhece a diferença natural entre os sexos?

Essa é talvez a mais espinhosa de todas as questões relacionadas com a redistribuição de papéis e direitos de cada sexo na sociedade moderna. Em resumo, trata-se do seguinte: até que ponto são intercambiáveis os papéis



Mulheres soviéticas conferenciando sobre planejamento familiar em 1940.

SOS MULHER



Manifestação feminista brasileira contra crimes passionais sofridos por mulheres.



O silêncio é cúmplice da violência.

Cartaz do artista gráfico Elifas Andreato para uma campanha feminista.

homem e da mulher na sociedade? As feministas do feminismo acham que as diferenças biológicas são mínimas e estas às características. E que estas são exageradas por fatores sociais, como quando, por exemplo, os homens procuram desenvolver a cultura.

Muitos cientistas, porém, acreditam nas diferenças de anatomia e de fisiologia (principalmente na área dos hormônios) determinam também diferenças definitivas na personalidade. Este ponto é discutido mais extensamente nos artigos PAPÉIS SEXUAIS e HETEROSEXUALIDADE.

As feministas apoiam o lesbianismo?

Muitas pessoas antifeministas tentam a participação de lésbicas no feminismo como um recurso de propaganda: associar lésbicas a feminismo é vender a um grupo o preconceito que persegue o outro. O fato é que na grande maioria as feministas são heterossexuais. Entre estas, porém, quase todas apoiam o direito de as lésbicas afirmarem sua identidade homossexual,

de se expressarem como tais e de exercerem sua liberdade individual em matéria de preferências sexuais.

Enfim, o que as feministas oferecem às lésbicas é a solidariedade feminina a um grupo estigmatizado e oprimido por preconceitos sexistas. Nesse particular algumas lésbicas se identificam mais com as feministas do que com os homens homossexuais.

A liberação sexual das mulheres contribui para a igualdade de direitos entre elas e os homens?

"Liberação sexual" é uma expressão ambígua, mas que em geral significa o direito de os adultos emancipados desfrutarem da própria sexualidade em atos mutuamente consentidos e privados. Às vezes a mulher "liberada" é sinônimo de "promíscua" e outros equivalentes pejorativos. Mas, no sentido mais objetivo, seria "liberada" a mulher com direito a relações sexuais sem vinculação obrigatória com o casamento.

Tal liberdade pode exprimir, em parte, uma condição de igualdade, mas

não garante que a mulher tenha escapado à subordinação tradicional, ao poder econômico, político e intelectual dos homens. Ao contrário, em alguns casos meramente permite a eles desfrutar sexo de melhor qualidade, com menos responsabilidade e sem renúncia de seus privilégios. Não é a liberação sexual, por si, que tornará mais justa a condição social da mulher.

O tema do feminismo envolve um conjunto de questões amplo demais para ser reunido num único artigo sem sacrifício de considerações práticas. Aspectos correlatos do tema aparecem nesta obra nos artigos ADULTÉRIO E COSTUMES; ADULTÉRIO E LEIS; ADULTÉRIO, MORAL E RELIGIÃO; AGRESSIVIDADE, SEXO E PSICOLOGIA; DIFERENÇAS PSICOLÓGICAS ENTRE OS SEXOS; ÉTICA; FAMÍLIA E AMOR LIVRE; HETEROSEXUALIDADE; MARIDO E MULHER PERANTE A LEI; MATRIMÔNIO; PAPÉIS SEXUAIS; REGIMES DE BENS NO CASAMENTO; VIRGINDADE.

Papéis sexuais

Até que ponto a mulher pode assumir papéis sociais tradicionalmente masculinos — e vice-versa? Em primeiro lugar, seria preciso saber até que ponto as aptidões são iguais. Isto é, em que medida o homem e a mulher poderiam desempenhar igual em determinadas atividades, desde que treinados e psicologicamente preparados para elas em igualdade de condições. Infelizmente, não há prova conclusiva de que todos os papéis sejam intercambiáveis. Algumas tarefas que existem são provas e convincentes indícios de que as mulheres podem executar muitas tarefas profissionais atualmente atribuídas exclusivamente aos homens: medicina, engenharia, advocacia, administração, cargos políticos, praticamente qualquer ocupação científica ou tecnológica. Há a verificação da capacidade profissional feminina e o opôs-se contra preconceitos, desconfiança e interesses adversos, não porque os homens tivessem decidido que seria isto dar às mulheres a oportunidade de prová-la, mas porque em certas circunstâncias econômicas, políticas e militares houve alguma vantagem masculina em recrutar mulheres para tarefas não tradicionalmente femininas. Hoje as mulheres reclamam, com razão, que a oportunidade de provar sua capacidade se estenda a outros campos. Muitas acreditam que todos os papéis são intercambiáveis. Outras, mais realistas, sabem que as diferenças genéticas entre homem e mulher forçosamente sempre terão um reflexo na organização social e nas relações pessoais entre homem e a mulher. Em qualquer dos casos, será preciso progredir na redefinição dos papéis tradicionais.

Quais os preconceitos que discriminam a mulher na sociedade moderna?

Entre os mais evidentes, podem incluir-se os seguintes: mulher não lidar com dinheiro, nem sequer controlar a própria conta bancária; mulher tem muita imaginação, mas não sabe fazer uso dela para fins práticos; mulher tem mais tendência a mexericos, intrigas e maledicências contra amigos e não é capaz da mesma lealdade do homem em relação aos amigos; o homem é racional, lógico, científico, a mulher é emocional, intuitiva e irracional; o homem é valente, a mulher é tímida; mulher não é capaz de tomar decisões sobre questões comple-

xas, nem exercer liderança e, portanto, não pode competir com o homem em funções de gerência.

Até que ponto seria procedente a imagem tradicional que tantos homens fazem da mulher?

A realidade social pode dar aparência de procedência a julgamentos como os citados porque, por exemplo, há de fato menos mulheres nas finanças e na gestão de outros negócios. Mas a causa talvez não esteja em diferenças inatas de aptidão e sim numa atribuição de papéis estabelecida na era pré-industrial e que persiste, sobre-

tudo, pela inércia da tradição e pelas vantagens unilaterais que os homens tiram dela para si.

Sem dúvida pode haver diferenças de aptidão e de personalidade entre o homem e a mulher, mas a maioria das diferenças alegadas quanto ao papel social de cada sexo corresponde a estereótipos, não aos tipos reais. Se certas condições sociais fossem mudadas, muitas dessas diferenças supostamente "naturais" talvez desaparecessem.

Por exemplo, o estereótipo da mulher dada a mexericos talvez reflita a própria marginalização social de pessoas que têm a vida empobrecida pela deficiência de participação em atividades mais importantes. Condenada a funções repetitivas e confinada ao trivial doméstico, qualquer pessoa, não apenas as de sexo feminino, pode recorrer a fofocas como tentativa de introduzir um simulacro de drama numa vida de isolamento incolor.

Os papéis adultos de cada sexo são definidos no processo de educação?

Sem dúvida, todo menino é educado para ser homem e toda menina para ser mulher. E, em linhas gerais, a aprendizagem consiste na imitação dos modelos respectivos. Esse processo, em grande parte, não é conscientemente dirigido: a filha tende a uma identificação espontânea com a mãe e esta tende a incentivar a menina com exemplos, atribuições de tarefas e brinquedos "tipicamente" femininos etc. O pai geralmente contribui para a definição do papel.

Mas o argumento de certas feministas, segundo o qual a educação é o único determinante dos papéis sociais de cada sexo, parece no mínimo exagerado. A preferência da menina por bonecas e o gosto dos meninos por brinquedos que sugerem agressão podem perfeitamente estar ligados a traços genéticos e tendências inatas. Não há prova conclusiva a favor de nenhuma das duas opiniões.

I Qual a origem de tanta diferença nos papéis sociais de cada sexo?

Certamente na origem as diferenças se estabeleceram em correspondência a diferenças biológicas. A função biológica da mulher é a de gestar e amamentar os filhos. Essas características, mais a aptidão relativamente inferior para a caça, devem ter determinado uma divisão de trabalho em que o homem saía para caçar e a mulher ficava com os filhos em casa — ou na caverna — para alimentá-los e protegê-los. Tais papéis eram com certeza reforçados pelo tamanho da prole. Só a esterilidade ou a morte prematura salvavam a mulher de uma sucessão de partos durante toda a fase reprodutiva da vida.

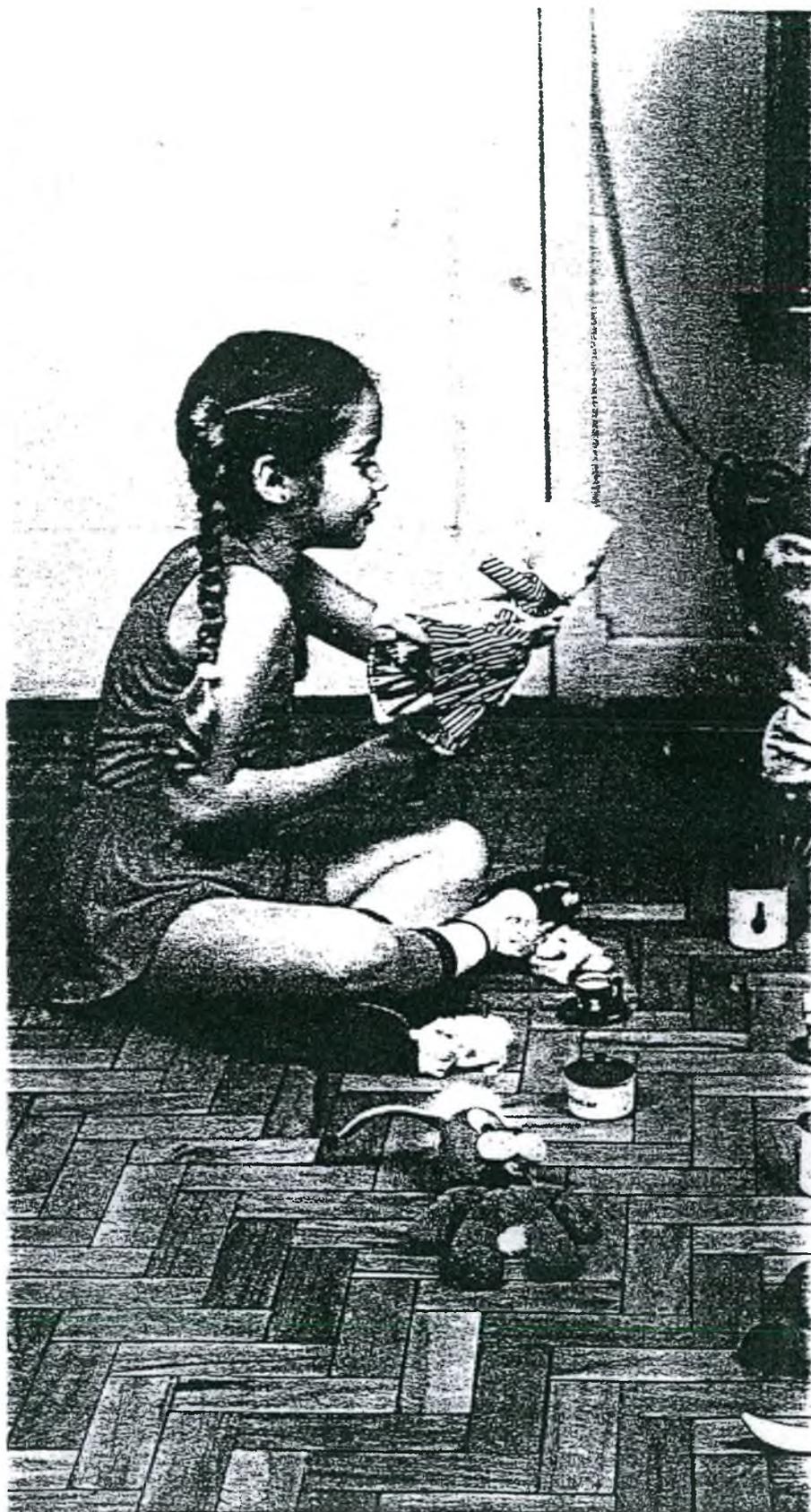
II Até que ponto diferenças biológicas determinam, hoje, diferenças nos papéis de cada sexo?

Talvez ainda seja muito cedo para saber. As condições sociais mudaram muito rapidamente. Dez gerações atrás a Revolução Industrial ainda não tinha começado; a própria civilização existe há menos de trezentas gerações. Em termos biológicos, trezentas gerações é um prazo muito curto para mudanças evolutivas importantes.

O homem moderno tem o mesmo cérebro e as mesmas características gerais do homem neolítico. Mas, hoje, a grande maioria dos homens não vive mais da caça, para a qual ele está obviamente mais bem dotado do que a mulher. E ela, de seu lado, não está mais condenada a uma sucessão de partos nem aos cuidados permanentes da prole. Assim, as diferenças biológicas são bem menos importantes para a definição dos papéis sociais. Talvez estejamos biologicamente obsoletos para as realidades sociais modernas, mas ninguém sabe dizer com certeza até que ponto.

III A mulher poderá vir a ter papel igual ao do homem no comportamento sexual?

Em certo sentido, sem dúvida; mas em outros aspectos a idéia é absurda. As feministas têm fortes argu-



tos contra o chamado padrão de moralidade sexual. Por exemplo não há justificativa moral convincente para a idéia de que a mulher deve ser fiel e o homem não. Ou de que o homem pode ter experiência sexual antes do casamento.

As ignorar certas diferenças inatas imprudente e suspeito, na medida que sugere a substituição de preconceito por outro. O homem, como os machos mamíferos em geral, tem dificuldade de um desempenho sexual eficiente sob condições psicológicas não muito apropriadas. Os primatas são comuns com fêmeas que possam dominar. No homem, essa dominação tem expressões simbólicas de conquista (por ele e de entrega (por ela), porque há fantasias de dominação talvez haja desempenho sexual satisfatório. Nem para ele e nem para ela.

Seria possível conciliar aspirações de igualdade dos sexos e ao mesmo tempo reconhecer diferenças?

Provavelmente sim. Em vez de partir do pressuposto de que o homem e a mulher são iguais, talvez o feminismo devesse partir da idéia de que eles são diferentes. Carreiras, atitudes, papéis no relacionamento sexual, tudo isso poderia então ir sendo distribuído num princípio de igualdade. O papel de A em relação a B deve ser igual ao de B em relação a A se as relações se invertem.

Isso pressupõe, naturalmente, oportunidades iguais de treinamento e de aprovação de aptidões. A discriminação sexista contra a mulher está na negação de tais oportunidades, não na admissão hipotética de que pode haver diferenças inatas de aptidão entre os sexos.

Igualmente importante é julgar os aspectos individuais da questão. Estaticamente os homens são mais altos e mais fortes do que as mulheres. Mas isso não significa que certas ocupações, onde tais requisitos se impõem, devam ser reservadas aos homens. Afinal, muitas mulheres são tão altas e mais fortes do que muitos homens. Os requisitos, portanto, deveriam ser buscados na pessoa que os possuísse, não exclusivamente no grupo onde ocorram predominantemente.



■ **A divisão tradicional de trabalho não se baseia no exagero deliberado das diferenças sexuais?**

Que as diferenças naturais entre os sexos têm sido exageradas, não há dúvida. Não apenas os homens procuram tornar mais óbvios seus caracteres, como também a mulher tende a acentuar os seus. E algumas dessas diferenças (por exemplo, tendência do homem a usar cabelo mais curto) certamente não são naturais e sim mantidas por seu valor emblemático, às vezes como distintivo de um status privilegiado da "classe" homem em relação à "classe" mulher.

Também parece óbvio que as mulheres têm sido um grupo militarmente subjugado pelo dos homens. Isto é, a diferença de força física e na aptidão de combate tem permitido ao homem explorar a mulher e fruir privilégios jus-

tificados pelo pretexto de uma superioridade não apenas física, como também intelectual e até moral.

■ **Se houvesse plena igualdade de oportunidades, homens e mulheres teriam a mesma situação social?**

Uma vez que não há nenhum precedente histórico de tal igualdade, ninguém pode garantir que homem e mulher um dia repartirão em plena igualdade os benefícios e responsabilidades sociais. Talvez sim, talvez não.

O experimento social que mais ferrosamente perseguiu esse objetivo foi o dos *kibbutzim* de judeus da Palestina (hoje Israel). Num *kibbutz*, até a década de 40, a proposta era a de uma organização social comunista sem família e com plena igualdade entre os sexos: de modo geral nenhuma



dade era reservada exclusivamente aos homens.

Essa atitude ideológica levou as mulheres da primeira geração a partilharem com os homens tanto tarefas braçais quanto o trabalho político e administrativo das comunidades. Pouco, porém, o crescente número de mulheres qualificadas passou a preparar papéis tradicionais, embora modificados, e a rejeitar oportunidades de participação nas decisões gerenciais e políticas. Hoje, os homens dos *kibbutz* voltaram a predominar nessas atividades.

A ascensão profissional da mulher não poderia causar desemprego maciço entre os homens?

Talvez. A feminista Germaine Greer, no início da década de 70, já fi-

zera essa advertência a suas companheiras: o rápido deslocamento de mulheres em larga escala, do lar para a empresa, poderia elevar repentinamente a oferta de mão-de-obra, de modo a não haver emprego para todos. As altas taxas de desemprego dos países industrializados, no início da década de 80, pareciam confirmar esse receio.

Mas a questão é complexa, obscura e suspeita. Os mais eminentes economistas estão em desacordo entre si quanto às causas da crise econômica do início dos anos 80. Também é possível que muitos machistas, guardiães de privilégios masculinos, meramente tenham aproveitado a ocasião para fazer das feministas o bode expiatório de uma conjuntura desfavorável. É uma idéia sedutora para os homens responsáveis pelo problema.

Mas, mesmo que a acusação fosse procedente, as mulheres teriam pelo menos dois argumentos em seu favor:

1) o de que o preço da prosperidade não pode recair apenas sobre a mulher, como recai quando a forçamos ao trabalho doméstico não remunerado ou a uma inatividade auto-anuladora; 2) o de que toda sociedade pode adaptar-se para permitir a integração da mulher (afinal, um fator de produção e de consumo), desde que os recursos sejam apropriadamente distribuídos e aplicados. A dificuldade está apenas em abolir privilégios econômicos que geram desperdício na medida em que desviados de suas finalidades sociais para satisfação arbitrária e até extravagante de desejos individuais.

Veja também: DIFERENÇAS PSICOLÓGICAS ENTRE OS SEXOS; FEMINISMO: GÊNERO; HETEROSSEXUALIDADE.

INVERSÃO DE PAPEIS INVERÇÃO DE PAPEIS

Secretária, vendedora ou torneira mecânica — homens e mulheres podem realmente fazer uma livre opção?

Hoje, em quase todos os países do mundo, as leis garantem oportunidades e remuneração iguais para homens e mulheres, desde que desempenhem o mesmo tipo de trabalho. Mas, na realidade, as coisas ainda estão bem longe de serem justas como a lei manda. Afinal, são raras as agências de mulheres mecânicas ou diretoras de empresas e homens secretários ou ferreiros.

Será que são as mulheres e não os homens quem não querem ser mecânicos ou os homens quem não querem nessa profissão? Será que, apesar de nos termos liberais nessa questão, a simples idéia de uma mulher assumir a direção de uma empresa ou deslizar sob um caminhão, toda coberta de graxa, ainda nos causa choque?

Parece que estamos tão preocupados por esses estereótipos sociais que reagimos por instinto que pelo intelecto. E de onde vem esse sentimento de repulsa à inversão de papéis masculinos e femininos?

CONDICIONAMENTO

Junto aos estudiosos, o que determina a imagem do comportamento masculino e feminino não é nossa própria natureza, e sim o condicionamento social que recebemos desde a infância. Esse estereótipo começa no momento em que nascemos.



IAN DICKS



PARA O MENINO, ROSA PARA A MENINA. A COR DA ROUPA DO BEBÊ ESTABELECE CONCEITOS.

Para meninos, rosa para meninas — a roupinha dos bebês já estabelece um conceito. Mais tarde isso será estabelecido pelas cantigas de ninar, pelos brinquedos e pela cor de cada coisa.

Como a bela adormecida que é despertada de seu sono por um príncipe ativo depois de ter superado todos os obstáculos, aparece a menina e a desgrata a esgata-la. As heroínas das histórias para meninas são talentosas bailarinas ou bordadeiras, mas também piloto de avião ou corredora de Fórmula 1.

Quando uma menina prefere brincar com um caminhão antes em vez de se divertir com bonecas, será rotulada de moleque. Já um menino que brinca com bonecas causará preocupação: quem ele tem tendências homossexuais? E assim o conceito se perpetua.

Entanto, nas duas últimas décadas mundiais em que os homens tiveram que largar as profissões para lutar nos campos de batalha, as mulheres precisaram ocupar o lugar deles.

Elas foram trabalhar em fábricas de munição, lidaram com armas de fogo e provaram ser tão capazes de desenvolver habilidades mecânicas como seus irmãos, pais, maridos e namorados ausentes.

As crianças menores ficavam em creches subvencionadas pelo governo, enquanto as mulheres assumiam cargos nas fábricas. Porém, assim que as guerras acabavam, os homens retornavam e exigiam seus trabalhos de volta. E as mulheres reassumiam seus papéis tradicionais de dona-de-casa, costureira, enfermeira, quando muito secretária ou operária de fábrica de tecelagem.

Na União Soviética (que perdeu milhões de soldados nas duas guerras), homens e mulheres trabalham lado a lado em canteiros de obra; e nos Estados Unidos não é raro mulheres trabalharem nas minas.

Os homens, de um modo geral, são fisicamente mais fortes que as mulheres. Porém, na nossa era tecnológica, poucos trabalhos exigem

tanta força muscular. Consequentemente, parece ilógico um trabalho ser oferecido discriminadamente para homens ou mulheres.

INVERSÃO DE PAPÉIS

A linha divisória entre os papéis masculinos e femininos — que já foi bem mais definida — está começando a se desvanecer. Hoje, é cada vez maior o número de mulheres fazendo trabalhos tradicionalmente masculinos e vice-versa.

No lar, os casais parecem estar se conscientizando dos benefícios provenientes dessa mudança de atitude. Os homens passaram a ter mais tempo para conhecer e curtir seus filhos, e as mulheres de ter um trabalho fora, realizando-se como seres humanos e contribuindo para o sustento do lar. O relacionamento no qual nenhum dos parceiros exerce o papel de machão é, sem dúvida, mais gratificante.

MULHERES EM NOTÍCIA

Até a metade da década de 60, os papéis masculinos e femininos na sociedade eram estritamente definidos, e qualquer desvio virava notícia.

E assim aconteceu quando, em 1974, na Inglaterra, apareceu a primeira motorista de ônibus e, em 1981, quando se permitiu pela primeira vez a presença de mulheres na Bolsa de Valores de Londres.

Para os homens também não foi fácil serem aceitos dentro de profissões tradicionalmente femininas, como enfermagem, por exemplo. Porém, nos últimos anos houve uma grande mudança de comportamento, sobretudo devido aos movimentos feministas e à popularização da pílula anticoncepcional. Cientes da possibilidade de evitar uma gravidez indesejada, as mulheres começaram a questionar tanto o seu papel na sociedade quanto a



SE UMA MENINA PREFERE BRINCAR COM UM CAMINHÃO BASCULANTE EM VEZ DE SE DIVERTIR COM BONECAS, VÃO CHAMÁ-LA DE MOLEQUE.

se de seu relacionamento com o sexo oposto. A partir daí, tornou-se possível escolher entre uma carreira e a eternidade ou ambas as coisas.

O antigo pressuposto de que o homem nasceu para o provedor e a mulher a dona-de-casa foi altamente contestado.

Embora fosse comum as mulheres trabalharem fora antes do casamento, em geral o provedor era considerado uma função provisória. Espera-se que em pouco tempo ela retomassem seu papel "natural" na vida, de esposa e mãe. Por isso mesmo, as mulheres escolhiam profissões que exigiam muito esforço e dedicação. Qualquer coisa que pudessem abandonar sem sofrimento assim que aparecesse o marido. No fim das contas, seguiam carreira de professora primária que, em vez de dar uns trocados, só pagava meio período. Vai ver que é exatamente por isso que a remuneração de

professor é tradicionalmente tão baixa: porque era "coisa de mulher"

MULHERES EM MOVIMENTO

No início dos movimentos feministas, homens e mulheres se alarmaram com suas idéias. Mas, aos poucos, sua ideologia foi se infiltrando nos lares comuns.

A partir daí deixou de parecer um escândalo uma mulher querer trabalhar fora e ser considerada, social e intelectualmente, igual ao homem. Assim, começaram a questionar seus papéis e seus relacionamentos.

Muitos homens sentiram-se ameaçados pela nova onda de protestos femininos. Eles sempre seguraram a porta para a mulher passar. E agora? Não sabiam mais o que se esperava deles, assim como muitas mulheres sentiram-se inseguras quanto ao seu novo papel na sociedade, sobre como deveriam pensar e agir.



A ESCOLHA DOS PATRÕES COSTUMA RECAIR SOBRE O MAIS QUALIFICADO, MAS DIFÍCILMENTE UM HOMEM OBTERÁ UM EMPREGO DE SECRETARIA E UMA MULHER DE MOTORISTA.

ROMPER AS REGRAS

Sem dúvida, desde sempre e em todo mundo alguns casais já partilhavam de modo liberado suas vidas, mas tendiam a pertencer à classe artística ou intelectual. Essas pessoas sempre foram consideradas diferentes, e as únicas que eram toleradas. Por não seguir as regras tradicionais da sociedade, frequentemente eram personagens de notícias e tinham suas vidas particulares devassadas por leitores ávidos por saber como, quando e por que faziam certas coisas que a eles nem era dado pensar.

No entanto, se um casal com ocupações menos glamourosas fizesse apenas uma dessas coisas, seria um convite às críticas e à hostilidade geral.

Os pais de Débora eram professores. Ela se lembra da reação das pessoas quando a mãe recebeu o convite para dirigir a escola: "Eles decidiram que meu pai deveria optar por lecionar apenas meio período para dar assistência à casa e aos filhos na ausência de mamãe. A família e os

amigos ficaram em polvorosa e me lembro de um tio dizendo que não era certo o pai ir buscar os filhos na escola em vez de a mãe. Mas eles não deram ouvidos aos palpites. E hoje meus irmãos e eu lembramos dessa época como uma das mais gostosas da nossa infância".

Mesmo quando há boas razões para os casais organizarem suas vidas de acordo com suas necessidades, muitas pessoas parecem estar sempre prontas para desaprovar aqueles que não seguem a regra geral da sociedade.

O modelo ocidental de papéis masculinos e femininos não é universal. Na África, por exemplo, é muito comum o homem ficar cuidando da casa, enquanto a mulher sai para caçar, cultivar a terra e pescar.

UMA GUERRA DESIGUAL

O preconceito sexual ainda persiste sobretudo nas áreas consideradas exclusivamente masculinas. Célia trabalhava como ajudante numa oficina mecânica, e levou nove me-



IAN DICKS

Quando nenhum dos parceiros exerce o papel de machão, o relacionamento é ser bem mais gratificante.



**A RESOLVEU TRABALHAR NUMA
OFICINA MECÂNICA, MAS LEVOU NOVE
DIAS PARA SER ACEITA PELOS COLEGAS.**

para ser aceita pelos seus colegas. As primeiras três semanas foram as piores. Nenhum falava comigo e as minhas ferramentas desapareceram misteriosamente. Célia decidiu ser mais persistente que eles, mas não foi fácil. Quando conheci a consciência de que eu era boa na profissão, meu pai tinha uma oficina mecânica nos fundos da nossa casa e eu costumava ajudá-lo e meus irmãos a reparar carros desde criança. Pretendia montar a minha própria quando fosse maior. Por isso mesmo fui perfeccionista numa grande oficina, mas como mulher eu me senti intrusa naquele ambiente inteiramente masculino: eles me queriam fora quando seus colegas perceberam que ela não iria aceitar o emprego, decidiram mudar de tática. Alguns falavam besteiras e eu entrava na oficina contavam piadas engraçadas, geralmente envol-

vendo "mulher-macho". A guerra estava armada, e eu tinha que vencê-la. De forma alguma eu enfrentaria tudo isso de novo para trabalhar em outra oficina. Finalmente, os homens acabaram se convencendo de que Célia era uma pessoa séria no seu trabalho, eficiente e estava ali para ficar. Pouco a pouco o ambiente se amenizou, e ela começou a ser tratada como uma pessoa igual a eles. "Não tenho ressentimento. Estou certa de que era o medo que os tornava tão grosseiros. Eles sempre trabalharam alegremente, todos os homens juntos, até eu aparecer. Eles me viam como uma ameaça. Hoje já tenho a minha própria oficina e dois dos meus antigos colegas, que tanto me aborreciam, trabalham comigo." Oferecer a todos oportunidades iguais de trabalho e salários seria o ideal, mas, de acordo com os estudiosos, isso ainda vai demorar. A alta taxa de desemprego colabora para essa situação, pois

tanto os patrões quanto os empregados não desejam afrouxar a velha linha divisória entre trabalhos masculinos e femininos. Se há cinco candidatos para o mesmo cargo, o patrão fará a escolha com base nas qualidades de cada um, porém é pouco provável que ele empregue um homem como secretária ou uma mulher como motorista.

**DIVIDIR
O TRABALHO**

Nos lares modernos é mais fácil encontrar um esquema de divisão de trabalho.

Na Inglaterra existe uma organização chamada New Ways to Work (Novas Oportunidades de Trabalho) que encoraja a maior flexibilidade nos horários de trabalho. Por meio dessa agência, centenas de casais encontraram a maneira ideal de dividir igualmente o trabalho doméstico, os cuidados com as crianças e as atividades fora de casa.

Muitas empresas descobriram ser melhor, para a produtividade e o bem-estar de seus empregados, eles serem contratados para trabalhos de meio período apenas.

No Brasil, poucas atividades profissionais permitem horários flexíveis: quase todos exigem oito horas, quando não mais. Mas em pequenas empresas, onde o acesso ao patrão é mais fácil, é sempre possível tentar, como atestam Felipe e Ana. Ambos são artistas gráficos e cada um trabalha meio período na mesma empresa.

A idéia nasceu quando tiveram o primeiro filho. O patrão concordou e o arranjo foi feito.

"Nossa renda baixou, mas em compensação não precisamos pagar outra pessoa para tomar conta do bebê", explica Ana.

"Meu pai nunca empurrou um carrinho de bebê nem trocou uma fralda. Na minha opinião, ele perdeu muito com isso", acrescenta Felipe. "Tomás é nosso filho e eu também quero curtir-lo."

Para Ana ainda existem outras vantagens.

"O casamento é um compromisso de partilha de vidas. Mesmo assim, muitos casais levam as suas completamente separadas. Felipe e eu temos uma clara com-

IAN DICKS



ensão dos problemas conosco porque nós dois os experimentamos."

"Nós preservamos nossa individualidade apesar de fazermos as mesmas coisas", Felipe. "Temos nossas experiências, nossa própria maneira de cuidar do bebê e mesmo de executar o trabalho."

O estilo de vida de Ana e de Felipe pode não servir de modelo para todo mundo, mas é uma pequena amostra da experiência de outras pessoas que pode ser um bom exemplo.

ENFERMEIROS TEMPORÁRIOS

Ana e Sandra admitem que elas não teriam considerado a inversão de papéis se não tivessem perdido o emprego dois meses após o nascimento das filhas gêmeas. "Fiz um acordo com a fábrica onde trabalhava e pude voltar se desejasse. Como eu não conseguia outro emprego, não tivemos opção", conta Sandra.

"Meu primeiro dia de trabalho em casa foi terrível", contou Celso. "De repente me vi sozinho tendo

que lavar, passar, arrumar, cozinhar e cuidar das gêmeas. Ainda bem que a Sandra foi bem compreensiva, ensinando e ajudando depois que voltava do trabalho."

Hoje, três anos depois, Celso tem um emprego de tempo integral e Sandra voltou a cuidar da casa e das crianças. Para ambos, essa experiência teve seus problemas, mas fariam tudo de novo se fosse necessário.

Arcar com as tarefas domésticas e cuidar das crianças não foi tão ruim para Celso como ter que se acostumar com a perda do status.

"Como gerente de vendas, eu era o chefe de um grupo de representantes. Era um trabalho difícil, mas eu gostava. O poder e a responsabilidade do cargo eram importantes para mim. Gerenciar uma casa não é uma atividade menos exaustiva, porém não é reconhecida e não existe perspectiva de promoção."

"Não me arrependo de ter ficado esse tempo em casa, especialmente porque me aproximei muito das meninas. Contudo, enquanto o trabalho doméstico não for

reconhecido e remunerado, nunca lhe será dado o devido valor."

Para Sandra, o problema era a culpa. "Celso era competente para tomar conta das gêmeas, mas no fundo eu achava que essa atividade devia ser minha. Minha mãe tinha uma opinião irredutível a esse respeito. Ela ficaria chocada se meu pai se oferecesse para fazer o almoço de domingo. A cozinha não era lugar para homens, e de certa forma eu devo ter absorvido esse comportamento."

"Estou feliz em ser mãe 24 horas por dia, pelo menos até as crianças terem idade para ir à escola. É tolice um casal fixar-se em velhos preconceitos quando as necessidades práticas e reais exigem mudanças."

MASCULINO, FEMININO OU AMBOS?

Segundo os psicólogos, é emocionalmente perigoso o homem negar o lado feminino de sua personalidade. O mesmo vale para as mulheres que tentam sublimar a agressividade natural, tida como atitude masculina existente nelas. Biológica, física e emocionalmente, homens e mulheres são mais parecidos do que pensamos: na concepção a diferença entre os sexos é determinada por um simples cromossomo. E a partir da puberdade ambos os sexos segregam hormônios masculinos e femininos.

FEMININO EM DESFILE

Em alguns períodos da história, as imagens exageradas e irreais de masculinidade e feminilidade foram amplamente aceitas na sociedade.

Na época em que reinou a rígida Rainha Vitória, na Inglaterra (1837-1901), a mulher era idealizada como pura e intocável. O uso das volumosas saias de crinolina formavam uma barreira para

qualquer contato físico.

Já na década de 50, a moda passou a valorizar os seios, quadris e nádegas femininos. As deusas eróticas do cinema eram admiradas mais por suas acentuadas curvas que pelo talento.

No entanto, a partir da década de 70, a moda direcionou-se para uma silhueta mais andrógena. Talvez isso seja um reflexo de uma sociedade menos rígida em relação aos papéis femininos e masculinos. As mulheres já podiam ser magras e elegantes. O sutiã de bojo saiu de moda, enquanto os jeans unissex tomaram lugar nas prateleiras das lojas de roupa de quase todo o mundo.

A partir dos anos 80 passou a valer tudo. Enquanto o cantor Boy George aparece no palco vestido de mulher, a princesa Diana vai a um jantar de gala em trajes masculinos.

MENTE ABERTA

Na verdade, o machão ainda tem seu prestígio, mas o homem que cozinha ou brinca com crianças não é considerado menos viril. E poucas são as mulheres que ainda esperam um homem para trocar um pneu ou uma lâmpada.

Os críticos dessas mudanças afirmam que elas desestabilizaram a sociedade, tornando-a menos confiável. Para esses ferrenhos conservadores, os homens e mulheres eram mais felizes quando cada um tinha o seu lugar, e "um homem era homem com agá maiúsculo".

Mas é tão impossível mudar o curso da História como a sociedade permanecer estática. Um dos grandes desafios sociais é manter a mente aberta em relação aos papéis e assim poder descartar estereótipos e aceitar os novos conceitos sobre o que significa ser um homem ou uma mulher no mundo, hoje. ♡

MINHA MAE FICARIA HORRORIZADA
MEU PAI SE OFERECESSE PARA FAZER
O ALMOÇO DE DOMINGO.



IAN DICKSON